



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

Relatório do Trabalho de Projeto de Mestrado
NOVAS CENTRALIDADES

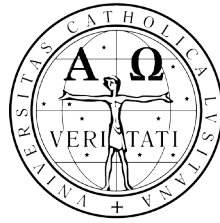
interpretação da ruralidade vs turismo

arte e ofício | centro de interpretação e forja
por: César Pereira

Orientadora: Doutora Arquitecta Ana Pinho
Tutor: Mestre Victor Mestre

Setembro de 2014





UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

RELATÓRIO DO TRABALHO DO PROJECTO DE MESTRADO

NOVAS CENTRALIDADES

Interpretação da ruralidade vs turismo
Arte e ofício | centro de interpretação e forja

por: César Diogo Nogueira de Almeida Pereira

Orientadora: Professora Doutora Ana Cláudia Pinho
Tutor: Mestre Victor Mestre

Setembro de 2014

A iniciativa TERRA AMADA, promovida pelo Mestrado Integrado em Arquitectura de Arquitectura da Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional das Beiras, centra-se no desenvolvimento de acções de voluntariado num estaleiro-escola, abertas à participação de alunos de cursos de arquitectura nacionais e estrangeiros, com o objectivo de realizar intervenções em aldeias rurais de conservação e reabilitação, que sejam identificadas pelas comunidades locais, como sendo essenciais para dar resposta às necessidades mais prementes do aglomerado, em particular no que respeita a melhorar a qualidade de vida das populações, conservar e reabilitar o património material e imaterial (ligado às artes e ofícios tradicionais) e contribuir para o desenvolvimento local.

Pretende-se ainda com estas acções de voluntariado sensibilizar os alunos de arquitectura para as temáticas relacionadas com o desenvolvimento dos territórios rurais e para a importância da coesão social e territorial, bem como dar-lhes a oportunidade de contactar directamente com os processos, técnicas e materiais de construção tradicionais ao mesmo tempo que contribuem de forma concreta e visível para a melhoria da qualidade de vida das comunidades com as quais vão habitar e trabalhar durante o tempo de execução da intervenção.

Contacto:

Universidade Católica Portuguesa
Departamento de Arquitectura

Estrada da Circunvalação
3504 - 505 Viseu
Portugal

Tel: +351 232 419 500

Fax: +351 232 428 344

E-mail: infoterraamada@gmail.com

AGRADECIMENTOS

À orientadora professora doutora Ana Pinho pelo apoio incondicional em todas as etapas deste estágio, pelas inúmeras conversas tanto em sala de aula como em obra e pela força contagiante. Agradeço ao tutor arquitecto Victor Mestre por toda a experiência, boa disposição e as frases informais com as quais muito aprendi. Aos dois, obrigado pela paciência e dedicação.

Aos meus colegas de estágio e amigos, Ricardo Duarte e Ricardo Silva, por serem a espora deste estágio, partilhando comigo todas as amarguras e vitórias do mesmo.

Aos voluntários e técnicos pela força aquando a iniciativa, especialmente ao Sr. Paulo e ao Sr. Adérito. Aos habitantes de Vale de Papas pela sua genuidade.

Agradeço aos professores que me marcaram ao longo do curso académico e todo o conhecimento que partilharam, incentivando-me a gostar cada vez mais de arquitectura e a reflectir sobre ela.

À universidade, como instituição, que me forneceu inúmeras oportunidades e experiências no ensino da arquitectura. Ainda no seio da universidade, agradeço a toda a comunidade académica, especialmente ao Magnum, conselho que me fez viver a vida académica de forma intensa e que dela retiro ensinamentos de vários valores que me acompanharão para a vida. De frisar, um especial obrigado ao meu padrinho Carlos, Johnny e aos meus afilhados.

Aos meus amigos da turma de 2009, que sempre me acompanharam e perceberam, nas melhores e piores fases, agora e no futuro. À Gui, João A., Jibi, Costa, Marco e Mac por terem aguentado tantas horas de dúvidas e desabafos ao longo deste estágio. Obrigado!

Aos meus amigos da serra, Alexandre, Vasco, Malafaia e Emanuel por me mostrarem ao longo dos anos como se mistura humildade com ousadia.

Por fim, à minha família, especialmente aos meus pais e à minha irmã pela compreensão, carinho e paciência que tiveram ao longo do curso, peço desculpa pelas “inevitáveis” falhas. À Palmira e Maria, as melhores avós que alguém pode ter (cada uma com a sua personalidade).

Aos que não estão.

Ficarei sempre grato pela ajuda prestada nesta fase da minha vida, que agora se conclui.

Fig.1: Esquisso geral da aldeia (Fonte: do autor)



“Em Ercília, para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as arestas das casa, brancos ou pretos ou cinza ou pretos-e-brancos, de acordo com as relações de parentesco, troca autoridade, representação. Quando os fios são tantos que não se pode mais atravessar, os habitantes vão embora: as casas são desmontadas; restam apenas os fios e os sustentáculos dos fios.”

(Calvino 1972, p. 32)

RESUMO

O património rural tende, no presente século, a uma menor utilização por parte da sociedade, esta cada vez mais urbana. A globalização, o crescimento exponencial das cidades e o crescente êxodo rural têm vindo a causar a desertificação dos espaços rurais. As economias locais, maioritariamente de produção agrícola, não têm por seu lado muitas possibilidades de se afirmar como uma fonte de rendimento e estímulo social dos espaços rurais, resultando numa sociedade em que a passagem do tempo tem deixado marca. Uma das estratégias, responsabilidade e prioridade para os novos arquitetos e técnicos deverá passar por perceber e conhecer a fundo estas realidades e encontrar uma linha de ação que seja proveitosa para os espaços rurais e para o espaço cultural e social que ocupam na sociedade.

O desenvolvimento sustentável e a revalorização do espaço rural são premissas basilares para o presente trabalho, que consiste no desenvolvimento de projetos executáveis que têm em comum alcançar premissas como a aprendizagem, o valor do património e o conhecimento da sociedade rural. O apoio de empresas e serviços de conservação e reabilitação, bem como a sabedoria popular de mestres de obras, juntamente com estudantes de arquitetura como voluntários, executam os projetos desenvolvidos pela equipa organizadora, numa mútua aprendizagem e conhecimento ao nível da construção, técnicas tradicionais e até mesmo o encontro entre os modos de vida de quem habita e de quem intervém.

É nesta ambiência rural e de participação activa que esta prova final de mestrado se encontra com a Iniciativa Terra Amada. A aldeia escolhida para este ano, Vale de Papas, no concelho de Cinfães, foi um local de reflexão da mesma, onde se transmiram as suas mensagens e histórias, os modos de vida e as técnicas tradicionais, promovendo um desenvolvimento efectivo da aldeia, num conjunto de intervenções, referentes a este estágio, que serão pontos de encontro para a população local.

A atitude da iniciativa e das suas intervenções vai assim para além do cariz local, podendo transcender-se a outras aldeias do concelho e mesmo do distrito. Este tipo de intervenções não pretendem “modernizar” a sociedade local, mas sim representar o que esta tem para mostrar, o conhecimento e sabedoria popular.

A Iniciativa Terra Amada é assim, para além de um conjunto de intervenções uma ferramenta social, económica, profissional, cultural e turística, para além de um lugar de aprendizagem humana e profissional, e uma mais-valia do enquadramento do estágio curricular.

PALAVRAS CHAVE: ruralidade, interpretação, ofício, reabilitação, património, desenvolvimento local

ABSTRACT

In the present century the rural Heritage tends to a lower utilization by the society, increasingly more urban. The globalization, the cities exponential growth and the gradual heightening rural exodus has been causing the desertification of the rural spaces. Otherwise the local economies mainly from agriculture production do not have many ways to stand out for themselves as a source of income or a social stimulus of the rural spaces subsequently leading to a society whose time passage has left its mark. One of the strategies referring to the responsibility and priority to the new architects and technicians, should start by the understanding and acknowledgement in detail of this realities plus finding an efficient line of action for the rural spaces and for the cultural and social roles they play in society.

The sustainable development and the value of the rural space are fundamental assumptions to the present work, that consists on the development of executable projects which have in common to reach assumptions as learning the heritage value and the knowledge of the rural society, the companies and services of conservation and rehabilitation, the traditional knowledge of the old school masters in addition to the architecture students as volunteers who accomplished the projects developed by the main team on a mutual learning experience and learning when it comes to construction, traditional techniques and finally the contact and blend between the habitants lifestyle and the ones who intervene.

In fact it is between this rural ambience and the active participation that the Final Masters Step matches the Terra Amada Initiative. Following that it is expected that the village chosen for this year, Vale de Papas, in the municipality of Cinfães will have a particular place of reflection where stories are told, the lifestyles and traditional techniques promoting an effective development in the village, a number of interventions relating to this stage, which will be meeting places for local people.

The initiative and its interventions go beyond the local meaning, it may even reach other villages of the municipality and the district. This type of interventions do not intend to “modernize” the local society but instead to represent the best they have, the knowledge and popular wisdom.

This is what Terra Amada Initiative is about beyond a set of interventions is also a social, economic, professional, cultural and tourism tool.

KEYWORDS: rurality, interpretation, crafts, rehabilitation, heritage, local development

RÉSUMÉ

Le patrimoine rural tend, dans ce siècle, à moins utilisés par la société, ce de plus en plus urbaine. La mondialisation, la croissance exponentielle des villes et l'exode rural et l'augmentation progressive ont été à l'origine de la désertification des zones rurales. Les économies locales, la production essentiellement agricole, ont beaucoup de par son côté de s'affirmer comme une source de revenu et leur stimulation sociale des zones rurales, résultant dans une société où le passage du temps a fait leur marque. Une des stratégies, la responsabilité et la priorité pour les jeunes architectes et techniciens doivent passer par l'avis et connaître le contexte de ces réalités et trouver une ligne d'action qui est bWénéfique pour les zones rurales et à l'espace culturel et social qu'ils occupent dans la société.

Le développement durable et l'amélioration des zones rurales sont les hypothèses de base de cette étude, qui est le développement de projets exécutables qui ont des hypothèses communes en vue de réaliser l'apprentissage, valeur du patrimoine et de la connaissance de la société rurale. Le support des matériaux et des services spécialisés en matière de conservation et de réhabilitation, ainsi que la sagesse populaire des entreprises contremaîtres, avec des étudiants en architecture en tant que bénévoles, gèrent les projets développés par l'équipe d'organisation, l'apprentissage mutuel et la connaissance au niveau de la construction techniques traditionnelles et même la réunion entre les modes de vie de ceux qui vivent et qui intervient.

C'est cette participation active et l'ambiance rurale que cette confrontation Master répond Initiative Terra Amada. Il est à espérer que le village choisi pour cette année, Vale des Papas, dans le comté de Cinfães, a un reflet local de la même, où transmettre leurs messages et des histoires, des modes de vie et les techniques traditionnelles, la promotion du développement efficace village, un certain nombre d'interventions relatives à ce stade, qui sera des lieux de rencontre pour les populations locales.

L'attitude de l'Initiative et interventions va donc au-delà du caractère local et peut transcender d'autres villages dans le même comté et district. Ces interventions ne sont pas destinés à «moderniser» la société locale, mais représentent plutôt ce que cela a à montrer une connaissance et de la sagesse populaire.

L'Initiative terre bien-aimée est ainsi, au-delà d'un ensemble d'interventions est aussi un outil social, économique, professionnel, culturel et touristique.

MOTS-CLÉS: ruralité, de l'interprétation, de l'artisanat, la réhabilitation, le patrimoine, le développement local

ÍNDICE

| | | | |
|--|-----------|-----------------|---|
| Introdução..... | 20 | 78..... | PARTE II ESTÁGIO ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS |
| PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO..... | 24 | 80..... | Fase de projecto. Dúvidas e certezas |
| Conservação do Património. | | 84.. | Centro de Interpretação de Artes e Ofícios |
| O passado e presente..... | 26 | | Conceito |
| Património cultural imaterial..... | 28 | | Espaço de convívio |
| Intervir em património arquitectónico..... | 34 | 102..... | Espaço de exposição |
| Da cabana ao curral..... | 38 | | A esteira Módulos de separação |
| A casa serrana tipologia..... | 40 | | Espaço de divulgação |
| Colmar..... | 44 | 118..... | Forja |
| Turismo e ruralidade (in)Compatibilidades.. | 48 | | Conceito e intenção |
| Quem habita, quem visita..... | 54 | | Acessos exteriores e muro |
| Reviver Vale de Papas. A aldeia-museu?..... | 56 | 142..... | O fole e o forno |
| Intervenientes e utilizadores..... | 60 | | Obra |
| Fundação da Iniciativa Terra Amada..... | 62 | 146..... | Sinalética Percursos pedestres |
| Vale de Papas..... | 70 | | Conceito. Interações entre entidades |
| O espaço e ambiente natural..... | 72 | 148..... | Tarefas |
| A sociedade identidade locais..... | 76 | | Direcção de obra |
| | | 154..... | PARTE III CONCLUSÕES FINAIS |
| | | 156..... | Fontes bibliográficas |
| | | 160..... | Anexos |
| | | | Tarefas Estágio |
| | | | Painéis |
| | | | MAEC Centro de Interpretação |
| | | | MAEC forja |
| | | | ICOMOS (2007) |
| | | | Estágio pormenores de obra |
| | | | Estudo das escada Arestalfer |

- Fig.1 - p.8 : Esquisso geral da aldeia
- Fig.2 - p.22: Primeira impressão em Vale de Papas
- Fig.3 - p.26: Pormenor cobertura em colmo
- Fig.4 - p.28: As crossas nas vacas
- Fig.5 - p.30: D. Florinda a lavar roupa pela manhã
- Fig.6 - p.32: Sr. Manuel a “ir para o monte”
- Fig.7 - p.34: Pormenor cobertura em colmo
- Fig.8 - p.36: Centro hist. Viseu-estruturas de suporte a prédio devoluto
- Fig.9 - p.37:Aldeia abandonada de Antas, Lamego
- Fig.10 - p.38: Sequência histórica da cabana
- Fig.11 - p.40: Mapa tipológico zona 3 dp Inquérito à Arquitectura Portuguesa
- Fig.12 - p.42: Edifício de Vale de Papas
- Fig.13 - p.43: Cortes esquemático tipologia
- Fig.14 - p.44: Colmagem do Sr. Manuel-várias etapas
- Fig.15 - p.46: Esquema da colmagem- pormenores
- Fig.16 - p.50: Petra, Jordânia-consequências do Homem
- Fig.17 - p.52: Impactos no espaço rural
- Fig.18 - p.54: Cedência de valores-antagonias
- Fig.19 - p.56: Projecto tripartido, um objectivo
- Fig.20 - p.58: Objectivos dos intervenientes
- Fig.21 - p.60: Ambientes do quotidiano de Vale de Papas
- Fig.22 - p.62: Panorama de Covas do Monte
- Fig.23 - p.64: Ambientes em Covas do Monte
- Fig.24 - p.66: Vista da rua principal da aldeia
- Fig.25 - p.68/69: Panorâmica de Vale de Papas, vertente norte
- Fig.26 - p.70: Apanha do centeio ao fim da tarde
- Fig.27 - p.71: Vacas a pastar
- Fig.28 - p.72: Planta do crescimento da aldeia
- Fig.29 - p.74: Vista aérea de Vale de Papas
- Fig.30 - p.75: Tipologias da arquitectura e espaços públicos
- Fig.31 - p.76: Ti Maria Rosa, numa longa mas normal paragem à sombra
- Fig.32 - p.79: Sr. António Costa com o traje de pastor
- Fig.33 - p.82: Materialização dos projectos
- Fig.34 - p.84: Pormenor do beirado do Centro
- Fig.35 - p.86/87:Edifício escolhido para o Centro-localização e implantação
- Fig.36 - p.88: Axonometria dos três quadrantes
- Fig.37 - p.90/91: Alçado Nascente e Norte-projecto
- Fig.38 - p.92/93: Alçado Poente-projecto
- Fig.39 - p.94: Referência formal dos bancos
- Fig.40 - p.96: Planta piso térreo
- Fig.41 - p.97: Piso térreo-dois espaços, uma vivência
- Fig.42 - p.98/99: Ambiente espaço convívio-práticas tradicionais

LISTA DE FIGURAS

- Fig.43 - p.100/101: Ambiente espaço exposição-ferramentas
- Fig.44 - p. 102: Abrigo móvel em esteira, Sernancelhe
- Fig.45 - p.103: Abrigo móvel de duas esteiras com anteparo em absidiolo, Penamacor
- Fig.46- p.104/105: Módulos de separação
- Fig.47- p.106: Fotomontagem-explicação abertura de pavimento
- Fig.48- p. 108: Piso 1- espaço divulgação
- Fig.49- p. 109: Projecção de vídeo na parede construída
- Fig.50- p.110/111: Zona de venda-presença dos cabos
- Fig.51- p.112/113: Ligações visíveis entre pisos
- Fig.52 - p.114: Corte longitudinal pela porta dos habitantes
- Fig.53 - p.115: Corte longitudinalpela zona de exposição
- Fig.54 - p.117: Corte transversal- dois espaços Pormenores construtivos
- Fig.55 - p.118: Exterior e interior da forja-antes
- Fig.56 - p.120/121: Vista geral forja-localização
- Fig.57 - p.122/123: Alçados
- Fig.58 - p. 124: Projecto e realidade construída
- Fig.59 - p. 126: Axonometria dos espaços
- Fig.60 - p.127: Pormenores dos materiais distintos
- Fig. 61 - p.128/129: Exterior: sentido direccional
- Fig.62 - p.130/131: Escadas
- Fig. 63 - p.132: Pormenores da conservação e aplicação dos cabos
- Fig. 64 - p.134: Vista geral do interior
- Fig.65 - p.136/137: 3ºambiente da forja-arado exposição
- Fig.66 - p.138/139: Vista geral alçado Nascente e escada
- Fig.67 - p.140/141: Vista alçado principal-imagem final
- Fig.68 - p.142: Imagens processo Floema
- Fig.69 - p. 144: Sinalética - aplicação final dos vários elementos
- Fig.70 - p.145: “O coração TA I”
- Fig.71 - p.145: “O coração TA II”
- Fig.72 - p.145: “O coração TA III”
- Fig.73 - p.146: Dificuldades de trabalho em obra
- Fig.74 - p.148: Trabalho do Atelier Samthiago
- Fig. 75 - p.148: Colocação do colmo na forja
- Fig.76 - p.149: Lavagem da pedra
- Fig. 77 - p.150: Chegada da escada da Arestalfer
- Fig. 78 - p.150: Colocação das pedras no banco/muro
- Fig. 79 - p.151: Níveis de aprovação dos intervenientes
- Fig.80 - p.152: Uso do pneumático
- Fig.81 - p.152: Execução do murete

INTRODUÇÃO

OBJECTO | Como parte integrante da Iniciativa Terra Amada, foram desenvolvidos projectos que procuraram a harmonia entre quem está e quem vem, três projectos diversificados mas com um fio condutor entre eles. O Centro de Interpretação de Artes e Ofícios é o núcleo conceptual do estágio que se pretende que seja um espaço para usufruto dos residentes e para quem os queira visitar e conhecer. Este projecto tem uma componente turística muito vincada e teve a preocupação de fazer a ponte com a realidade local. O edifício escolhido com dois pisos (o rés do chão serve de curral e o piso superior de palheiro) possui ainda cobertura em colmo, um dos pontos cruciais para a iniciativa deste ano.

Paralelamente, foi ainda desenvolvido um projecto de conservação de uma pequena forja tradicional, existente na aldeia com parte significativa dos seus equipamentos ainda preservada, e que se pretende que tenha um papel pedagógico e de demonstração desta actividade após a sua intervenção. A sinalética das várias intervenções e percursos pedestres foi também parte integrante do estágio e do objecto a desenvolver, que tentou fazer mais uma vez a ligação coerente entre as gentes que englobam os propósitos e consequências da iniciativa.

Tendo em consideração os temas inatos a este tipo de projectos, como a turisficação, a conservação do património e até o próprio desenrolar da arquitectura popular sem arquitectos foi importante o seu estudo intenso para uma melhor consolidação dos três objectos, quer materializados ou não.

JUSTIFICAÇÃO | *O processo de valorização económica do património conduz, paradoxal e inexoravelmente, a uma desvalorização deste mesmo património (cultural), retirando-lhe muito do sentido cultural (Beschaouch, 2001 cit in. Amendoeira, 2013, p.55)*

Quer-se com os objectos deste estágio, combater o decréscimo e desvalorização cultural nos espaços rurais, com uma planificação meticulosa que foi elaborada pela iniciativa Terra Amada e pela Câmara Municipal de Cinfães. A economia que a Câmara pretende gerar, com a criação de um museu de artes e ofícios, no caso do Centro de Interpretação, é, na abordagem destes projectos, suavizada, tendo em conta os factores sociais, económicos e culturais, incrementando assim a continuação do bem-estar de Vale de Papas. Esta abordagem, sempre cumprindo os requisitos das entidades, foi também explorada na forja e sinalética.

Este estágio vai de encontro ainda a factores da actualidade em que vivemos, cada vez mais urbana. Pretende-se um olhar renovado sobre os espaços rurais, justificando-se assim a zona de intervenção, que está, tal como outras zonas rurais, em constante despovoamento e onde se vão perdendo, cada vez mais os valores patrimoniais e culturais, como referem os habitantes de aldeia.

Fundamentam-se assim os vários campos que este estágio almeja alcançar, desde valores patrimoniais, com a aprendizagem tradicional e técnica dos mesmos, e os valores sociais, na também aprendizagem, esta informal, da vida daquelas gentes.



Fig.2: Primeira impressão em Vale de Papas (Fonte: do autor)

OBJECTIVOS | Os projectos deste estágio, fragmentados mas pertencentes a um todo tiveram o principais objectivos de resgatar as memórias que prevalecem do património e passá-las para as gerações futuras, interrompendo o processo de degradação gradual das mesmas. Ao longo desse processo, as intervenções recriam espaços, temas e as suas próprias histórias que serão apresentados ao longo deste relatório. Pretende-se que, gradualmente, os objectos deste estágio sejam parte integrante da aldeia, sem desmistificá-la, e que pormenores simples dos projectos, com o o banco desenvolvido no exterior da forja, sirva a população envelhecida de Vale de Papas.

A experiência de entrar em contacto com as empresas, angariar materiais e mão-de-obra especializada dirigir a obra e aprender técnicas de construção, actuais e tradicionais (como a cobertura em colmo) evidenciam o intuito deste tipo de estágio.

Ao nível social, o desenvolvimento local sustentado e a criação de espaços que preservam o património imaterial e cultural da aldeia percebem-se assim, valores e objectivos, que mais que arquitectónicos, são humanos. Ao nível pessoal, a importância deste tipo de trabalho foi também estimulante, pois a possibilidade de execução e direcção de obra e um novo olhar sobre a ruralidade tornou o invulgar estágio exaustivo tanto antes, como durante a iniciativa. A possibilidade de interagir com as gentes da aldeia, os trabalhadores que nos ensinaram incessantemente as técnicas de construção, os voluntários da iniciativa que viam em nós alguém que conseguiria transmitir conhecimentos, tornou este estágio muito enriquecedor, enquanto estudante de arquitectura, mas acima de tudo enquanto futuro profissional.

METODOLOGIA | O estágio esteve sempre inerente à iniciativa Terra Amada, vindo dela os alicerces para a execução do mesmo. Na fase inicial, da escolha da aldeia, conversações institucionais e definição de programa e edifícios definiram-se os objectos deste estágio, que ao longo da programação, viu-lhe serem acrescentados novos desafios.

Nos meses próximos à iniciativa, foram sendo realizados os levantamento dos edifícios e respectivas anomalias, a realização dos projectos, pedido de materiais às empresas, rectificações no projeto, planeamento da obra, realização dos trabalhos prévios de preparação de obra e montagem do estaleiro e consecutiva direcção da obra. Um trabalho paralelo e multidisciplinar onde a entre-ajuda entre a organização foi crucial para a execução da iniciativa e conseqüentemente do estágio.

Quanto à realização da prova final e tendo em conta o desenrolar dos temas que iam sendo associados ao estágio, o tema escolhido foi “Novas Centralidades”, onde se englobavam as pretensões teóricas incumbidas para este estágio e os objectos de estudo, materializados ou não.

A ligação entre os temas teóricos abordados e as práticas em Vale de Papas esperase compreendida e clarificada neste relatório de estágio. Espera-se que demonstre a intensidade e singularidade deste tipo de estágio, que ambiciona ainda que seja informal e genuíno, como as pessoas de Vale de Papas.

PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO



“Conservação e passado parecem indissoluvelmente ligados. Uma vez que conservar é pôr qualquer coisa de parte numa tentativa de a subtrair aos efeitos reais e simbólicos do tempo, isto significa que os objectos conservados foram criados num passado mais ou menos longínquo; ou então, se têm uma origem recente, são destinados a aparecer como objectos do passado no futuro e passam a ser, a partir de agora, tratados no modo do passado.”

(Guillaume M, 2003, p.89)



Fig.3: Pormenor cobertura em colmo (Fonte: do autor)

CONSERVAÇÃO DO PASSADO | O PASSADO E PRESENTE

Guillaume defende que a intervenção na conservação de algo ajuda a proteger da realidade actual. Nesse sentido, a iniciativa Terra Amada (TA) pretendeu desde a sua formação, de salvaguardar os vários tipos de património da globalidade intoxicada do século onde nos encontramos. Devemos entender que as coisas a conservar, no contexto da iniciativa, não são só as referentes ao património cultural e arquitectónico, mas também o património humano apesar de a aldeia se estar a desertificar (possui de momento 27 habitantes efectivos¹). As pessoas destes meios rurais, devem ser introduzidas aos efeitos do século XXI, sem nunca separá-las do tempo, espaço e vivências a que estão habituados.

Num mundo cada vez mais veloz e fugaz, com o gradual avanço da tecnologia, as profundas alterações demográficas e as mudanças nas actividades económicas a leitura da sociedade actual, cada vez mais urbana, tudo nos afasta do mundo rural aqui em estudo. A globalização trouxe com ela uma proliferação de novas formas de pensar, actuar e, conseqüentemente, viver. Surgiram novas formas de ocupação de espaço e diferentes tipos e dinâmicas dos núcleos familiares e sua relação com o meio envolvente como evidencia Guillaume. A perspectiva rural por seu lado resguarda-se ainda em valores do passado, onde a cultura e humanidade próprias fazem juz à tentativa da TA de as conservar.

Devem-se estabelecer novas metas no seio da comunidade arquitectónica, onde se devem procurar novas soluções adequadas às necessidades e potencialidades da sociedade contemporânea, que não é só urbana, mas também rural, e ter em consideração que os “patrimónios” são sim fruto do passado, mas que devem perdurar e ensinar o presente e futuro, combatendo o individualismo que tomou conta da sociedade. A conservação do património foi vista no contexto deste estágio, como uma nova energia a explorar, onde o estudo das construções e técnicas vernaculares devem se materializar em novas formas de construir, conservar e reabilitar, quer os espaços rurais e todo o património que lhe está inerente, quer os espaços urbanos, que vêm nos dias de hoje cada vez mais a deterioração dos seus edifícios mais antigos.

Após este estágio, apercebemo-nos que o património humano, as suas vivências, saberes, ofícios e histórias de vida, devem ser olhadas meticulosamente por quem vai intervencionar nesses contextos, Após isso, o património arquitectónico e imaterial irá ser estudado de forma mais humana e informada e quiçá, influenciará o futuro da conservação e a salvaguarda do património.

¹ informação fornecida pela Sr^a Florinda, mas que não é consensual entre os habitantes da aldeia.



Fig.4: As crossas nas vacas (Fonte: do autor)

PATRIMÓNIO CULTURAL | IMATERIAL

A partir dos fins do século XIX foram-se consumando inúmeros debates sobre a conservação e restauro do património cultural quer ao nível europeu como ao nacional. Consequência destes debates definiram diferentes perspectivas de interpretação no que envolve a arquitectura. Por um lado, a defesa da reposição do estado original e por outro as constantes mudanças que o imóvel teve ao longo do tempo. Esses testemunhos histórico-sociais que os edifícios escondem, fazem com que a atitude actual em relação ao que se considera património cultural não se restrinja somente à arquitectura erigida. A arquitectura dos sentidos, do agir humano deve também ser tida em conta (Pellegrini, 2000,,pp.93-96)

“O artefacto possuirá o mesmo valor como bem patrimonial, quanto a ser representativo de determinada época-região-povo, e no caso, de determinada moda. esse carácter representativo de uma cultura ainda que seja, na realidade, apenas representativo de um pormenor dessa cultura lhe dá condição de bem patrimonial.”

(Pellegrini F. 2000,p. 94)

Os artefactos e todos os bens móveis sendo exemplificativos do valor de comunidade, tornam-se vestígios de uma globalidade local que se foi transformando ao longo da história. As entidades e normas internacionais definiram durante o século XX um conjunto de recomendações de intervenção no património. A Carta de Atenas referente ao restauro de 1933 e a Carta de Veneza de 1964 defendem alguns princípios ainda usados actualmente, como a preservação de “*conjuntos arquitectónicos remanescentes de culturas passadas*”², contudo, sendo das Cartas mais reconhecidas no seio da comunidade arquitectónica.

² Carta de Atenas pp. 671-681-Per la salvezza dei beni



Fig.5: D. Florinda a lavar roupa pela manhã (Fonte: do autor)

Actualmente, deverá ser considerada a Carta do Património Vernacular de 1999, que define, de forma mais contextualizada, os princípios de conservação do património.

1| A conservação do património vernáculo deverá ser realizada multidisciplinarmente, embora reconhecendo a inevitabilidade da mudança e desenvolvimento, bem como a necessidade de respeitar a identidade cultural estabelecida da comunidade.

2| O trabalho actual em edifícios vernaculares, grupos e assentamentos devem respeitar os seus valores culturais e o seu carácter tradicional.

3| O vernáculo é só raramente representado por estruturas simples, e é melhor conservado por manter o seu carácter representativo, região por região.

4| O património construído vernáculo é uma parte integrante da paisagem cultural e essa relação deverá ser tomada em conta no desenvolvimento de abordagens de conservação.

5| O vernáculo abrange não só a forma física e construção de edifícios, estruturas e espaços, mas as formas em que eles são usados e entendidos, e as tradições e as associações intangíveis, que lhe são atribuídas.³

Intuitivamente, esta Carta do ICOMOS, agrega a vernacularidade do edificado com a incontornável cultura que lhe está inerente. Deve-se então ter estas premissas em consideração quando se intervém em espaços rurais, tradicionais por si mesmos.

Agora, como e porquê intervir, fazendo a ponte entre o construído e os seus costumes?

³ Carta do Património Vernacular, 1999, p.2

A Carta para a apresentação e interpretação dos sítios de Património Cultural, de 2007 estipula que cada acto de conservação do património, dentro de todas as tradições culturais do mundo é, por natureza, um acto comunicativo e que a escolha do que preservar e como preservá-lo representa a visão de várias gerações anteriores e que devem ser transmitidas para as futuras. (ICOMOS, 2007, p.1). Deve-se então:

- 1| Facilitar a compreensão e a valorização do património cultural, consciencializando as pessoas para a necessidade de sua protecção e conservação, comunicando o significado do património cultural, documentado e reconhecido cuidadosamente.
- 2| Salvaguardar dos valores tangíveis e intangíveis de sítios do património cultural e os seus ambientes naturais e culturais, tendo em conta os contextos sociais em que se inserem. Deve-se combater o impacto adverso de infra-estruturas interpretativas intrusivas.
- 3| Contribuir para a conservação sustentável dos sítios do património cultural, através da promoção e compreensão pública, participação na conservação em curso, garantindo a manutenção a longo prazo da infra-estrutura interpretativa, revendo os seus conteúdos periodicamente.
- 4| Envolver as partes interessadas e comunidades associadas no desenvolvimento e implementação de programas de interpretação, incluindo-as ao mesmo tempo que se deve desenvolver directrizes técnicas e profissionais para a interpretação, apresentação e pesquisa.⁴

As directrizes aqui apresentadas, têm no Centro de Interpretação o objecto onde pode e deve ser mais adequado a sua prática, mas muitos dos tópicos foram incluídos nos outros projectos deste estágio, moldando a forma de pensá-los e projectá-los, o que coloca em evidência a salvaguarda dos costumes e das próprias vivências da aldeia. A materialização da forja e sinalética foram exemplos concretos deste estudo sobre o património imaterial, que tentaram aquando a sua execução responder às questões que se colocam, com princípios de conservação consolidados, que preservaram os simbolismos e tradições da aldeia.

⁴ Resumo dos princípios da Carta para a apresentação e interpretação dos sítios de Património Cultural, 2007, pp. 4-5



Fig.6: Sr. Manuel a "ir para o monte" (Fonte: do autor)

Num contexto menos generalizado, referente às comunidades características do nosso Portugal, o antropólogo Ferreira da Costa fundamenta que a projecção e profundo impacto que o património imaterial conhece na última década, deve-se sobretudo à Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, como adoptado em 2003 pela UNESCO, que refere um conjunto de medidas que define as comunidades e indivíduos, os inatos detentores da patrimonialização, protecção e identificação dos bens imateriais de cada um.

“No âmbito das suas actividades de salvaguarda do património cultural imaterial, cada Estado Parte (na Convenção) procura assegurar a mais ampla participação possível das comunidades, grupos e, se for o caso, dos indivíduos que criam, mantêm e transmitem tal património e de envolvê-los activamente na respectiva gestão. [artigo nº15]”

(Ferreira da Costa in RP-Revista Património, 2013, p. 154)

As entidades administrativas, técnicas e científicas têm ao longo do processo, a regularidade de implementar acções que menosprezam as pessoas referidas anteriormente, as mesmas que deveriam ser as detentoras do valor patrimonial dos bens que têm a apresentar. No caso específico de Vale de Papas, a operacionalização dos projectos realizados dá, de modo consciente, essa agencialidade efectiva aos habitantes da aldeia.

O património imaterial desta aldeia do concelho de Cinfães é parte preponderante para a execução deste estágio, em particular no projecto do Centro de Interpretação, pretende potenciar o seu valor e fazer com que o seu valor seja divulgado por terceiros, mas sobretudo seja utilizado e reinterpretado pelos habitantes da aldeia.

Independentemente das dificuldades suscitadas pela aplicação dos conceito de Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, deverá, como refere Ferreira da Costa, existir uma mudança de paradigmas face aos mecanismos de valorização do património imaterial. Deve-se, como na tentativa executada da Iniciativa Terra Amada, dar-se atenção, não só ao produto em si mas sim ao processo dos objectos, bem como dar-se sentido ao trabalho, como o do Sr. Manuel e a sua técnica de colmar, ou às meias de lã que a Ti Maria Rosa executa na sua gentil simplicidade, valores patrimoniais, tidos em consideração neste estágio, e que introduzem muito dos princípios de conservação do património atrás mencionados.

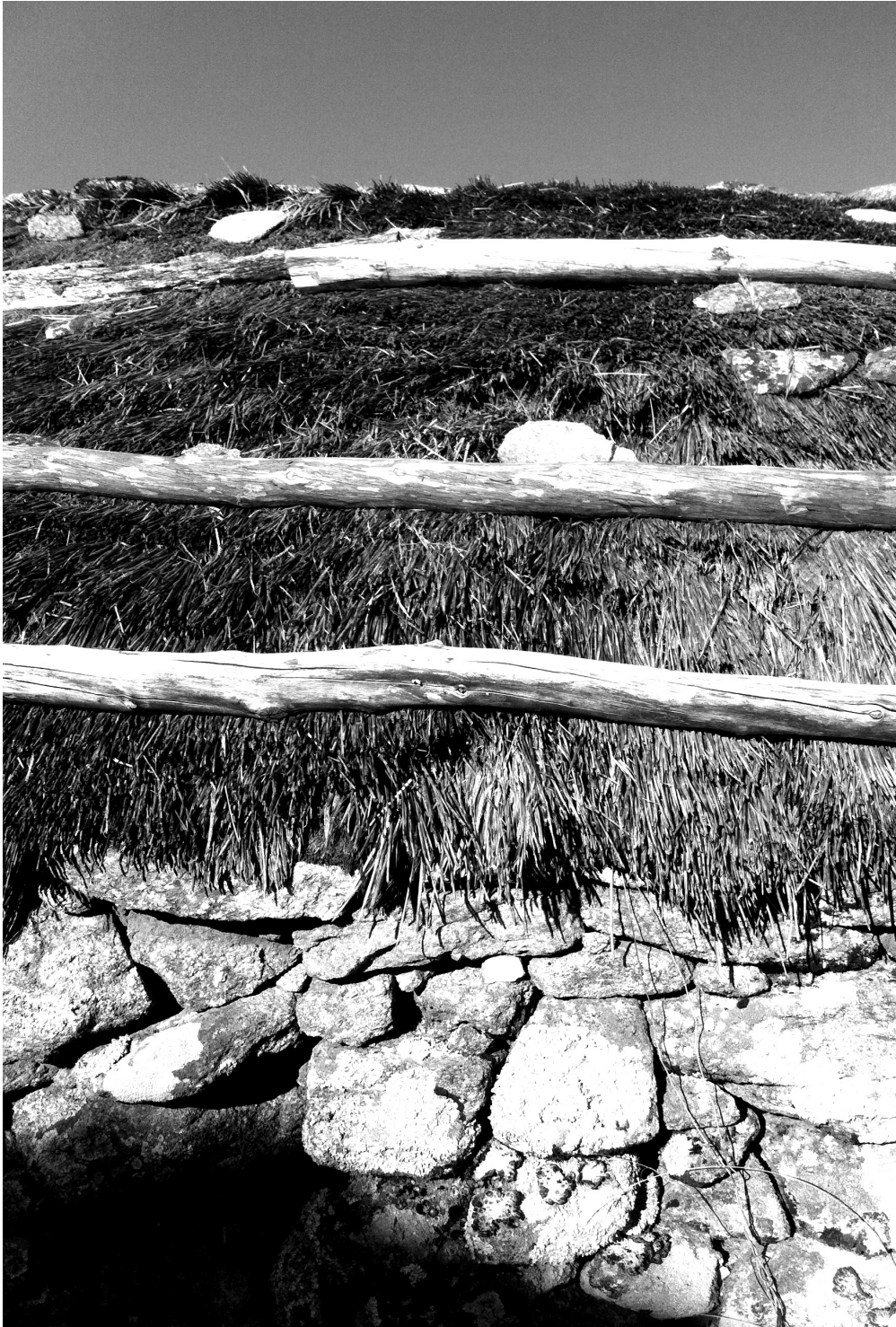


Fig.7: Pormenor cobertura em colmo (Fonte: do autor)

INTERVIR EM PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

O património arquitectónico é uma herança de todos nós, mas que está envolta num misto de respeito e receio comum de intervencionar no mesmo. A existência de espaços devolutos e edifícios degradados é um reflexo dessa sociedade incapacitada que opta pela nova construção enquanto deveria olhar atentamente para um património que já existe e que tem valor arquitectónico e cultural. Enquanto novos arquitectos, devemos dar importância à necessidade crescente de acções de reabilitação, de preservação, deste tipo de edificado. A destruição do património arquitectónico é irreversível, perdendo-se assim o seus valores associados. A luta entre a reabilitação e o desconcertante e irracional uso de solos justifica a necessidade de uma abordagem mais sustentável e com um olhar mais cuidado sobre o património que temos. No caso específico desta prova final, os edifícios não possuem o carácter arquitectónico ou artístico erudito de outras edificações, mas a sua erudição está no seu anonimato de projecto e execução, que enaltece a arquitetura sem arquitetos.

“As coisas novas não podem, apesar das aparências por vezes contrárias, expulsar verdadeiramente as antigas. Uma multiplicidade de dispositivos assegura no interior destas sociedades a coexistência e a imbricação do presente e de um passado que participa activamente na manutenção de um estrutura simbólica viva. Esta presença simbólica do passado liberta a preocupação da sua conservação material. “

(Guillaume M., 2003, p.92)

Pertinentemente, Guillaume reforça o simbolismo do passado e defende a coexistência da matéria arquitectónica com o presente. Há na estrutura simbólica viva a que se refere o autor, algo que a aproxima da veracidade da aldeia em estudo. Observa-se que a arquitectura vernacular encontrada, como património histórico relevante, vive muito das práticas diárias daquela zona serrana. A conservação material do seu património só acontece quando é indispensável, libertando assim a preocupação dos habitantes locais quanto aos seus currais e edificados. Mais do que “conservar” ou “reabilitar”, faz-se a manutenção dos edifícios. Quando o colmo, que é precívél, está “com bicho”⁵ retira-se o mesmo da cobertura ou quando há humidades nas madeiras dos currais é que se procede à sua remoção e substituição. Só nesses casos é que se vêem laivos de conservação no local, ou seja, a genuidade e humildade das gentes desta zona reforçam o que Guillaume enaltece como estrutura simbólica viva.

⁵ Expressão corrente na aldeia.

“No património arquitectónico corrente, constituído por edifícios que isoladamente se podem considerar banais, mas que em conjunto assumem uma importância histórica e cultural do maior relevo, devem ser adoptadas regras de abordagem e assumidas novas metodologias de projecto e construção.”

(Appleton in RP- Revista do Património, 2013, p.31)



Fig.8: Centro hist. Viseu-estruturas de suporte a prédio devoluto

(Fonte: do autor)

Para definir as estratégias de projecto e construção que influenciam a forma como devemos olhar o património arquitectónico e aliar este com as atitudes construtivas da aldeia em questão, deve-se perceber a proveniência deste património e contextualizá-lo no tempo e no espaço. A importância histórica dos edifícios banais, como refere Appleton, é assim primordial para o entendimento dos edifícios intervencionados. Como refere Filipe Ferreira⁶, a construção é, reconhecidamente, uma das actividades humanas com maior impacto, quer sobre o património cultural, quer sobre o património natural. Em relação ao primeiro, o impacto da construção faz-se sentir em particular sobre a cidade antiga, os centros históricos e o próprio ambiente construído.

O impacto da construção sobre o património natural associado às novas urbanizações e infra-estruturas faz-se sentir em diversas frentes, desde a ocupação irreversível de solo virgem até à construção desenfreada dos nossos dias.

⁶ Retirado de artigo de Filipe Ferreira in Expresso, 9 de outubro de 2010

“A localização peculiar obriga muitas vezes à construção de escadarias e muros de sustentação de terras e terraplanagens, lajeados para evitar que as enxurradas arrastem a terra, canais de esgoto de águas, etc.”

(Oliveira, Galhano, Pereira, 1988, p.77)

Por sua vez, a arquitectura também ela banal, mas rural, remete-nos para a intervenção do Homem, que ao longo da História foi adaptando as técnicas e a própria arte de construir em função dos meios e materiais de que dispunha. Os povos do Norte e Oeste da Península Ibérica para melhor se defenderem construíram os seus povoados nos cumes dos montes e rodeavam-nos de muralhas e fossos, ao que chamamos agora de castros ou citânias. Estas civilizações da pedra, quer nas zonas de granito, quer nas de xisto, as casas eram feitas de pedra e cobertas de colmo. A soleira da porta era mais alta do que o chão, para que a chuva não entrasse. Este estereótipo de tipologia castrense evidenciou-se durante a Idade do Bronze e do Ferro, acabando somente aquando a presença romana na península (Oliveira, Galhano, Pereira, 1988, p.74).

Como referido no Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa (AA.VV.,2004, p.241), o primitivismo destes aglomerados possuem uma expressão sóbria, rude e sem subtilezas, as quais foram a base para as tipologias habitacionais e as técnicas de construção apresentadas posteriormente e que dão pistas para a proveniência do património arquitectónico.



Fig.9: Aldeia abandonada de Antas, Lamego (Fonte: do autor)

Fig.10: Sequência histórica da cabana (Fonte: do autor)



1



2



3



4



5



6

1 a 3- evolução desde o castro (ex. Citânia de Sanfins, passando pela cabana com planta circular aqui em Prime (Viseu) até chegar aos edifícios tradicionais, do imaginário rural actual.

4 a 5- metamorfoses das choças móveis, nuances da evolução formal da cabana

DA CABANA AO CURRAL

“Confinados nuns planaltos de solo pobre e mal servidos de meios de comunicação, os povoados de Montemuro conservam um primitivismo e uma dignidade rústica que impressionam. Nas aldeias mais remotas, as casas dum só pavimento e, originalmente, dum só compartimento são cobertas com colmo, que é barato e isola do frio (...)”

(AA.VV., 2004, p.247)

A casa de planta quadrangular, com paredes de pedra e cobertura de materiais vegetais pode sofrer várias alterações, conforme as suas dimensões e finalidade de uso. A sua construção é, ou era, qualificadamente considerada primitiva no nosso país. A complexidade da sua construção, aquando a petrificação referida por Lopez Cuevillas e Lorenzo Fernandez (1952), deve-se sobretudo à fixação das gentes nos seus redutos serranos. A cabana primitiva totalmente construída em material vegetal, dá lugar então, à execução de paredes graníticas de pedra encontrada *in situ*.

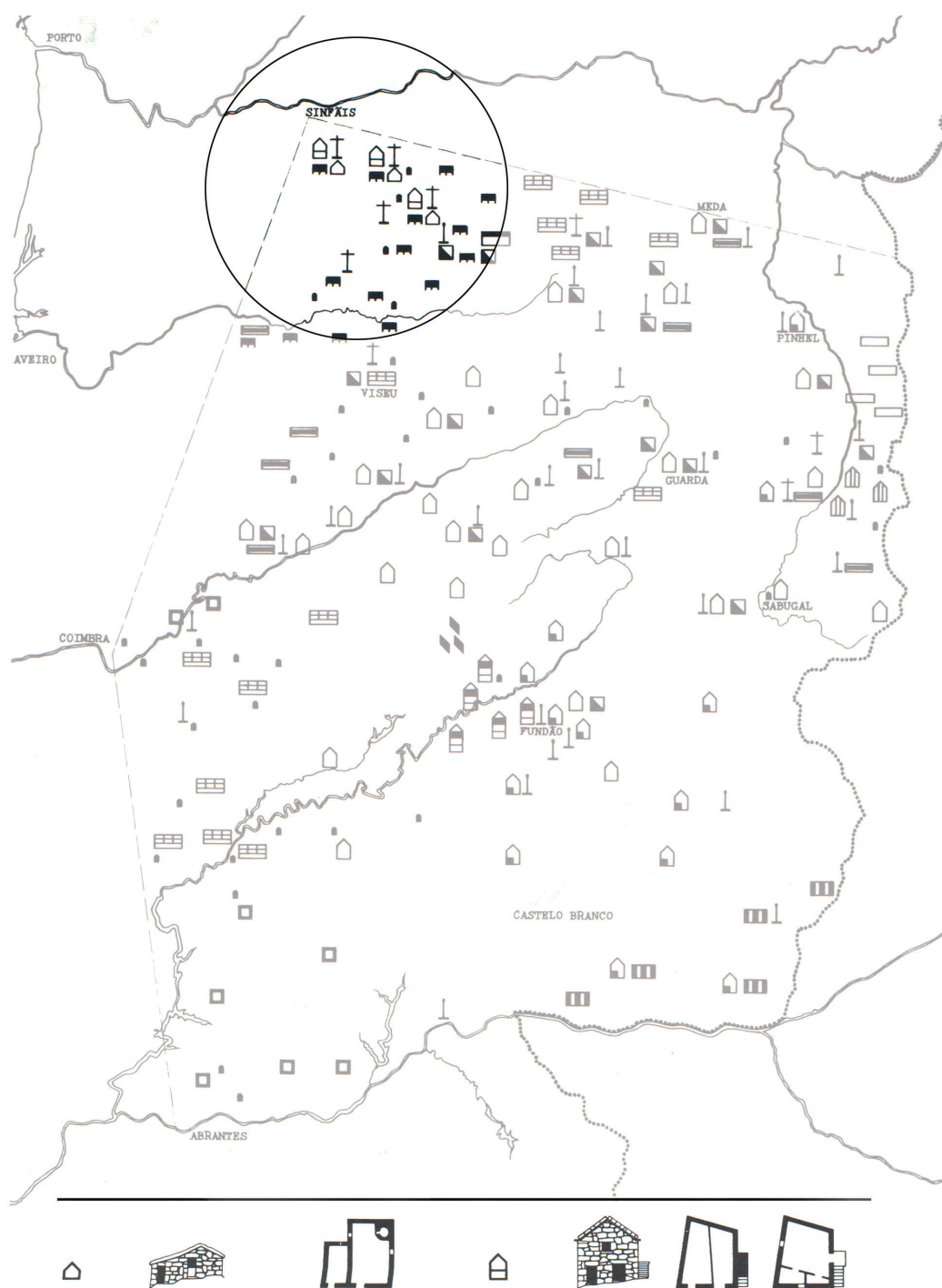
A formalidade arquitectónica e a técnica do colmo têm a sua origem na Idade do Bronze, com o recurso à construção com pedra local do tipo defensivo, com estruturas predominantemente circulares, revelando desde cedo a implementação de uma «civilização da pedra» como refere Ferreira da Silva (Ferreira da Silva, 1986, p.125), quer nas zonas de granito, quer nas de xisto as casas eram feitas de pedra e cobertas de colmo.

Os homens dos castros foram muito influenciados pelos Celtas, vindos do centro da Europa que trazem consigo a arte de trabalhar o ouro e a técnica do fabrico de objetos em ferro (Serrão, 1961, p.532), prática essa que se encontrou até à pouco tempo numa das intervenções deste estágio.

A transição nos castros portugueses⁷, da casa primitiva para uma casa tecnicamente mais evoluída, encontra-se ainda nos dias de hoje na zona beirã de Portugal. As condições naturais e socioeconómicas da área em questão definem os vários aspectos formais deste tipo de habitação. Contudo, as origens históricas da construção pedra-material vegetal não são concretas, como referem Oliveira, Galhano e Pereira (1988, p.73) em “Construções Primitivas em Portugal”. Referem que as primeiras construções castrejas são os principais vestígios deste tipo de construção, numa sociedade definida, com aspectos culturais e sociais já bem estipulados que mantêm as remotas origens castrejas, tanto na escolha do lugar como em pormenores da construção (aparelho de pedra solta, casas com elementos redondos, coberturas em colmo), em traços arcaicos da sua economia (agricultura itinerante, pastoreio intensivo, importância da castanha), pressupostos de uma organização social comunitária.

⁷ o que é um castro? Castros, cidades ou citânias são os nomes com que, segundo a ordem crescente da sua grandeza, se designam as ruínas das povoações pré e proto históricas da Península (...) (Oliveira, Galhano, Pereira, 1988, p. 73)

Fig.11: Mapa tipológico das edificações da zona 3 do Inquérito à Arquitectura Portuguesa
W(Fonte: AA.VV.,2004)



“(os homens) constroem esses edifícios, aparentemente com a liberdade de os erguerem de acordo com os seus desejos e preferências”

(AA.VV., 2004, p.261)

A CASA SERRANA | TIPOLOGIA

A cabana evoluída com parede em pedra, tem nas Beiras a particularidade de adequação ao terreno de implantação, pois a população agrícola e maioritariamente empobrecida, usava os declives e socalcos existentes para poupar assim o transporte da pedra granítica e a própria construção de uma ou mais paredes da construção, ficando o afloramento rochoso integrado na construção do edificado. A localização geográfica define assim o próprio programa deste tipo de edifícios onde as funções diferem nos dois pisos existentes e geralmente não há ligação vertical no seu interior. Essas funções podem ser variadas consoante o ofício do proprietário. A porta rasgada no piso inferior, à cota mais baixa, serve de acesso ao gado ou de recolha de alfaías agrícolas enquanto que o piso superior, localizado na cota mais alta e com acesso exterior independente, serviria maioritariamente como palheiro e nalguns casos habitação, como é o caso do edifício do Centro de Interpretação, que foge à regra geral do pequeno povoado em que está inserido, aproximando-se mais das tipologias de dois pisos que se encontram em povoados maiores da zona de Montemuro, como Alhões ou a Gralheira (AA.VV., 2004, p.247).

Esta forma primária de composição desenvolveu, como referem os autores de “Construções Primitivas em Portugal” a própria casa local tradicional que é caracterizada também pelo número reduzido de vãos devido aos fortes invernos que se fazem sentir nas zonas serranas.

“A sua localização normal fá-la assentar, à frente e atrás, em níveis diferentes, mas ambos ao raso do solo, correspondendo a esses dois pisos: o térreo, formado nas traseiras, pela rocha ou saibros escavados, com muros de pedra à frente e dos lados a completar o quadrilátero da base, e servindo principalmente de corte para os gados, com entrada à frente, no muro de pedra.”

(Oliveira, Galhano, Pereira, 1988,p.252)

Os autores referem ainda que as condições naturais e sócio-económicas da região serrana definiram esta tipologia, parecendo-lhes que prosseguem a corrente que enformou as construções castrejas, das quais mantêm seguramente todo o carácter, integrando-se num ambiente natural, social e cultural (...) apresentando-se como uma forma que segue os mais elementares abrigos feitos pelo Homem (Oliveira, Galhano, Pereira, 1988, p.253).



Fig.12: Edifício de Vale de Papas (Fonte:João Almeida)



Fig.13: Cortes esquemático tipologia (Fonte: do autor)

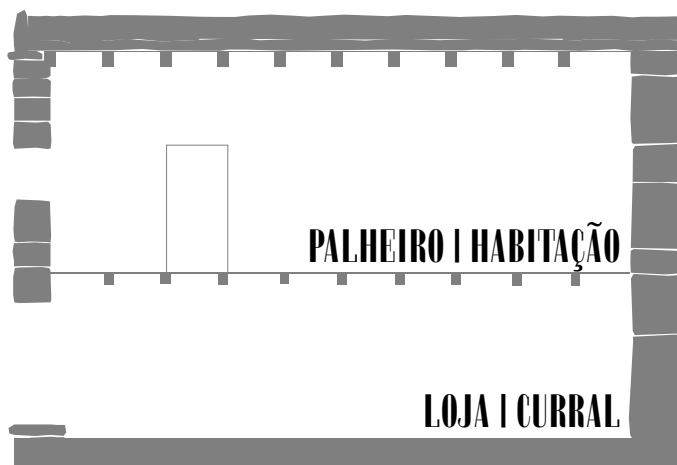




Fig.14: Colmagem do Sr. Manuel-várias etapas

(Fonte: do autor)



A utilização do colmo corresponde ao aproveitamento de parcelas, muitas vezes excedentárias, resultantes da produção de centeio.

O material vegetal, designadamente a colmadura⁸ é considerado por Oliveira, Galhano e Pereira (1988, p.289) um processo primitivo, que não só usa os materiais locais, como define técnicas elementares para a sua execução. Considera-se ainda que a sobrevivência da população serrana, neste caso específico da zona da Beira Interior, só era conseguida com o recurso a estas técnicas, numa época⁹ em que o uso da telha não era ainda uma realidade.

O abandono progressivo do colmo deve-se principalmente ao risco de incêndio que esta técnica apresentava, bem como a substituição frequente que este requeria, tendo que se retirar por vezes sectores enormes de colmo apodrecido devido à água ou vento. Os autores de “Construções Primitivas em Portugal” referem ainda que na Serra de Montemuro e não só, substituía-se o colmo pela telha, pois haveria um sentimento de inferioridade ao ver o vizinho a “modernizar-se” enquanto ainda se vivia sob o colmo. É por isso um factor sociológico interessante, reflexo da era moderna e das barreiras sociais e psicológicas que também existem nestes locais mais remotos de Portugal. Contudo, na aldeia em estudo, e pelas informais conversas com os habitantes, percebe-se que a recorrente utilização da telha, se deve à falta de colmo, pois o cultivo do centeio é cada vez mais escasso.

A zona das Beiras, muito presa ao seu carácter rústico e primitivo, é considerada morada de hábeis colmadores, principalmente na serra de Montemuro. Na zona em estudo, a ferramenta rudimentar para auxiliar na execução das coberturas, é a colmadeira ou cortiça(imagem) , espécie de pá circular de cortiça, com cerca de 35 cm de diâmetro, fixa a um cabo de madeira com cerca de 1,60 m de comprimento. O colmador era outrora considerado como um profissional especializado, aquele que trabalhava para a sua aldeia, mas que também fornecia serviços para as populações vizinhas.

A habilitação do colmador da Serra de Montemuro é tão diversificada que observam-se nas mesmas aldeias várias formas de actuar (exemplo disso é a aldeia de Alhões, onde é colocada a colmadura de forma lisa ou em degraus). Efectuam também a operação de colmagem diferenciada de outras zonas do país, visto o colmador de Montemuro, com o seu conhecimento ancestral e gradual, colma preferencialmente de manhã, enquanto o colmo ainda está orvalhado, para que as várias palhas, se ajustem umas às outras.

8 Colmadura ou colmaços- coberturas em material vegetal. com dependência para com o meio, na utilização de materiais locais e na elaboração de técnicas elementares para o seu uso.

9 Anterior aos inícios do século XX. o colmo foi até há pouco o material corrente das coberturas; ainda nos princípios deste século, não raro, ali, apenas a igreja da freguesia tinha telhado em telha. (Oliveira, Galhano, Pereira, 1988, p.291

Fig.15: Esquema da colmagem- pormenores (Fonte: do autor)



①

②

③

④

⑤

↓ ① _preparação inicial

_pousar o centeio com idas de centeio e coloca-lás na transversal ao longo da cobertura

↓ ② _molhar o centeio se aquando a colocação estiverem dias quentes

_aumento de segurança pra o colmador

↓ ③ _uso de utensílio chamado cortiço para assentamento do colmo

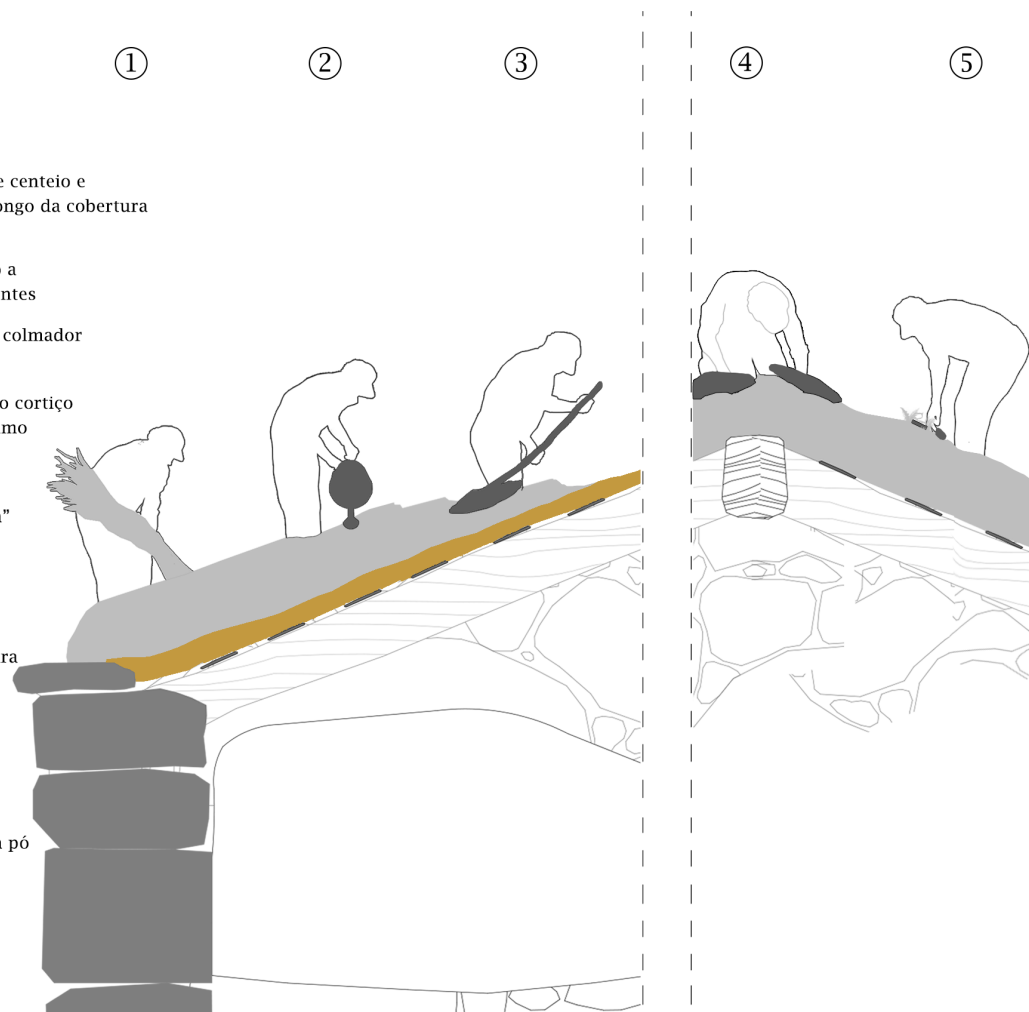
↓ ④ _colocação de pedra "rasteira"

_ peso sobre o colmo para protecção contra o vento

⑤ _colocação de ripas de madeira com o nó dado em colmo

_ peso sobre o colmo para protecção contra o vento

● _camada de colmo velho
_permanência sobre o guarda pó



“Na Gralheira, serra de Montemuro, por exemplo, antes da colmagem estende-se uma camada muito rala de colmo, com a espiga para baixo, e é sobre ela que seguidamente se dispõe a colmadura. A cada fiada, ali, dão o nome de ida.”¹⁰ (Oliveira, Galhano, Pereira, pp.295)

A cobertura revestida a colmo tem como madeiramento principal um conjunto de troncos de pinheiro, descascados, afastados cerca de 60/70cm entre eles. Sendo os barrotes de madeira irregulares quanto à sua forma, este tipo de construção tradicional tem sobre essa estrutura a ripagem mais estreita, colocada perpendicularmente à principal. Este ripado de varas, também elas distintas em formato mas lineares longitudinalmente, podem ser amarradas ou pregadas às vigas principais. Após o processo construtivo estrutural é colocado o revestimento interior da cobertura, que é chamado de guarda-pó¹¹. Sobre este, primeiro, colocam-se ramagens de matéria vegetal como giesta sobre o ripado de varas, para criar uma base de assentamento mais espessa, e só depois é que são colocadas as tranças de colmo.

O revestimento final é colocado em degraus, geralmente do cume até ao beirado, ficando apenas pousado apesar da acentuada inclinação das coberturas e, para finalizar, cangava-se a casa¹² a vários níveis, o que consistia na colocação de troncos que auxiliavam a estabilidade da colmagem aquando os fortes ventos serranos. Aquando o apodrecimento desses troncos, descangava-se a cobertura, aproveitando-se assim também para a substituição de algum colmo que pode já conter carneiros¹², mais desgastado pela passagem do tempo.

Outro aspecto particular da diáspora da serra são os guarda-ventos como referenciam os locais, que consistem em fileiras de pedras compridas e finas colocadas ao longo das empenas, fazendo assim com que as ripas anteriormente referidas rematem todas nessas protecções rochosas, bem como o revestimento em colmo. Estes guarda-ventos que figuram em grande parte das aldeias de Montemuro devem a sua existência em parte à própria à complexidade da colmagem no cume.

As diferenças encontram-se assim nas últimas fiadas. Em particular na serra de Montemuro, uma das fiadas que advém de uma das vertentes é mais subida que a outra, para as espigas, colocadas em sentido descendente como anteriormente referido, se dobrem cobrindo então as da outra vertente. As várias últimas fiadas de colmo, são assim sobrepostas umas às outras até ao acabamento final, que é realizado com pedras de xisto ou granito, finas e lisas, que auxiliam no assentamento da cobertura.

Assim, a complexidade da execução da cobertura de colmo está directamente ligada aos guarda ventos, sendo estes imprescindíveis na zona da área de intervenção, pois no seu conjunto defendem o cume de colmo, mais vulnerável, dos ventos fortes que ali se fazem sentir.

¹⁰ Ida- expressão local Serra de Montemuro- zona da Gralheira

¹¹ Guarda-pó- expressão local. Ouvida na explicação prática da colmagem dada pelo Sr. Manuel

¹² Cangar a casa-O erudito Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no Elucidário referencia um documento de 1308, que narra o acto de colocação de troncos sobre a cobertura, num texto corrente do quotidiano da data (cit in Oliveira, Galhano, Pereira)

“(...) aquilo que procurava estava diante de si, e mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.”

(Calvino, 2003, p.14)

As viagens de Marco Polo são representativas de uma viagem ao que já existe e que é conhecido, no presente, por ele. As viagens retratadas por Italo Calvino (Calvino, 2003, p. 28) evocam alguns alicerces do que chamamos hoje de turismo.

Nos meios ruralizados, como o caso de estudo, o passado que menciona Calvino tem uma presença demolidora sobre o visitante, que observa realidades que já saíram do seu imaginário actual, cada vez mais urbano. A visualização e conhecimento sobre esse passado pode transformar-se num fenómeno complexo com os seus prós e contras ao impôr-se inconscientemente sobre o ambiente local, a sociedade e a sua economia. Marco Polo vê assim novos mundos inesperados, tal como grande parte da sociedade actual, que não reconhece espaços como Vale de Papas.

Devemos colocar em causa a ambição da população rural/local na intromissão de estranhos no seu lar, entender que as dinâmicas que o turismo vai criar são factuais e que podem gerar benesses ou problemas.

“O turismo também pode ser uma “oportunidade para a paz, o entendimento e o conhecimento entre diferentes sociedades e nações”

(Brunt e Courtney, 1999, p.217).

“Correndo o risco de as destruir ou pervertê-las, subjugando-as num exercício neocolonial de dependência face ao exterior e privando-as de poder de decisão.”

(Krippendorf, 1987; Nash, 1989; Greenwood, 1992).

Os dois pontos de vista distintos corroboram as afirmações anteriores ao demonstrar a balança intercultural que é criada, aquando a geração de turismo. O contacto intercultural é, nas duas ideologias, uma constante que serve de base para a relação que vai ser (sempre) criada entre o visitante e o habitante.

A globalização, uma espécie de mãe adoptiva do turismo, fez com que o mundo girasse agora muito mais rápido, onde a partilha de conhecimento e a viralidade com que este se propaga torna possível a maior expressão das identidades locais. O ICOMOS alerta para as consequências negativas que a reestruturação económica e a crescente globalização estavam a ter nos aglomerados mais pequenos (Pinho, A., 2009, p.128). O turismo permite ao local abrir-se ao mundo e promover a sua identidade cultural num mundo global, que traz atrás de si várias consequências na estrutura da comunidade. O desenvolvimento que advém das práticas turísticas é, no espaço rural, mais susceptível de ser considerado controverso. A mudança inata que este trará para um meio envelhecido e com forte cariz tradicional terá que ser medido e estudado, pois expor a ruralidade às novas formas de globalização poderá corromper as pessoas, a cultura e o próprio espaço.

“Geralmente, pensa-se que o turismo é sempre sinónimo de desenvolvimento, o que não é totalmente certo, e quando se medem os impactos do turismo, as estatísticas costumam ser a única forma de os medir, realizando-se afirmações sem explicar o modelo interpretativo.”

(Callejo et al., 2003)

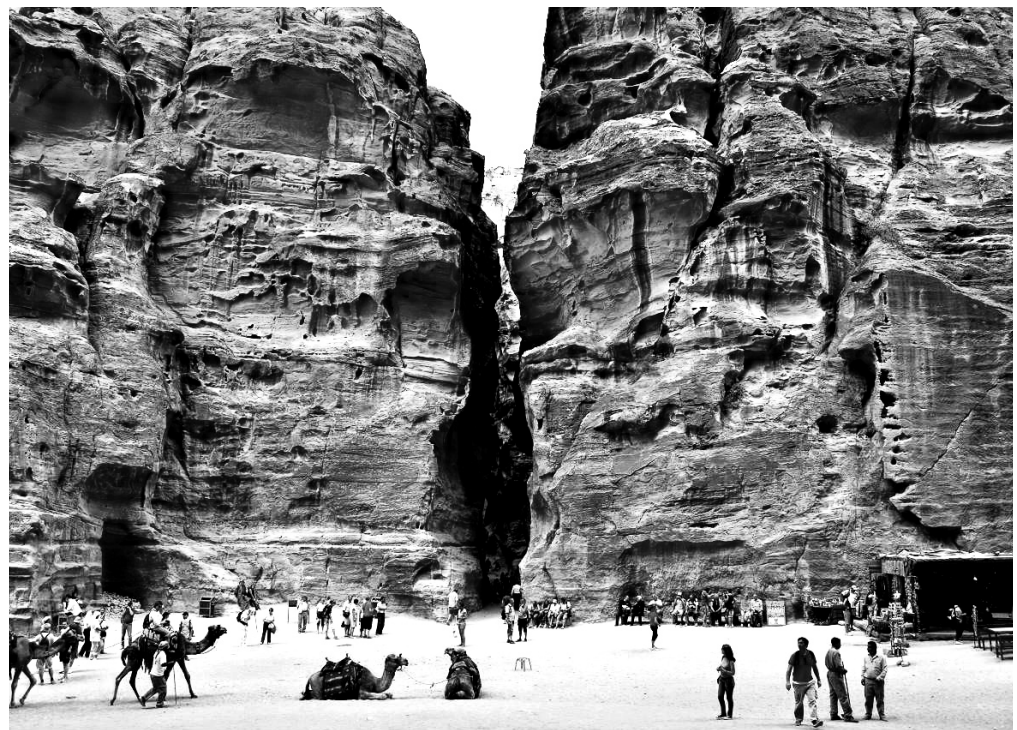


Fig.16 - p.50: Petra, Jordânia-consequências da permanência do Homem
(Fonte: <http://pompei-hotels.com/photos-jordan-petra-tourism-travel-place/jordan-petra-treasury-tour/>)

A credibilidade na ligação ruralidade | turismo que Callejo coloca em causa leva-nos ao ano de 1972, no qual a Convenção do Património Mundial definiu instrumentos universais para democratizar a cultura e valor dos edificados mundiais. Ana Paula Amendoeira, presidente do ICOMOS Portugal, salienta que a Convenção não considera o consumo de massas, provocado pelo turismo, como uma ameaça para a conservação e protecção do património, mas sim com o objectivo de proteger os bens que possuam um valor universal excepcional¹³.

Defende ainda que se deve estabelecer uma listagem de património que reflita a diversidade cultural e natural dos bens móveis e imóveis, na qual seja explícito o efeito negativo do tipo de desenvolvimento e gestão que se tem feito nos bens de Património Mundial.

Partindo do que foi mencionado nos parágrafos anteriores, é razoável admitir que o estágio em questão, representa até certo nível, a conjuntura actual do turismo. Turismo esse que está a crescer ao nível rural e que se intromete no meio deliberadamente. O Programa do Património Mundial elaborado pela UNESCO em 2001, que determina a busca pela sustentabilidade deste tipo de turismo, definiu as seguintes estratégias, relevantes para um olhar mais atento ao longo do desenvolvimento do estágio.

- 1_Reforçar as competências do sítio para tratar os problemas provocados pelo turismo, desenvolvendo um plano de gestão;
- 2_Reforçar a capacidade da população local para desenvolver actividades relacionadas com o turismo, para que possa daí retirar benefício;
- 3_Ajudar a promover no plano local, nacional e internacional os produtos locais característicos;
- 4_Consciencializar o público e estimular o orgulho do património nas comunidades locais, através de grandes campanhas de sensibilização para a conservação;
- 5_Fazer com que os benefícios gerados pelo turismo contribuam para a conservação e para a protecção dos sítios;
- 6_Partilhar com outros sítios e zonas protegidas os conhecimentos e competências adquiridas;
- 7_Fazer com que a indústria turística compreenda melhor a necessidade de proteger o património mundial, os seus valores e as suas políticas.¹⁴

¹³ Amendoeira, 2013, p.55 in Revista Património, 2013

¹⁴ UNESCO - Programme thématique sur le tourisme durable adopté par le Comité du Patrimoine Mondial, 2001

USO DOS BENS E DOS SERVIÇOS TURÍSTICOS
CUSTOS E BENEFÍCIOS QUE RESULTAM DO DESENVOLVIMENTO
CRIAÇÃO DE RIQUEZA INDIRECTA

IMPACTO ECONÓMICO

ALTERAÇÕES ESPACIAIS NO ESPAÇO PÚBLICO COM
RECURSO A POSSÍVEIS NOVAS INFRA-ESTRUTURAS

IMPACTO FÍSICO

MUDANÇAS NA ESTRUTURA COLETIVA | VIVÊNCIAS DOS
RESIDENTES NAS ÁREAS DE DESTINO

MUDANÇAS NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS VISITADO VISITANTE

IMPACTO SOCIOCULTURAL



Fig.17: Impactos no espaço rural (Fonte: do autor)

A cultura está predestinadamente associada à experiência humana, aos seus usos e costumes ao longo dos anos. A realidade actual e a mentalidade moderna de capitalismo fazem com que nem sempre a cultura e o turismo estejam harmoniosamente relacionadas. A cultura tornou-se um produto de mercado, num bem de consumo. Um conjunto de convergências e contradições pendem para um dos lados e regem assim a hierarquia entre os dois campos existindo hoje uma preocupação crescente com os modelos de fruição dos espaços turísticos, assentes sobretudo numa responsabilização de vários actores para com um desenvolvimento e uma gestão sustentada do turismo. (Neves, J. cit in Buco, Oosterbeck, 2008, p.21)

O turismo cultural está hoje sob a alçada do capitalismo e consumismo mundial. O turismo cultural está convertido numa etiqueta de distinção social. A má gestão que se tem vindo a fazer, personifica o turismo cultural como um produto, que é vendido a diferentes pessoas e classes enquanto que deveria ser divulgado como um todo, o que faz com que sejam geradas diferentes identidades no que se pretende que seja turístico (Bourdieu cit. in Buco, Oosterbeck, 2008).

Distanciar um estrato social mais baixo de um edifício turístico mais rico e suptuoso, através da “estratificação monetária” são práticas erradas, que se vão cometendo um pouco por todo o mundo. A distinção social influencia assim a prática do turismo e instrumentaliza-o. Devem-se redefinir os modelos de desenvolvimento ao nível local que compatibilizem o papel dos distintos agentes envolvidos como esboça Pérez Yruela (2003), sociólogo espanhol desenvolvendo ao mesmo tempo a comunidade e procurando o desenvolvimento endógeno sustentável. A recuperação da dimensão local consiste numa estratégia de acção colectiva, estimulada por actores políticos da comunidade, com o objectivo de melhorar e desenvolver as condições de vida dessa população, com a sua participação, que fortaleça a criação de novas actividades e a potenciação das que já existiram.

Deverá-se olhar para os objectivos de estudo, descobrir o seu potencial turístico, ovacionar a sua identidade e revitalizá-lo para uma prática turística sustentável, tendo especial cuidado o contexto em que este se encontra e gerindo o distanciamento humano falado anteriormente para que assim o turismo cultural, seja dos visitados e dos que visitam, contribuindo ainda para uma sociabilidade intercultural contida mas existente.

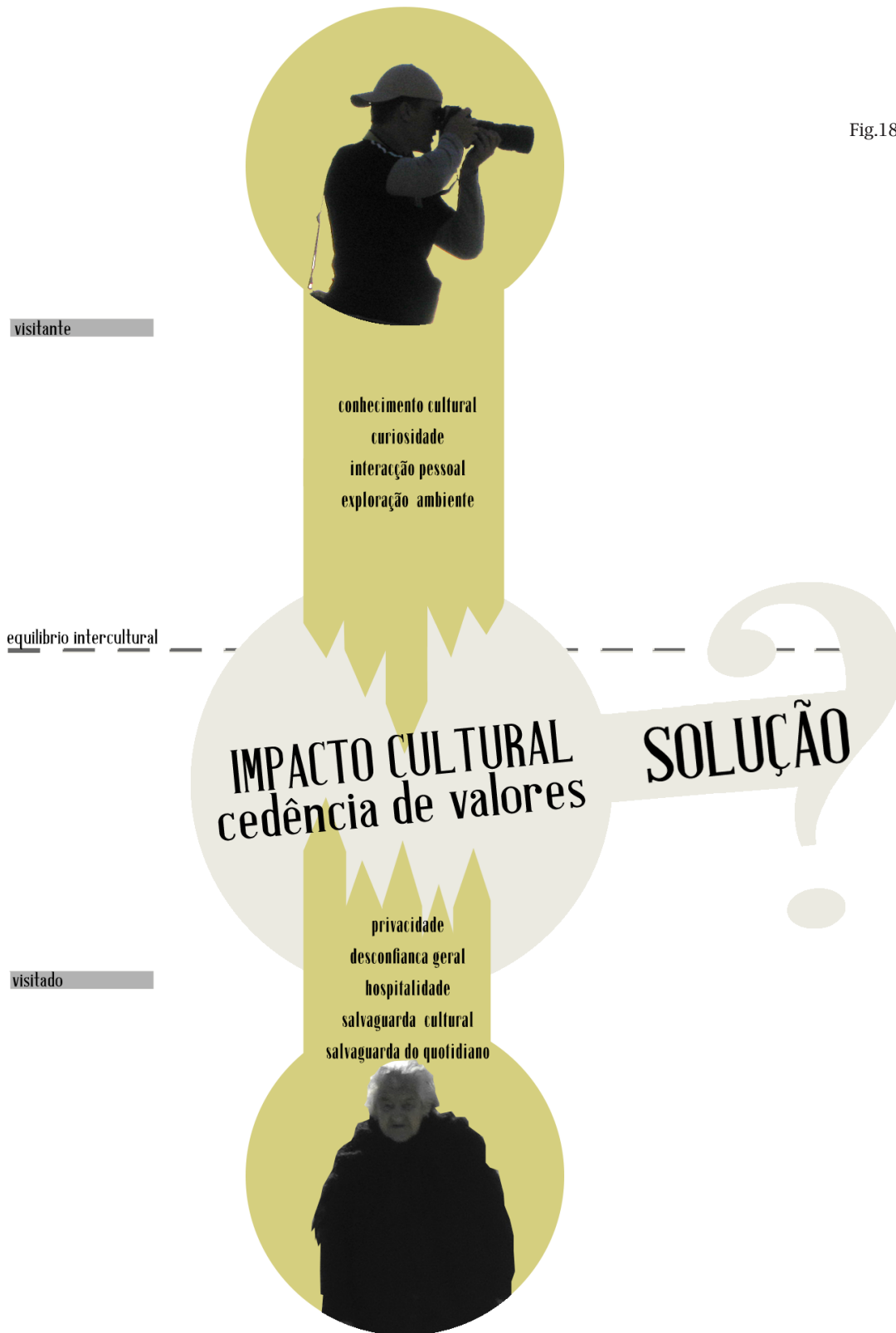


Fig.18: Cedência de valores-antagonias

(Fonte: do autor)

QUEM HABITA, QUEM VISITA

Os dois mundos que se misturam aquando a visita do turista ao visitado, implica inevitavelmente transformações. No espaço rural, a ligação criada que esses dois mundos fazem um no outro é ainda mais profunda e o impacto cultural pode trazer algumas consequências. As premissas, tanto de quem visita, como quem de é visitado podem ser o rastilho para um bom ou mau entendimento. Pela experiência vivida maioritariamente nos 33 dias de ligação contínua, mais pessoal e directa com os habitantes de Vale de Papas, na preparação da Iniciativa Terra Amada, percebeu-se alguma contenção dos habitantes da aldeia perante a organização, num misto de desconfiança e hospitalidade. As relações mais superficiais do início deram origem a uma interacção mais prolífera, quer a nível pessoal como cultural. Passámos assim do anteriormente referido turista para um habitante/hóspede (esporádico contudo) da aldeia. A exploração benéfica dos conhecimentos que se podiam aprender com os habitantes da aldeia foram gradualmente crescendo, da mesmo forma que as relações pessoais se estreitavam.

No caso específico do estágio, grande parte da atenção demonstrada, prendeu-se sobretudo com:

_habitabilidade da população;

_tipologias de colocação de coberturas em colmo;

_tradição, cultura e histórias.

A aldeia anfitriã adoptou, aparentemente, a estratégia de conservação e revitalização das tradições locais, permitindo contudo, a presença daqueles que estavam ali, a querer ajudar ao mesmo fim.

Uma das estratégias efectuadas pela Iniciativa Terra Amada para auxiliar a ponte cultural que esteve (e está) presente foi de diminuir essa mesma ponte, fazendo com que o programa em causa, tivesse uma vertente que uni-se o visitante ao visitado de forma subtil e, ao mesmo tempo, que favorecesse ambas as partes, quer na aprendizagem de valores, como na preservação dos mesmos. Este estágio recaiu assim em parte no estudo dessa estratégia, que se manifestou e recaiu em três vertentes de utilização da aldeia de Vale de Papas, que irão ser referidas posteriormente.

“O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.”

(ICOM, 2007, n.d.)



Fig.19: Projecto tripartido, um objectivo: Sinalética|percursos pedestres, CIAO, Forja (Fonte: autor)

REVIVER VALE DE PAPAS. A ALDEIA MUSEU?

O ICOM, Conselho Internacional de Museus, vai adequando, desde a sua criação em 1946, a definição de museu às realidades actuais, estando assim em constante mutação. A palavra museu, surgiu no contexto da Terra Amada, aquando a escolha do programa da mesma, sendo proferida pelo próprio presidente da Câmara de Cinfães, que pretendia “tornar a aldeia de Vale de Papas, um ponto de interesse do concelho, na qual os turistas que visitassem a aldeia, fossem eles próprios a descobrir as histórias e tradições” da mesma. Tendo em conta que enquanto organização, nunca se quis transformar a aldeia num museu, definiram-se limites de actuação, entre as actividades turísticas criadas e as actividades próprias da localidade, limites esses que se tornaram fundamentais para a execução do programa deste estágio.

A Carta de Turismo Cultural do ICOMOS, de 1976, define o turismo como um facto social, humano, económico e culturalmente irreversível que expõe o património da humanidade. Ora, a cultura existente na zona da aldeia de Vale de Papas, anteviu-se válida e valiosa o suficiente para colocar-se em equação fazer com que esta fizesse parte do programa da Iniciativa Terra Amada, demonstrando assim alguns valores e tradições, adormecidas ou escondidas pelas mentes dos habitantes da aldeia, expô-las para os mais curiosos, que podem até ser (como se observou aquando a estadia na aldeia) os próprios habitantes de Vale de Papas e os seus descendentes, entretanto saídos da aldeia à procura de uma vida melhor. O benefício desse revitalizar de costumes e trazê-los para os dias de hoje, foram um chamariz para a escolha de algumas das obras a realizar. A riqueza do património cultural antevia-se assim positiva, tanto a sua conservação como divulgação da mesma.

O estágio teve como principais objectivos valorizar e transmitir às gerações futuras o património material e imaterial local, tendo como objectivo primordial não causar danos na estrutura social e cultural da aldeia. Assim, o museu pretendido pela câmara de Cinfães, um objecto fixo, um edificado na aldeia para visita de turistas e que geraria, conseqüentemente, postos de trabalho, deu origem ao Centro de Interpretação de Artes e Ofícios (CIAO) vivo e diversificado.

Este “museu” ideologicamente pensado pelas entidades camarárias deu origem, através da ponderação da organização Iniciativa Terra Amada e das próprias realidades económicas da Câmara, a três vertentes de projecto (forja, sinalética, CIAO), todas elas intimamente ligadas entre si e conectadas com toda a aldeia e intervenção desenvolvida, ambição da câmara, desafio para nós, enquanto organização da acção de voluntariado.

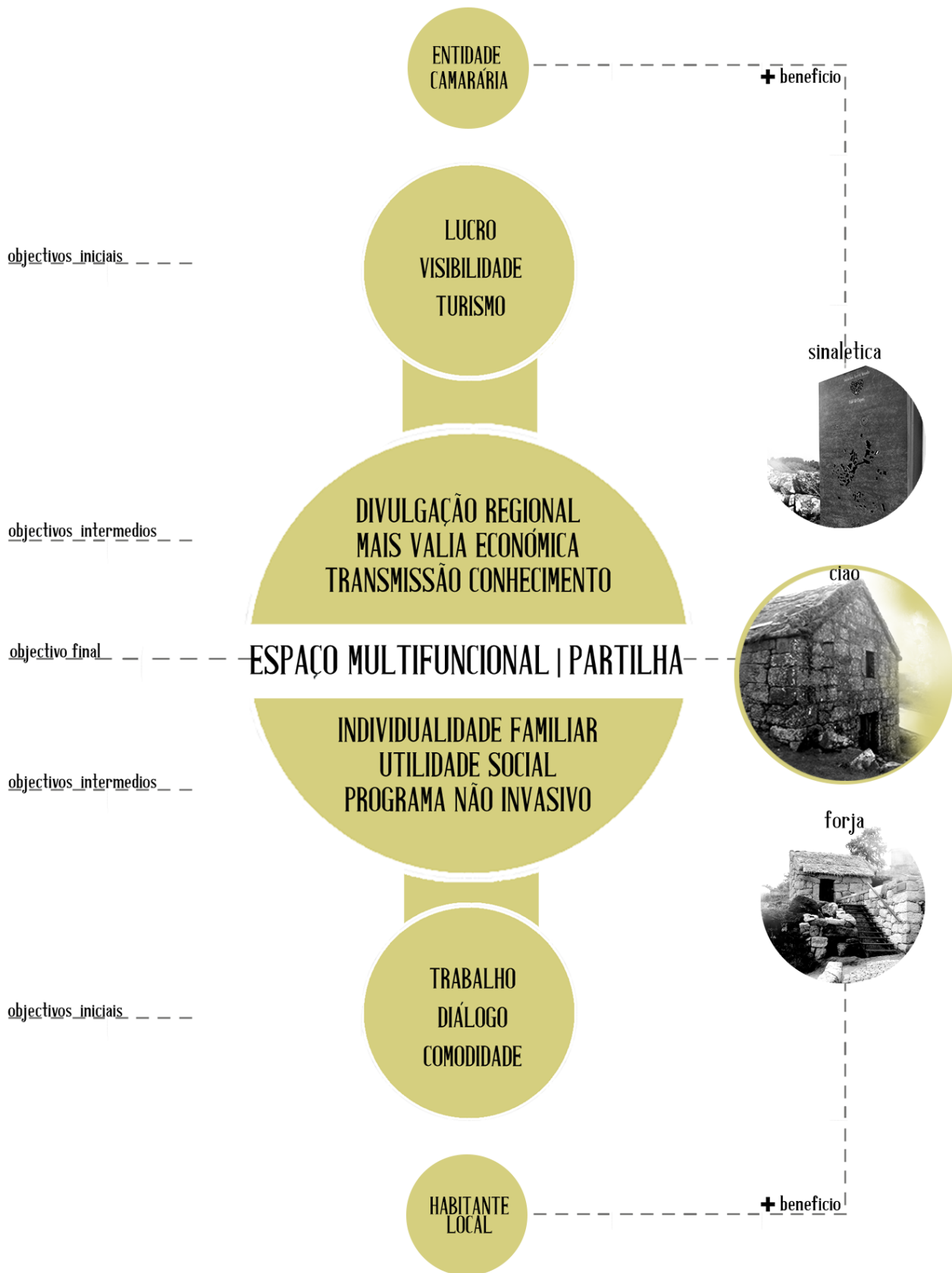


Fig.20: Objectivos dos intervenientes (Fonte: do autor)

Os três projectos apresentados são assim um corpo só, um contraposto ao suposto museu desejado pela Câmara, mas idealizado com um pensamento mais direccionado à veracidade da sociedade ali encontrada.

“(...)museu? Onde guardam as coisas velhas? “

(Sr. Manuel)

A questão colocada por um dos habitantes da aldeia aquando uma das visitas de levantamento à aldeia, tornou mais clara a inexplicável proposta da Câmara, sob o olhar atento e territorial daquelas gentes, de aglomerar num espaço, objectos velhos com ferrugem ou até o porquê da estima absurda às meias de lã ou chapéus de palha. Percebeu-se ali naqueles momentos que tudo o que se pretendia colocar no “museu” era a banalidade do quotidiano de Vale de Papas, banalidade que se transforma num enorme valor patrimonial.

Assimilados estes conhecimentos inconscientes, surge então, nas inúmeras conversas entre Câmara e organização, o CIAO como fundamento lexical para a construção. A diferença crucial entre o museu como o conhecemos e o centro interpretativo foca-se, primeiro no habitante, com uma dimensão social e encontro e após isso, é que interage com o turista, que vê ali os universos culturais e patrimoniais do local.

Haveria o potencial e a necessidade de manifestar todo o fulgor cultural de Vale de Papas num edifício e abrir este ao público? Para os habitantes sazonais, aqueles que saíram em busca de melhores condições de vida, faz todo o sentido, a sua visão mais cidadina e moderna assim os faz pensar, mas os efectivos, aqueles como o Senhor Manuel que questionam na sua simplicidade todos os porquês, será que há essa imprescindibilidade? E para os que hão de vir?

No seu livro sobre a permanência da cultura na sociedade, de Rota (Rota, 1996, p.115-123) refere que vivemos numa época na qual o usar e deitar no lixo “a fugacidade das coisas” convivem com o gradual esforço para conservar, esforço esse que é vivido com enorme paixão, afectiva e emotivamente. Assim, refere que, os museus são um exemplo da cultura da permanência numa época de fugacidade. O arquétipo de museu em Vale de Papas passa assim pela estratégia de poder fornecer espaços de utilidade pública, para aqueles que ali vivem efectivamente. É pretendido um centro da vida cultural que, na utilidade e funcionalidade do dia-a-dia de Vale de Papas, possa dignificar, de forma sublime, as artes e ofícios da localidade e região. Estes espaços possuem assim um sentido humano que tenta conservar grande parte da memória colectiva ao perpetuá-la pelas novas gerações que ali se vão gerando e misturando, fazendo desta memória parte do património cultural, com uma renovada função social, um local de confraternização e contaminado com as diferentes vivências que ali se vão encontrar.

“Por outro lado, a definição tradicionalista de museu converte-o numa instituição que colecciona, preserva, expõe e interpreta produtos da actividade humana e do mundo natural: objectos, artefactos e espécimes.”

(ICOM, 1961)



Fig.21: Ambientes do quotidiano de Vale de Papas (Fonte: Cláudia Rodrigues)

INTERVENIENTES E UTILIZADORES

Os três pontos museológicos e de interactividade com os turistas, o CIAO, a sinalética e a forja, fazem parte de um todo como atrás já foi referido, colocando-se num ponto de ruptura com as definições europeias para o museu tradicional. A participação e a partilha entre os dois intervenientes, o turista e o habitante, são preponderantes para o sucesso do “museu” tripartido de Vale de Papas.

A experiência do estágio na aldeia requiriu numa fase intermédia, aquando as visitas e levantamentos ao terreno, um olhar mais profundo quanto às personalidades ali encontradas e uma definição do tipo de relação que se iria estabelecer entre habitante e visitante. Esta estratégia que surgiu depois de estudar os efeitos do turismo e as relações que este influencia, foi definida de forma vaga e foram sendo apontadas algumas entrevistas informais que influenciaram a própria forma de intervenção dos projectos a que me tinha proposto.

Na fase de estágio, já no mês de Julho, prosseguiu-se o estudo informal da tipologia dos habitantes de Vale de Papas, tendo sido alcançado a seguinte tipologia agora apresentada:

1| Os habitantes que foram ajudados pela Iniciativa Terra Amada

Este tipo de habitante esteve ao longo do processo em contacto directo com a entidade camarária e a organização da iniciativa e teve por vezes que tomar algumas decisões como a escolha de cerâmica por parte do Sr. Américo. Este tipo de habitante terá à partida uma ligação mais directa com a possível chegada de turistas.

2| Os habitantes da aldeia que não foram apoiados (directamente) pela Iniciativa Terra Amada

Os residentes que não tiveram intervenção directa da iniciativa, mas que viram a sua aldeia com o tão esperado saneamento de águas, ou casas de banho públicas ou até mesmo o facto de não apanharem chuva a ir ao correio (devido à execução de uma cobertura) beneficiam assim também da iniciativa.

3| Os indivíduos pontuais e sazonais

Quem tem ligações familiares à aldeia, muitas delas já extintas, mas que a sua ligação afectiva leva à integração e ajuda no processo. Muitos destes “habitantes” encontram-se na aldeia nos períodos de Verão, uma realidade generalizada do país.

Assim, os intervenientes no processo Terra Amada, que não foram identificados somente no período de estágio de 33 dias, possuem uma pluralidade de personalidades a ter em conta no processo de criação e definições de programa ao qual este estágio pretende atingir. A tipologia atrás apresentada serve então como uma contextualização psicológica dos nossos anfitriões, que demonstra sobretudo a diversidade existente numa comunidade tão reduzida, numa pesquisa *in loco* e quase sempre informal.

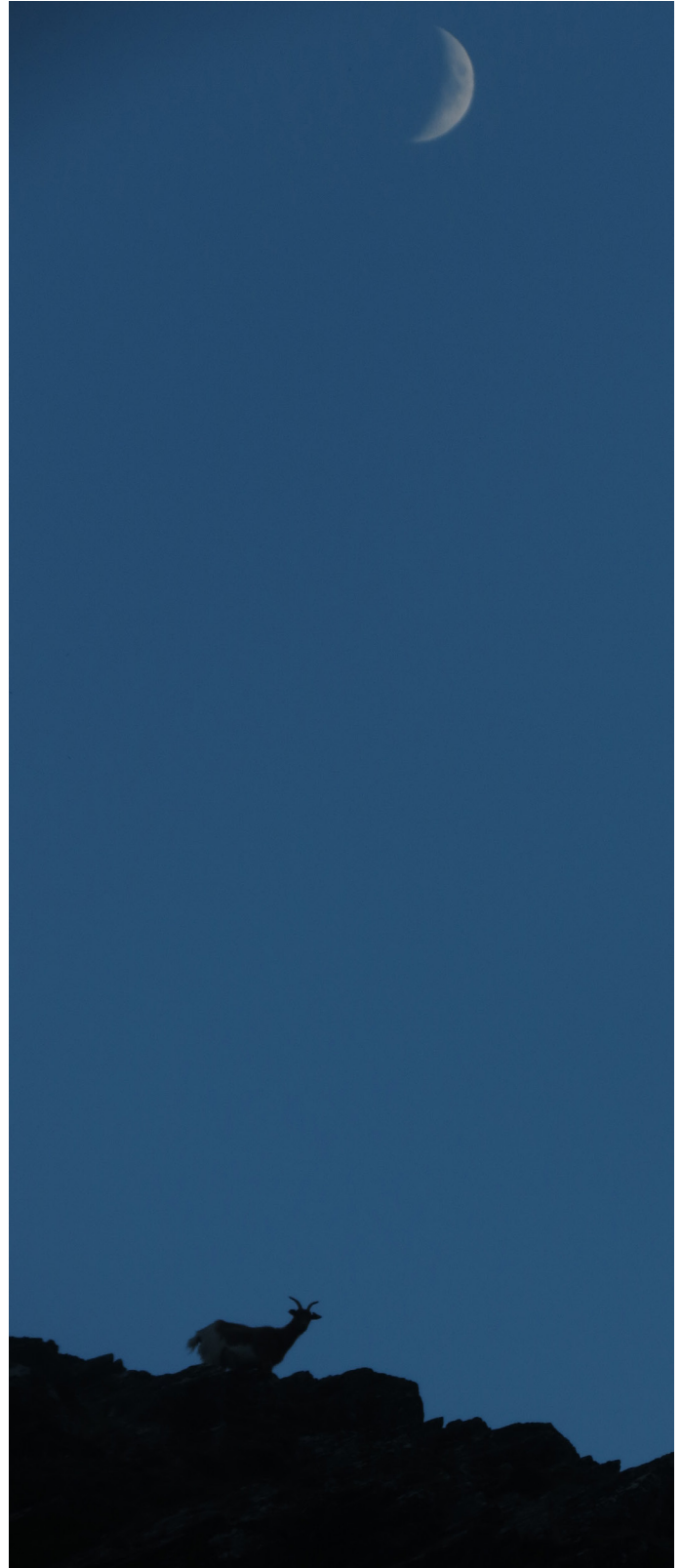
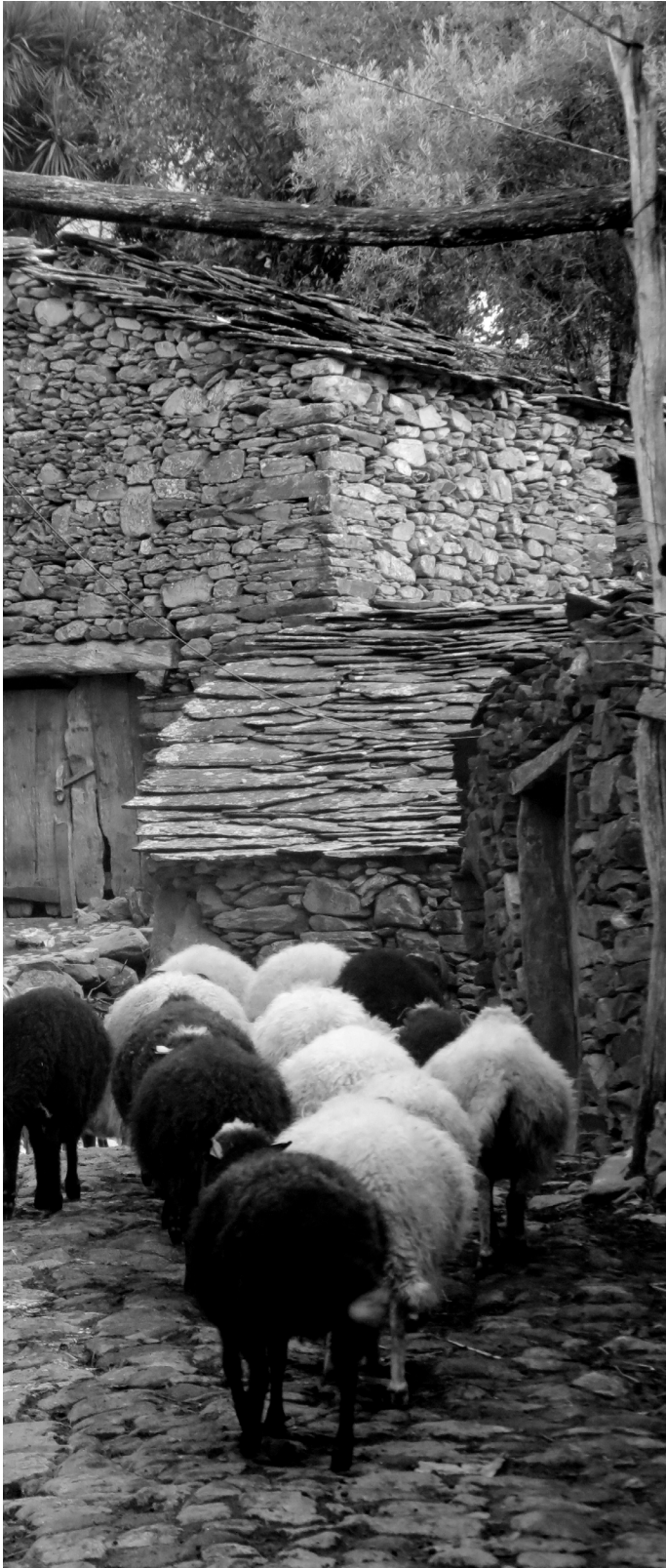


Fig.22: Panorama de Covas do Monte (Fonte: do autor)

A Iniciativa Terra Amada é um programa desenvolvido pelo Mestrado Integrado em Arquitectura da Universidade Católica Portuguesa, no Pólo de Viseu, que se desenvolveu a partir da visão vanguardista do Arquitecto Fernando Gonçalves na altura coordenador do mestrado. O programa foi operacionalizado pela Arquitecta Ana Pinho em 2012 e foram estipuladas as premissas para o que se pretendia que fosse uma acção de voluntariado com a participação de alunos de arquitectura e aberto também para recém licenciados na área. A acção constituiu-se como o desenvolver de um estaleiro escola em zonas rurais e isoladas do nosso país, onde a salvaguarda do património material e imaterial da ruralidade portuguesa alia-se à teoria e técnicas da reabilitação e conservação aplicadas em contexto de obra. Esta acção tem também um forte cariz social nas localidades onde é implementada, ao pretender melhorar as condições de vida destes espaços rurais, contribuindo para o combate ao isolamento e desenvolvimento local. A iniciativa tem também o intuito de complementar a aprendizagem académica, com um “aprender fazendo” e “aprender vivendo”.

As entidades camarárias, empresas privadas e universidade têm também um papel importante de promoção e interacção mútua na planificação da Iniciativa. O poder político apoia desde a concelhia até às juntas de freguesia. Quanto ao sector privado, são as empresas que se tornam as mecenas do programa contribuindo com o apoio técnico e/ou materiais.

Os estudantes têm a oportunidade de vivenciar experiências em obra e todos os problemas que lhe estão inerentes, bem como estreitar ligações com as técnicas de construção aplicadas, que tendem também a ter uma forte vertente tradicional, visto as zonas inóspitas onde se pretende operar. As ligações tendem também a serem cada vez mais humanizadas, onde o estudante, o habitante e o técnico aprendem mutuamente os saberes técnicos e pessoais.



A aldeia de Covas do Monte, no concelho de S. Pedro do Sul, na freguesia de Covas do Rio, foi a primeira aldeia da intervenção Terra Amada, que decorreu entre Outubro de 2012 e Agosto de 2013, entre escolha e levantamento do local, projecto e voluntariado propriamente dito.

A aldeia encostrada nos vales da Serra de S. Macário tem aproximadamente 50 habitantes, e é um exemplo de uma economia própria e tradicional que é ainda praticada através do pastoreio de um dos maiores rebanhos comunitários do país. A aldeia das “mil cabras”, como é carinhosamente chamada pelos aventureiros da serra, viu a iniciativa elaborar sete projectos de reabilitação e conservação do edificado, contando ainda com a colocação de gradeamento e pavimento no espaço público da aldeia. As intervenções em duas habitações, D. Irene e D. Lucinda, foram os projectos mais complexos e que testaram os conhecimentos que tínhamos até então, enquanto organização. A reabilitação do Cabril da Marisa foi, juntamente com as intervenções atrás mencionadas, a obra onde o esforço dos 50 voluntários foi provado, na colocação de cobertura em xisto e estrutura de madeira. O moinho do Sr. Manel da Pinta, a azenha comunitária e o espigueiro da D. Irene foram as restantes obras com carácter mais de conservação do existente, para poderem ser posteriormente utilizadas ou visitadas. Por fim, no restaurante da aldeia, o único local de convívio daquela aldeia remota, procedeu-se ao tratamento das madeiras dos vão e consecutiva pintura geral.

De salientar o factor social gerado na aldeia de Covas do Monte pela iniciativa, onde a população ajudou incansavelmente a organização, o que fez com que fosse criada uma família aquando e depois da iniciativa, valores humanos e mútua aprendizagem difíceis de explicar nestas linhas.

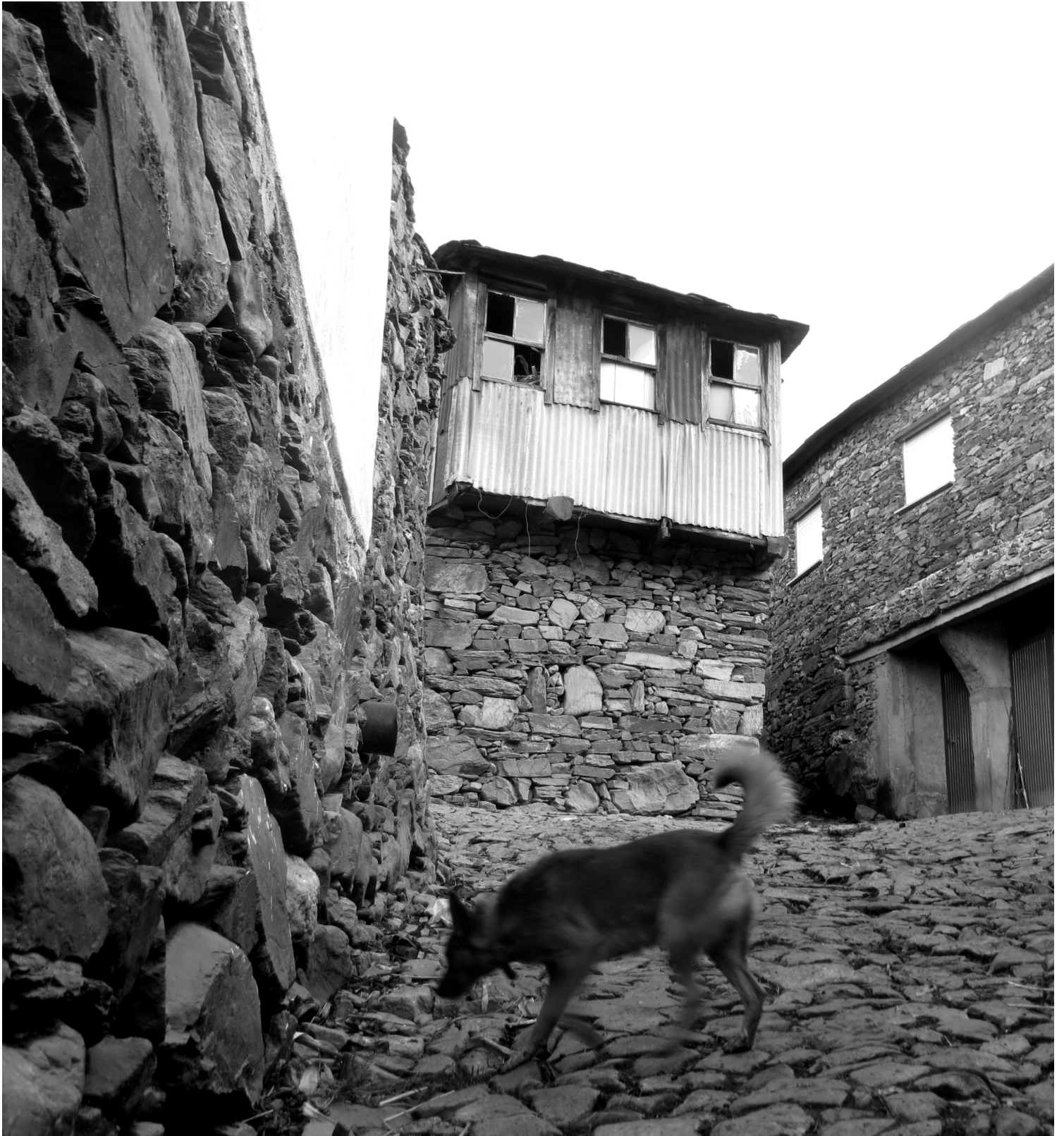




Fig.24: Vista da rua principal da aldeia. (Fonte: do autor)

Tipologias e materiais dos edificadoss

Em Outubro de 2013, desafiados pelo trabalho, resultado e divulgação do ano anterior, houve a vontade generalizada e renovada de continuar o trabalho que tínhamos começado. Um dos exercícios que a organização faz inicialmente é o “scouting” de aldeias e localidades para serem intervencionadas.

No início dos nove meses de organização, a escolha natural e pensada nas reuniões foi a intervenção na serra do Caramulo, que tinha sido devastada pelos incêndios nesse fatídico verão de 2013, mas a escolha acabou por recair pela salvaguarda de uma pequena aldeia, não nessa serra, mas sim na serra de Montemuro, que tinha outro valor patrimonial que não tínhamos encontrado no Caramulo: as raras coberturas em colmo, bem como ter uma população envelhecida e isolada mas com massa crítica para ter futuro, premissas inatas à iniciativa Terra Amada desde a sua formação. Após a escolha da aldeia e primeiro contacto com a população foram definidas as intervenções, com a Câmara Municipal e Junta de Freguesia e com o aval e sugestão dos proprietários interessados.



As intervenções escolhidas assentaram no seu valor patrimonial e cultural, as condições de habitabilidade dos interessados e o desenvolvimento local, estendendo-se a intervenção também à aldeia em geral, com a colocação de saneamento básico e equipamentos melhorados, caso da caixa de correio, tanque com instalações sanitárias e caixotes de lixo. Este processo inicial estendeu-se com vários problemas de cariz burocrático e até familiar, mas fechada essa etapa, procedeu-se naturalmente para a organização da iniciativa.

A pequena aldeia, no concelho de Cinfães, possuidora de um nome invulgar que nem os próprios habitantes lhe conhecem a origem, foi assim a base teórica e prática para este estágio.



Fig.25: Panorâmica de Vale de Papas, vertente norte . (Fonte: do autor)

Fig.26: Apanha do centeio ao fim da tarde (Fonte: do autor)



VALE DE PAPAS

“Papas é uma comida tradicional da zona. Uma mistura entre feijão, carne e batata. Fazia-se para ir de manhã para o monte com o gado e dava para o dia todo. O vale não sei porquê... Aqui até estamos bem no alto.”

(Sr. António Costa)¹⁵

Fig.27: Vacas a pastar (Fonte: do autor)



15 Frase proferida por um dos habitantes da aldeia, quando questionada a origem do nome da localidade

“Julgava-se que o Mons Muro dos documentos medievais designava uma serrania disposta à maneira de muralha natural de defesa, como explicam muitos autores antigos e modernos. Mas é certo que noutros documentos aparece, entretanto, o nome de Monte do Muro, e é esta pelo que se vê, a grafia mais adequada.”

(Girão. v.10. 1940)



Fig.28: Planta do crescimento da aldeia (Fonte: do autor)

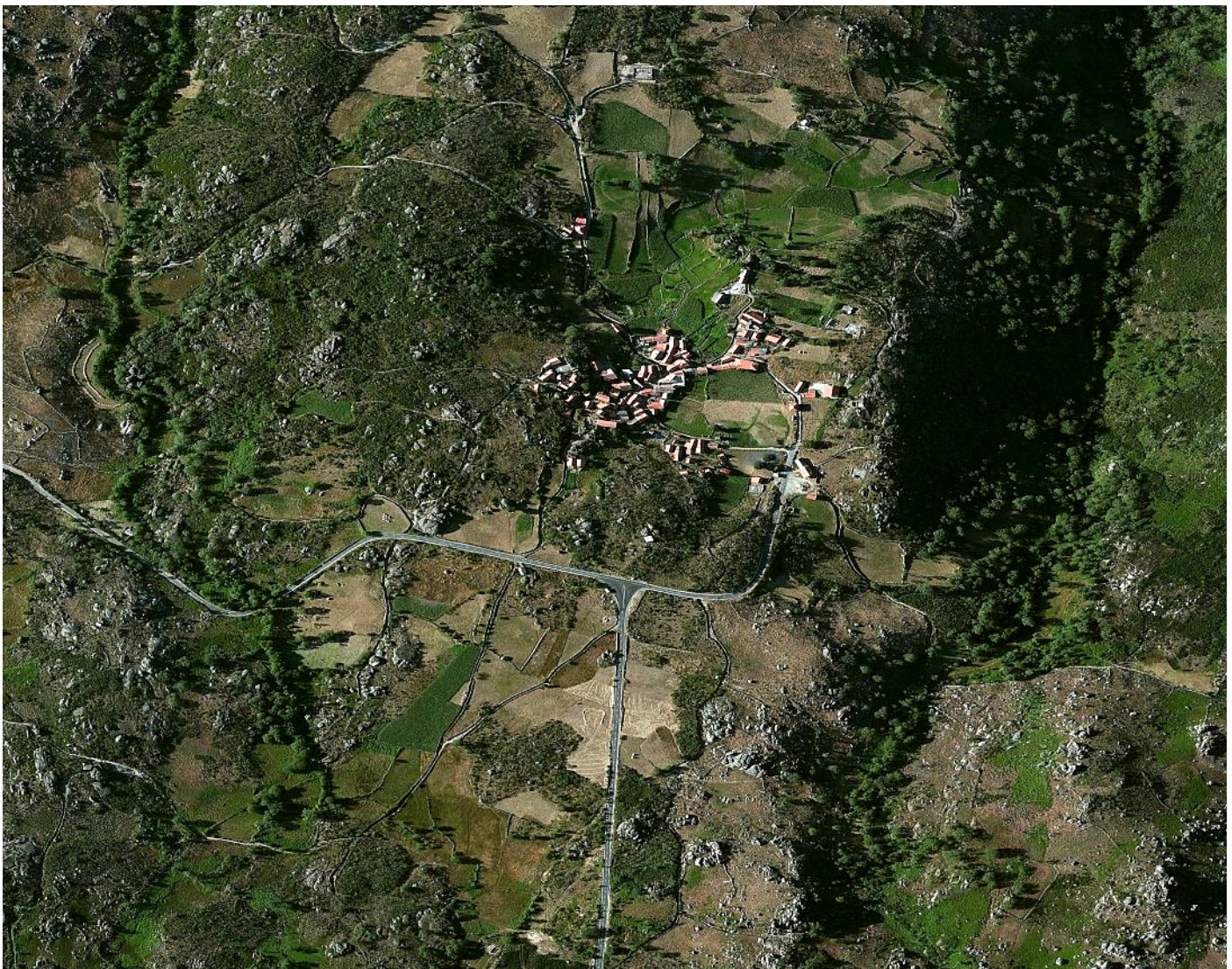
A muralha natural a que se refere Girão, é o berço da aldeia de Vale de Papas situa-se no concelho de Cinfães, distrito de Viseu. Está integrada na Serra de Montemuro, numa zona de transição entre os pontos mais altos da serra¹⁶, estando a aproximadamente 20 km do Rio Douro. Amorim Girão em 1940, definiu a serra de Montemuro como um lugar marginal, escondido no meio de maiores aglomerados populacionais, Porto, Viseu e mais a sul Coimbra. No seu livro "*Montemuro. A mais desconhecida serra de Portugal*" fala ainda das paisagens diversificadas, quer geográfica como morfologicamente, como vertentes estereis de vida e deprimidas e outras com inúmeros cursos de água e grandes zonas verdes, que remontam à própria criação da serra.

A localização da aldeia, numa das vertentes viradas a Norte, faz com que possua um clima de montanha, possuindo grandes amplitudes térmicas anuais. O nome da aldeia nada tem a ver com a sua localização geográfica, pois morfologicamente é uma aldeia linear, numa espécie de micro planalto. Tal como a aldeia de Covas do Monte, também Vale de Papas é um beco sem saída, sendo a estrada municipal 1030 a única entrada e saída da aldeia. Como quase toda a serra montemurana, ao nível geológico, a sua morfologia é granítica e é por isso, desde os tempos arcaicos, o material mais utilizado, e ainda presente, na construção de edifícios.

O pequeno aglomerado rural, como é referido no Inquérito à Arquitectura Portuguesa (AA. VV., 2004), dispõe-se em forma de anfiteatro, no qual se pode seccionar a aldeia. O ponto mais alto é a secção mais antiga e foi, temporalmente, expandindo os seus braços construídos para Noroeste e Sudeste, com construção cada vez mais recente, mas com as técnicas de construção singulares do local (a construção de coberturas em colmo e paredes em pedra granítica). Fora as construções mais recentes, a tipologia geral dos edifícios divide-se em dois tipos, os dois pisos, habitação em cima e curral em baixo ou então as habitações de piso único, que até à pouco tempo ainda dava para notar o fumo das lareiras a sair por entre os beirados de colmo.

16 4 V.g. da Serra de Montemuro tem uma altitude máxima de 1381 m

Fig.29: Vista aérea de Vale de Papas (Fonte: Bing Maps)



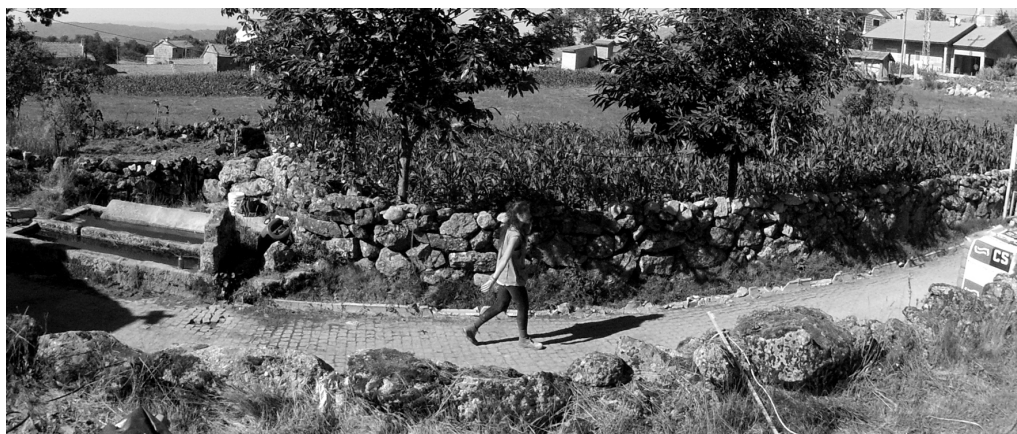


Fig.30: Tipologias da arquitectura e espaços públicos (Fonte: Cláudia Rodrigues)

“Prolifera nesta região do País uma gente rija e aguerrida, cuja epopeia tem sido a luta milenária para arrancar ao solo pouco generoso um sustento escasso. Homens em quem tal luta gerou hábitos de trabalho sem tréguas nem desfalecimento, de sobriedade, de economia e um entranhado amor ao terrunho que lhes resiste, mas que os alimenta e lhe revela a medida das suas forças geográcriadoras. Em contrapartida, mantém-nos num primitivismo de vida, de interesses e de aspirações que impressiona e, frequentemente, confrange.”

(AA.VV, Arquitectura Popular em Portugal, p. 8)

Fig.31-Ti Maria Rosa, numa longa mas normal paragem à sombra. (Fonte: do autor)



A SOCIEDADE | IDENTIDADE LOCAL

A pequena população da aldeia de Vale de Papas é exemplo do primitivismo regional existente, concluído nos levantamentos à arquitetura popular portuguesa. A relação pessoal que se adquiriu aquando este estágio, faz reflectir sobre os tais interesses e aspirações dos habitantes da aldeia. Diariamente, estas pessoas, na sua maioria acima dos 60 anos e com uma força inexplicável aos olhos dos citadinos, acordam a horas madrugadoras e vão apanhar o pasto para os seus animais enquanto o orvalho ainda está levantado. Após o pequeno almoço dado aos animais, seguem para as vertentes abruptas com o gado e por lá almoçam o farnel que levaram, quase sempre à base de pão, chouriça e uma peça de fruta (que não têm em árvores mas compram ao merceiro ambulante que vai à aldeia uma vez por semana). A tarde é mais diversificada ao nível do trabalho. Deslumbrase a Dona Florinda ou a Ti Maria a lavar roupa ou pedaços de lã de ovelha enquanto que os homens conversam entre varandas ou apanham vegetais pelas hortas. Quem tem campos de milho ou centeio, faz essa lide até ao fim da tarde, onde se observa a romaria do gado pela aldeia, que deixa as lembranças e cheiros pela rua. É hora de ir para o monte, à hora que a maioria da população portuguesa janta, os lutadores de Vale de Papas vão uma vez mais para o monte com o gado e por vezes, em períodos de Inverno, já a noite vai longa quando regressam às suas casas.

O diário da aldeia não possui muitas variáveis, a não ser a chegada do merceiro, do peixeiro ou dos correios, quando toda a aldeia ruma ao largo, numa espécie de caminhada ritual, que acontece religiosamente “quando o padre aparece” para a missa de Sábado.

Ora, observa-se uma sociedade de gentes trabalhadoras, que se regem pela máxima do trabalho árduo diário porque é isso que traz o sustento e a comida para a mesa e onde o lugar para alguma satisfação pessoal acontece aquando a venda de uma cabeça de gado ou quando há feira numa das aldeias vizinhas.

O auto-sustento e o esforço diário do trabalho em solos tão fracos fazem com que estas pessoas, cada vez mais isoladas e envelhecidas, aumentem ainda mais as desconfianças e o cepticismo nas relações entre famílias e forasteiros (como a organização Terra Amada). Esses receios, apesar de se desvanecerem com a passagem do tempo, estão sempre presentes e é necessária humildade e alguma simplicidade nas relações que se pretendem criar.

PARTE II ESTÁGIO I ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

a espinha dorsal de um homem é o que te segura
a espinha dorsal de uma casa é a trave
Sr. António Costa



Fig.32: Sr. António Costa com o traje de pastor (Fonte: do autor)

EASE PROJECTO | DÚVIDAS E CERTEZAS

O presente estágio recaiu sobretudo sobre o tema do turismo e património cultural e a fase de projecto do mesmo, tripartido como já foi referido, teve diferentes etapas de execução. A fase projectual teve sempre um carácter acumulativo, consequência dos inúmeros trabalhos e desafios colocados à organização Terra Amada. O principal foco inicial do presente estágio foi o Centro de Interpretação de Artes e Ofícios e a ideia inicial do estagiário no Terra Amada veio do aliciante da construção do projecto, uma sorte para ainda estudantes de arquitectura, como referiu um dia o tutor Victor Mestre. O processo de preparação da iniciativa mostrou uma realidade diferente, que assimilada, ensinou o revés que muitos arquitectos têm nos seus projectos e por isso, assim se cresce também como ser humano e futuro arquitecto.

A construção do CIAO ficou adiada devido à inflação do preço do edifício que a Câmara equacionava comprar, mas o seu projecto progrediu exponencialmente, tendo sido elemento agregador de outros projectos que foram incumbidos e que se adjectivavam relacionados entre si.

Numa primeira fase, foi assimilado ao estágio um objecto preponderante do património cultural da aldeia, a forja, que assim se relacionaria directamente com o núcleo museológico do centro de interpretação, sendo este parte integrante do mesmo núcleo, apesar de ser um edifício vizinho ao do CIAO.

“(...) os meios físicos como os instrumentos e os locais de audição, os materiais de que são feitos e, sobretudo, a sua combinação que permitirá a audição perfeita, ou seja, a materialização de uma ideia de um projecto. (...) a sua condição de imperceptibilidade não significará desaparecimento, ocultação mas antes o seu subtil contributo, no fundo a sua verdadeira valorização, enquanto meios para atingir o sublime.”

(Mestre, V. cit. in Gomes, Silva e Valentim, p.6)

À tentativa para atingir o sublime, que refere Victor Mestre, foi acrescentada ainda na fase de projecto, outro elemento conciliador do estágio, a sinalética turística que a Câmara de Cinfães queria incorporar na iniciativa. A materialização do projecto de estágio tornou-se assim, numa multiplicidade de projectos, onde a recolha e análise de conteúdos da aldeia, juntamente com a perspectiva de tornar o projecto um só, foram a base de trabalho para todas as fases, desde a preparação da iniciativa, até nos encontrarmos no terreno.



Fig.33: Materialização dos projectos

Elementos desenvolvidos na preparação da Iniciativa Terra Amada que foram materializados na aldeia de Vale de Papas. O desenvolvimento mais prático e com um sentido mais gráfico das placas turísticas contrasta com a aprendizagem mais fundamentada de construção e pormenorização de elementos construtivos, que viram neste estágio, o desafio de materialização da mesma.

Para além dos três projectos referidos, como estagiário da Iniciativa Terra Amada, existia a necessidade, como membro da organização, de apoiar outros projectos e foi-me incumbido ao longo do último semestre do curso, referente ao estágio, vários trabalhos complementares. Um dos cinco espigueiros iniciais que iriam ser reabilitados, foi projectado na fase de preparação da iniciativa, não sendo contudo construído devido às empresas de construção em madeira que não conseguiram disponibilizar o material, bem como o orçamento da Câmara, que se começava a tornar escasso para o programa.

Dessa experiência retirou-se conhecimentos da construção e pormenorização de trabalho em madeira que foram consequentemente utilizados em obra, na execução da porta da forja ou aquando os trabalhos madrugadores na cobertura da queijaria. Outro dos trabalhos complementares, mas não menos preponderantes para o estágio, foi o apoio no protótipo da cobertura em colmo utilizado no espaço público (caixa de correio, tanque público, instalações sanitárias). O protótipo consistia na junção do colmo a uma estrutura metálica, como reinterpretação da cobertura tradicional neste material que pretendia reforçar o efeito tradicional da pedra e nós no colmo, que sustentavam as coberturas. Agora, fica uma nova forma de sustentação do colmo, que passa a ser a própria estrutura. A ideia, que acabou por se materializar na semana da iniciativa, foi proveniente dos módulos de parede, desenvolvidos para o centro de interpretação, que tinham também essa ligação do metal / colmo.

A acrescentar à fase de projecto, as inúmeras reuniões, rectificações de projecto, idas a serralharias e empresas, fizeram parte do processo, mostrando a realidade, por vezes desgastante, da prática da arquitectura.

Um trabalho em conjunto dos membros da organização

Os sucessivos desenvolvimentos dos projectos em que estava inserido, foram-se aglomerando em objectivos de uma aprendizagem benéfica e contínua, premissas para este tipo de estágio, e as dúvidas que surgiam, os revés de concepção de obra, deram lugar a certezas de que o trabalho desenvolvido no centro de interpretação, forja ou sinalética, estava misturado harmoniosamente, tendo cada um dos projectos complementares, os que foram construídos, modificados ou apenas projectados, estavam a usar as ideias de projecto deste estágio, transpondo conceitos entre os vários objectos ao qual este estágio tentou dar resposta.

“Cada casa é, assim, o fulcro dum pequeno mundo agrícola familiar, com certa autonomia. Autonomia que nem sempre se alcança. Ou melhor, que nem sempre se alcança totalmente, mas que constitui uma aspiração generalizada nestes povoados pobres, em que em terra-mãe, pouco fértil e exaurida, retribui com parcimónia os mil cuidados que exige.”

(AAVV, Arquitectura Popular em Portugal, p. 57)

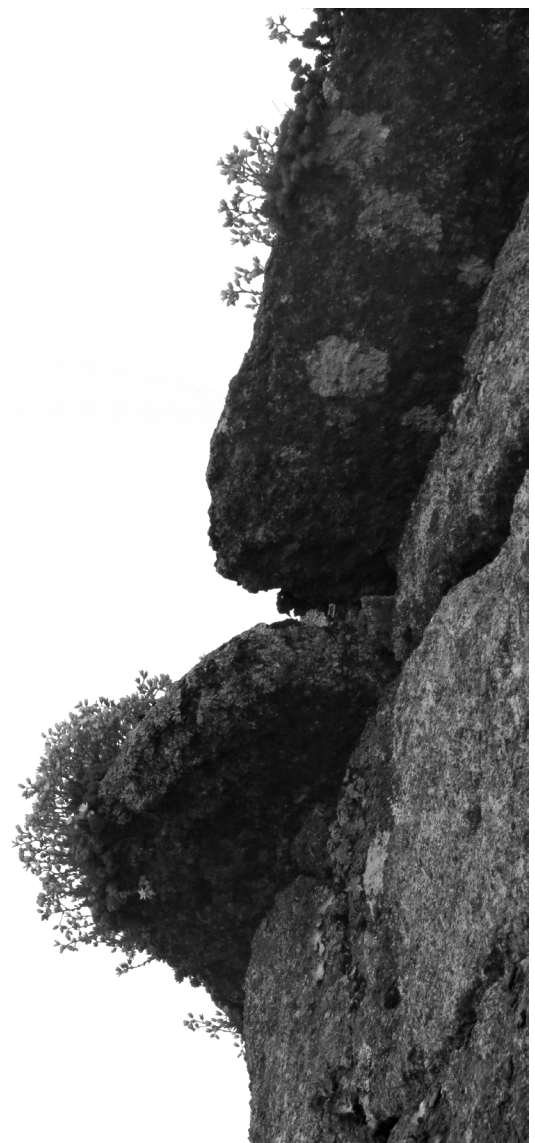


Fig.34: Pormenor do beirado do Centro (Fonte: do autor)

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE ARTES E OFÍCIOS

No inquérito à arquitectura popular portuguesa define-se a zona em estudo como pouco fértil e pobre mas também é evidência da busca de autonomia destas gentes, destas casas. Ora o edifício definido para ser o CIAO é exemplo da casa rural das beiras, como anteriormente já foi explicado, seguindo uma tipologia geral de dois pisos, com o piso térreo a servir de loja¹⁷ ou neste caso de curral, que servia e serve como meio sustentável tradicional de transmitir calor para o piso de cima, onde é guardada a palha e outros utensílios agrícolas. O edificado possui o habitual telhado de duas águas e é exemplo actual raro da cobertura de colmo (ainda) existente no povoado. A presença desta técnica milenar, bem como os imponentes guarda ventos que ajudam no resguardo do colmo foram um dos motivos para a escolha do edifício para “museu” de Vale de Papas.

O edifício evoca também a economia de recursos, características da arquitectura popular de Portugal, na sua estrutura, sendo um edifício com paredes meeiras¹⁸, expressão também esta popular. As três paredes mestras da casa cooperam com a quarta, que pertence também ao edificado anexo, que por norma até é da mesma família (como neste caso).

A sua tipologia sem divisórias, faz antever o uso para palheiro no piso superior e curral no piso inferior, mostrando assim a rigidez e austeridade construtiva deste edifício.

O conceito, programa e projecto pensados para o CIAO confundem-se com a preservação da essência do corpo construído, no qual foram introduzidas novas unidades que são necessariamente distintas do edificado original, mas tendo em conta os princípios de conservação e salvaguarda dos elementos pré existentes, tendo em conta as inevitabilidades contemporâneas, mas sobretudo as necessidades da aldeia.

A estratégia para este Centro de interpretação tem uma escala regional e espera-se que seja um espelho de um concelho maioritariamente rural e de tudo o que o envolve, tal como as técnicas construtivas, o património imaterial e a sabedoria da população mais envelhecida. Há então uma preocupação crescente, por parte da câmara e mesmo da iniciativa, que os objectos de estudo desta prova final sejam uma âncora para o resgate dessas culturas locais e regionais.

17 (do latim loggia)Piso térreo de uma habitação que serve para armazenamento ou para apoio às actividades agrícolas “loja”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/loja> [consultado em 09-09-2014]






18 Que ou quem possui ou tem direito a metade em alguma coisa “meeira”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/meeira> [consultado em 10-09-2014]





Fig.35: Edifício escolhido para o Centro-localização e implantação (Fonte do autor)

O enquadramento das realidades e sociabilidades rurais esmiuçadas ao longo deste relatório, bem como o estudo de uma boa prática de salvaguarda dos “patrimónios”, estipularam o programa para o interior do edifício. Por conseguinte, o CIAO divide-se em três ambientes distintos:

-  _ espaço de divulgação;
-  _ espaço de exposição;
-  _ espaço de convívio;
-  _ visitantes;
-  _ habitantes.

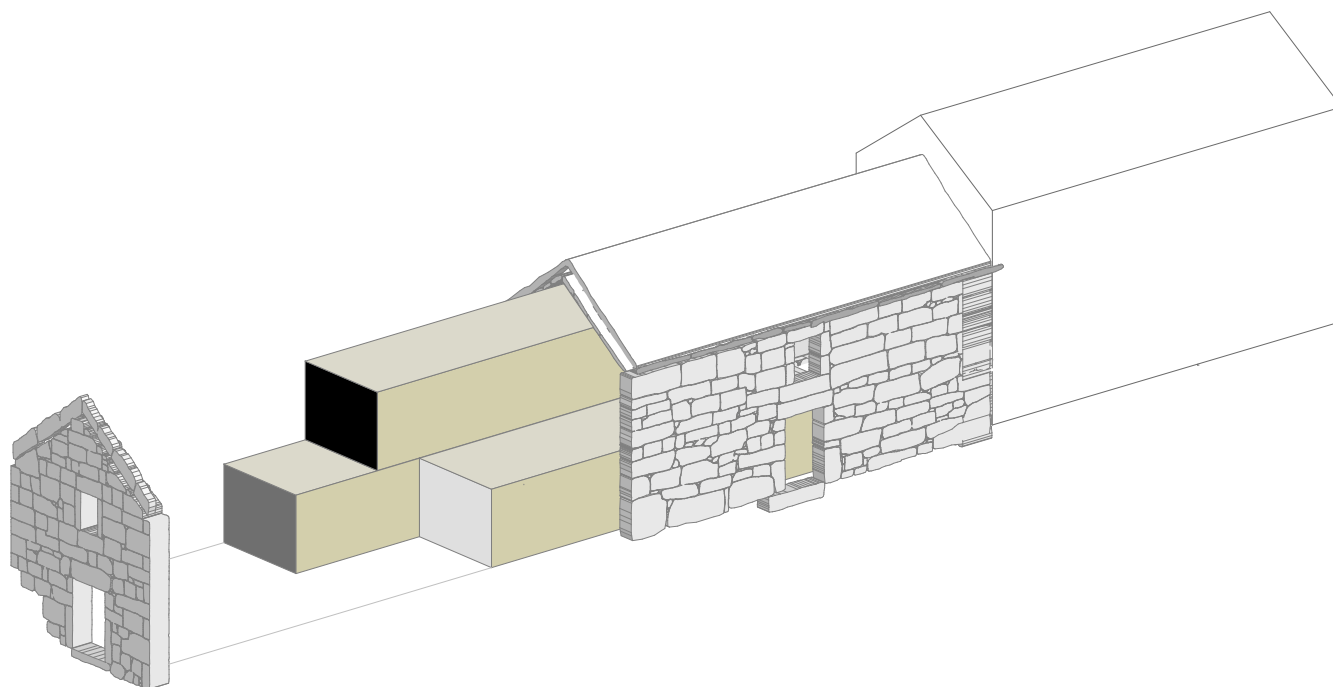


Fig. 36-Axonometria dos três quadrantes do CIAO (Fonte: do autor)

O projecto do CIAO segue e preserva a tipologia da casa curral que este dignifica. No alçado poente, virado para a única estrada de acesso à aldeia, observam-se a existência do desenho de uma janela e de uma porta, que estão actualmente fechados com pedra, fazendo assim com que este alçado seja um pano granítico fechado. A proposta mais intrusiva em todo o projecto passa pela abertura destes vãos, criando pontos de luz e mudando a lógica de entrada no edifício, do alçado norte para o alçado poente, que já terá existido noutro tempo.

O alçado principal do edificado, com a típica porta baixa, mas com uma largura considerável, é actualmente a entrada do curral, onde pernoitam duas a três vacas. A proposta de intervenção passa por secundarizar esta que é até agora a entrada principal. Observa-se também neste alçado, um pequeno vão no piso superior, característica da arquitectura tradicional, que serve para manter as palhas secas. Ao nível do conceito pensado para o CIAO, pretende-se revitalizar o postigo¹⁹ que se observa em muitas das casas do povoado. Esta abertura serve, como observado na casa do Sr. Manuel, para a circulação e renovação do ar, um método arcaico que combatia um possível incêndio na cobertura de colmo. A janela deste alçado, prende-se assim a essa ideia, como um postigo moderno que renovará o ar daquele espaço.

O alçado nascente está encostado a uma espécie de leira ou muro natural, que faz com que a entrada por este alçado, dê apenas acesso ao piso superior. A tectónica do edificado é usada assim na própria constituição do programa do centro. O alçado é consideravelmente simétrico devido às duas portas de entrada no edifício, que definem um eixo central que corta o edificado transversalmente e que, instintivamente, vai de encontro à janela do agora alçado poente, agora entrada principal. Este eixo imaginário, inato ao próprio edificado, a este corpo austero e quadrado, foi um dos elementos consolidantes da metodologia usada no projecto do interior.

Quanto à cobertura do CIAO pretende-se que seja em colmo, com a renovação do já existente e que seja também este, um exemplo materializado do património que se pretende conservar.

19 latim *posticum*, -i, traseiras de edifício, porta traseira
“postigo”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/DLPO/postigo> [consultado em 10-09-2014].
Expressão corrente nas zonas serranas.



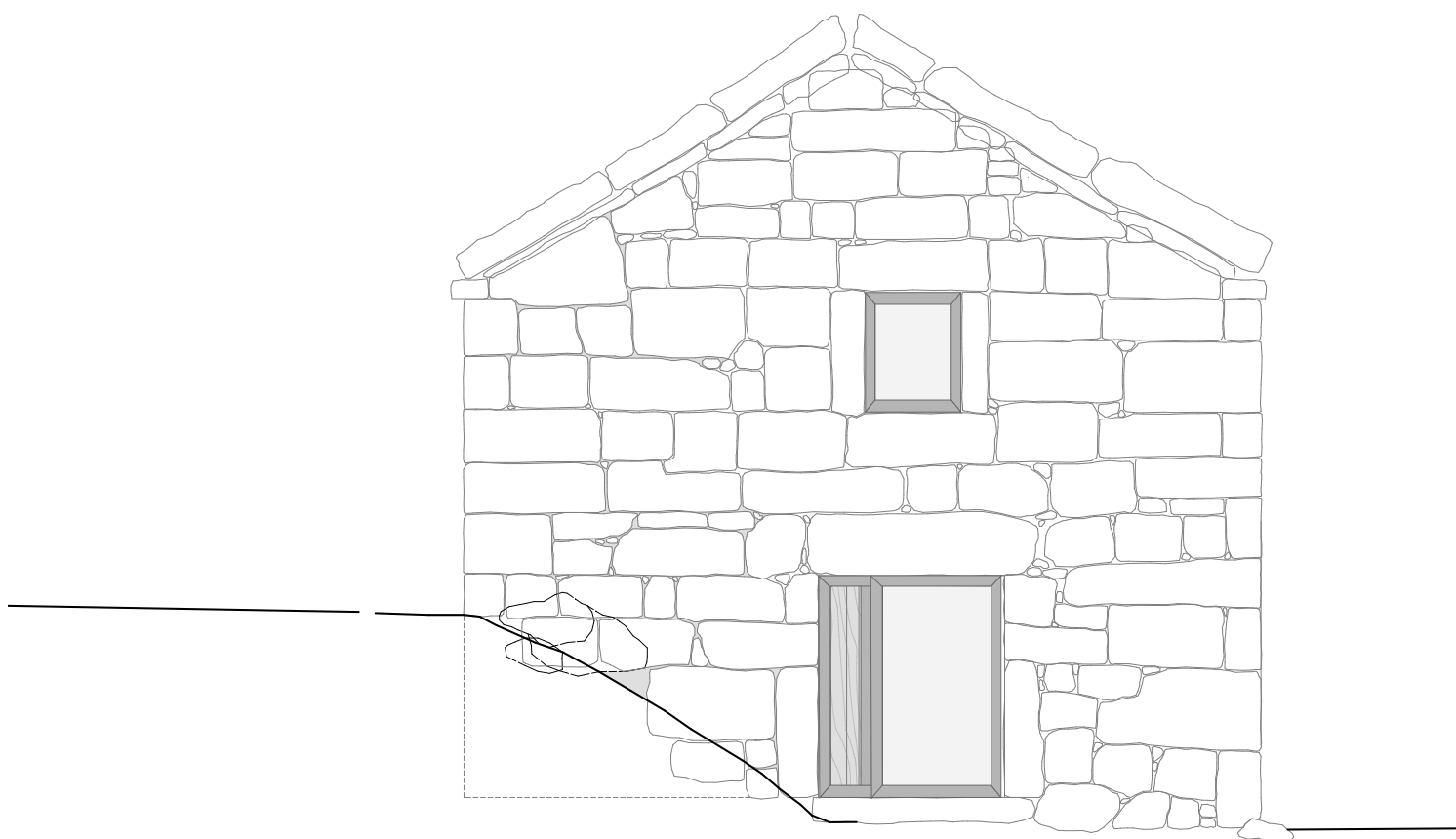


Fig.37: Alçado Nascente e Norte, respectivamente - projecto (Fonte: do autor)

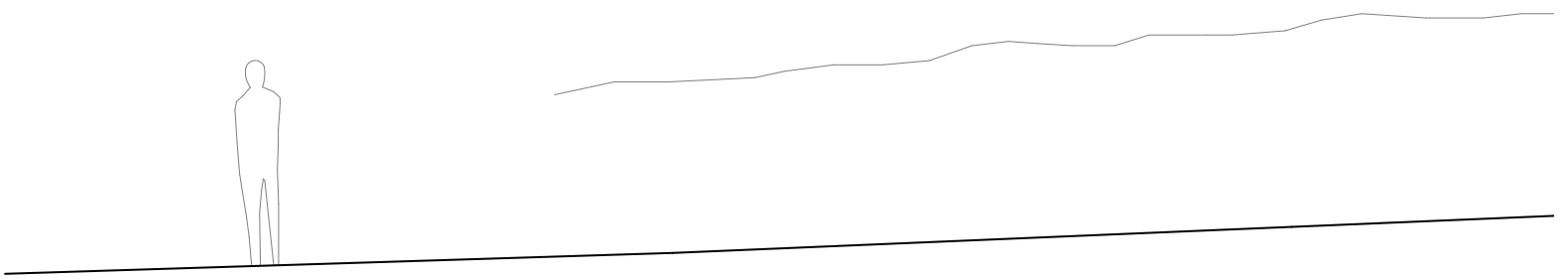


Fig.38: Alçado Poente-projecto (Fonte: do autor)

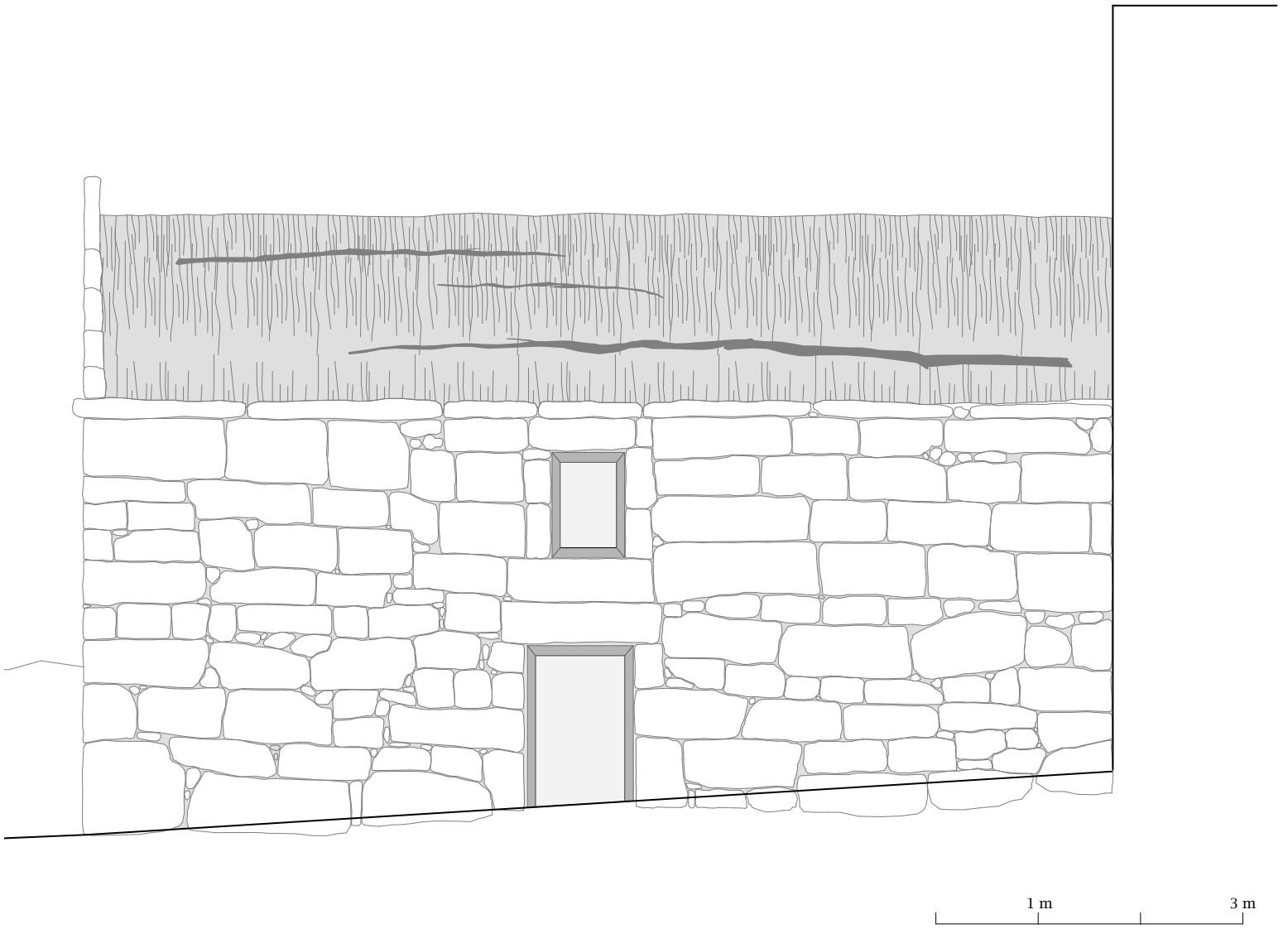
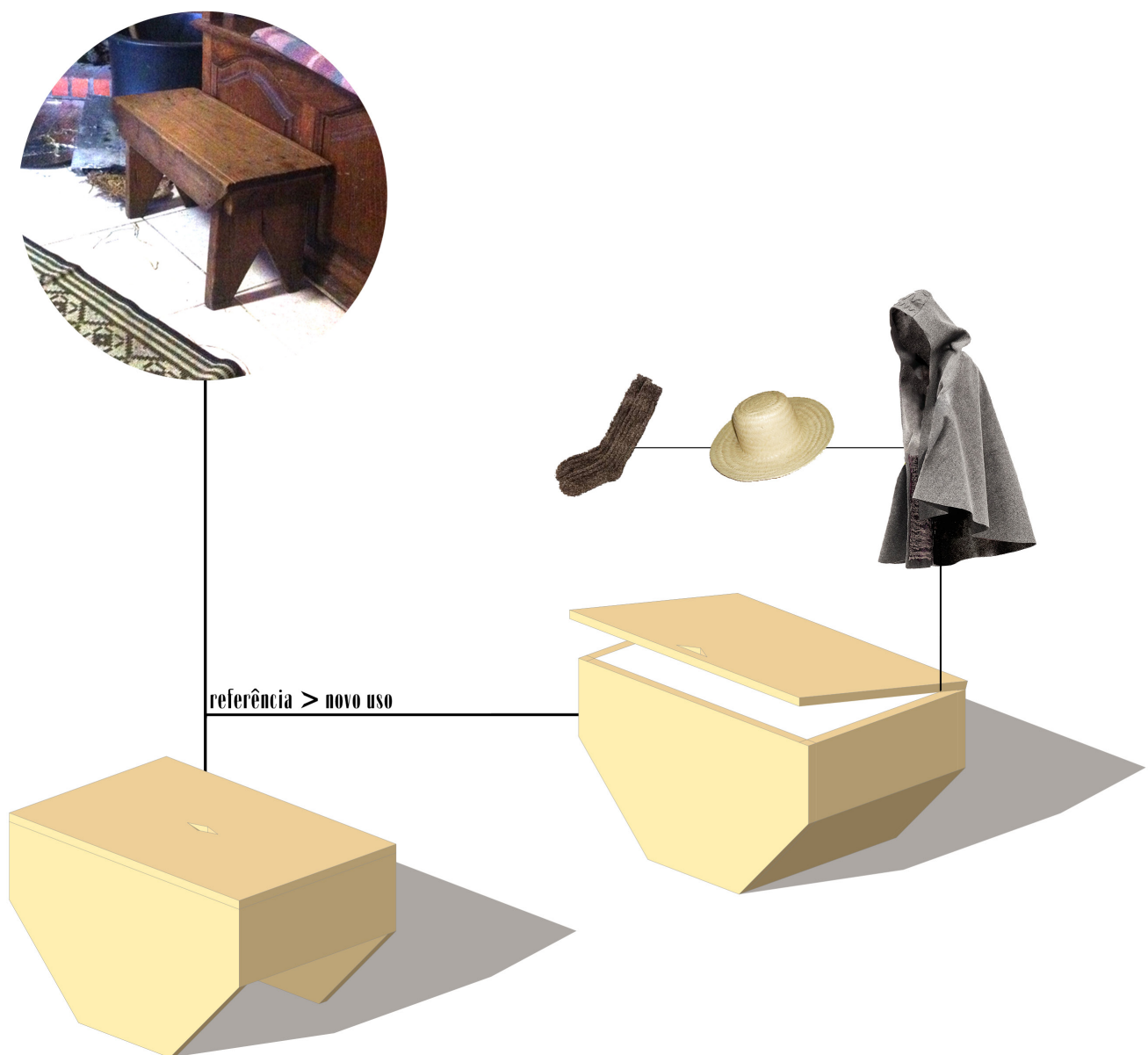


Fig. 39- Referência formal do banco tradicional rural reformulado para banco/arrumos do CIAO.(Fonte: do autor)



No piso térreo, a entrada principal, como já referido, passa para o alçado virado a poente, para a estrada que termina no largo do CIAO. Esta porta de acesso, está assim mais direccionada para a utilização dos visitantes da aldeia, o que por conseguinte faz com que a entrada secundária, agora no alçado a norte, seja para os habitantes da aldeia. Este distanciamento proposto tem duas premissas gerais que estão relacionadas com o primeiro ambiente do centro, **o espaço de convívio**.

É neste espaço que os habitantes de Vale de Papas podem conviver entre eles, num espaço resguardado das intempéries que até então não existia. Podem ainda aqui guardar e trabalhar na execução de chapéus de palha, capuchas ou meias de lã, preservando mesmo que involuntariamente algum do património imaterial que também faz parte do objectivo deste edifício. Para esse fim possuem ainda bancos de madeira, formalmente renovados tendo como exemplo os tradicionais bancos à lareira, onde têm a possibilidade de guardar os acessórios e utensílios, para essa prática tradicional.

O visitante após entrar no edifício, está na zona de convívio dos habitantes, mas que é também um local para a partilha de conhecimentos e onde é demonstrado de forma intuitiva ao turista o património imaterial, a realidade social da aldeia. Este espaço em open space conta também com uma pequena casa de banho e lavabos, que pode ser utilizada tanto pelo visitante como pelo visitado que estará ali sentado, a conversar ou a fazer meias na hora de repouso habitual depois de almoço.

O espaço de convívio é a reinterpretação do espaço social como o entendemos na contemporaneidade, onde diferentes gentes, idades e saberes se relacionam. É o ponto do CIAO onde se gera conhecimento, preserva tradição e onde se poderá gerar também criatividade. Os utilizadores deste espaço poderão tornar-se as *máquinas modernas* como Le Corbusier referia, mas num ambiente rural, que possui contudo a possibilidade de interacção e criação no mesmo espaço, onde se combate a retracção social ao mesmo tempo que os habitantes não perdem a sua genuinidade e individualismo.

Ainda no rés-do-chão, encontra-se o **espaço de exposição**, pedido pela Câmara Municipal para a exibição mais convencional do que conhecemos como museu. Neste quadrante encontramos a exposição de vestuário e a exposição de utensílios e ferramentas agrícolas. Este ambiente expositivo é transposto para o piso superior através da colocação de cabos metálicos, que unidos na estrutura da cobertura seguram várias ferramentas e vestuário, criando assim pontos visuais interessantes, para quem está na zona de exposição, ou na zona de divulgação acima.

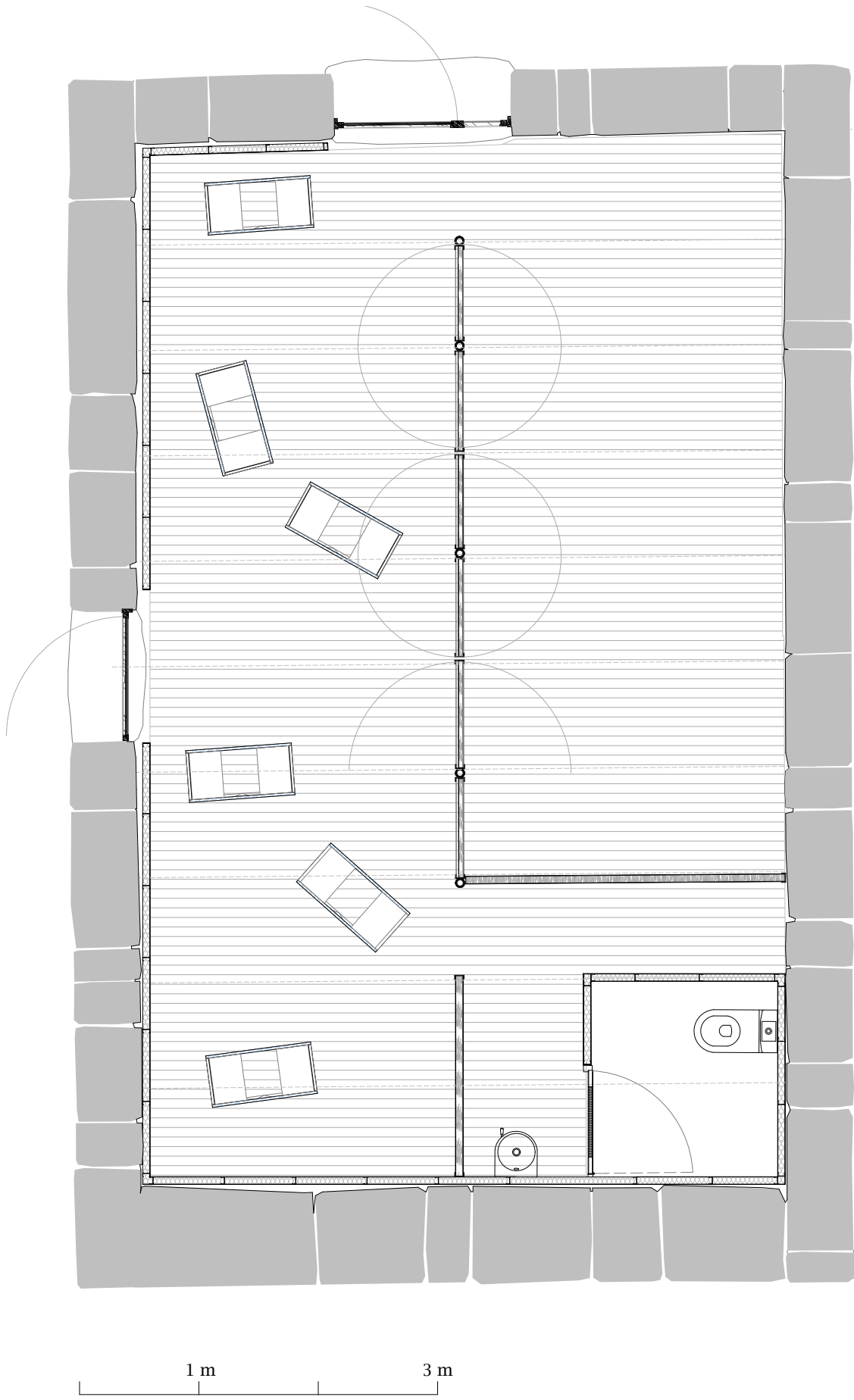


Fig.40: Planta piso térreo

(Fonte: do autor)

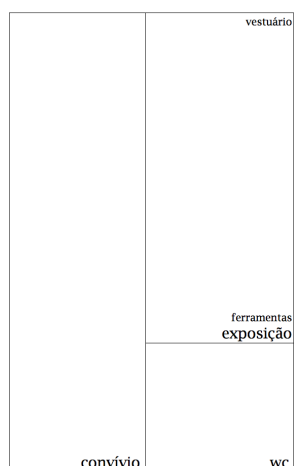


Fig.41: Piso térreo-dois espaços, uma vivência (Fonte: do autor)

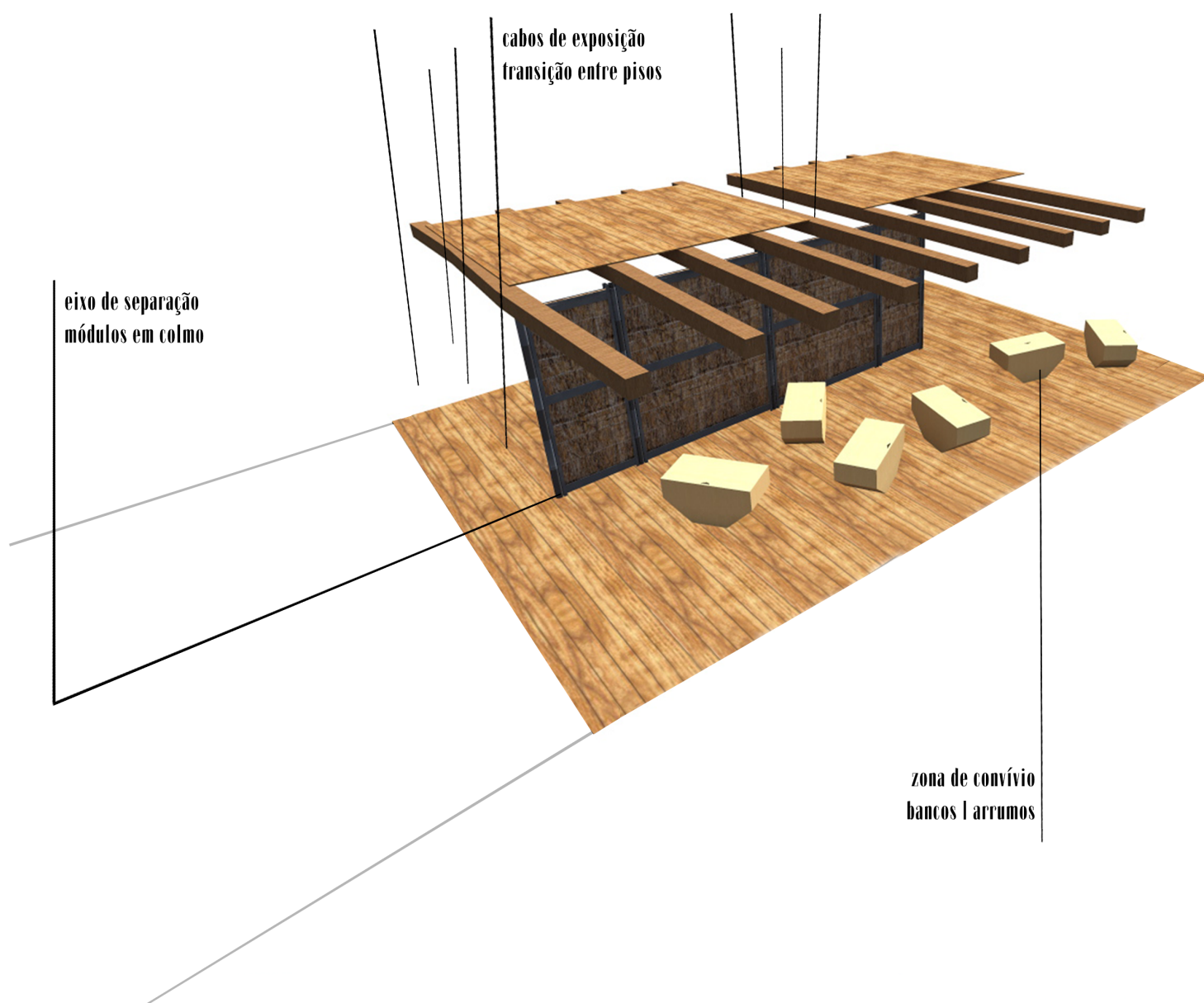




Fig.42: Ambiente espaço convívio-práticas tradicionais. (Fonte: do autor)



Fig.43: Ambiente espaço exposição-ferramentas (Fonte: do autor)





Para além da presença do colmo na cobertura, como técnica construtiva, também este era por parte da Câmara e da organização TA, um elemento a expôr. A estratégia de projecto passou assim por apresentar a técnica de colmar como um elemento unificador de espaços e ao mesmo tempo re-inventá-lo. Ora, as paredes que separam o espaço de exposição do espaço de convívio, foram o alvo durante o processo criativo para usar essa referência cultural e assim, expô-la ao mesmo tempo.



A ESTEIRA | MÓDULOS DE SEPARAÇÃO

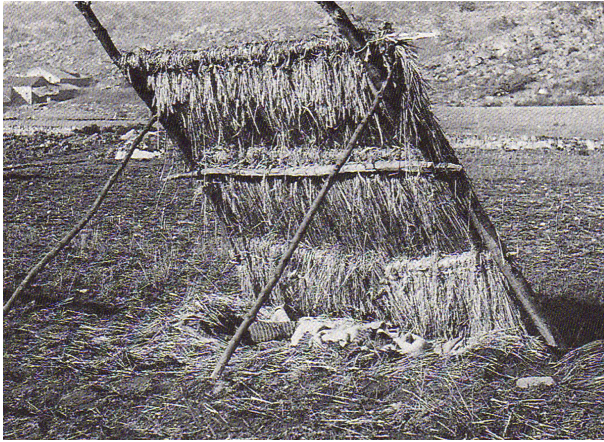


Fig.44: Abrigo móvel em esteira, Sernancelhe
(Fonte:Oliveira, Galhano, Pereira, 1988)

A prática da agricultura e pastorícia da Beira Interior, como nos apresenta Oliveira, Galhano e Pereira (1988, p.254) são e foram os principais meios de subsistência dos espaços ruralizados, tal como a aldeia em questão, onde a rudeza e isolamento da actividade fizeram com que o pastor reflectisse acerca de um abrigo, aquando no monte com o gado. A necessidade de outros tempos serviu de referência formal e construtiva, para a execução das paredes de separação entre o espaço expositivo e de convívio.

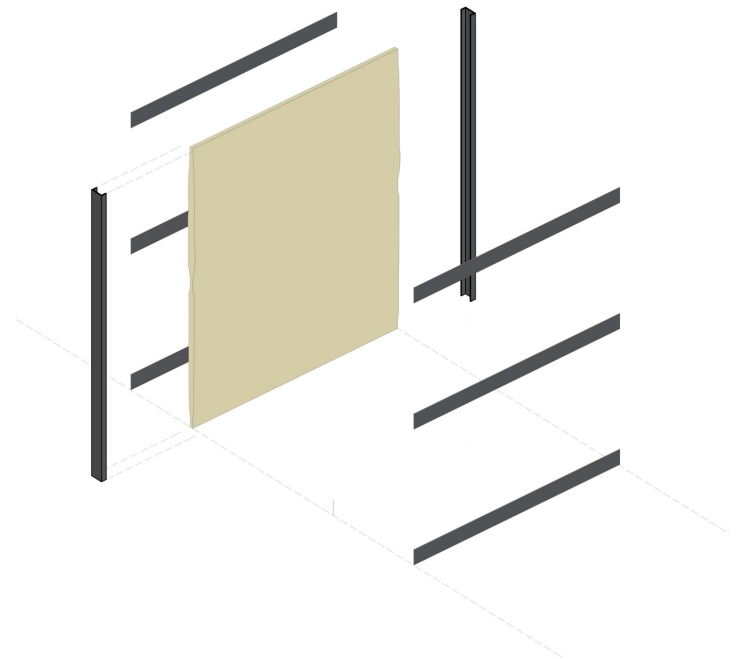
Visto a constante mobilidade do rebanho, num processo quase nómada em busca de alimentação, desenvolveu-se um abrigo, móvel como o gado, que permitia ao pastor abrigar-se das intempéries, bem como guardar os utensílios de cozinha e de ordenha. Estas esteiras eram assentes no solo e poderiam ainda ser transportadas pelo utilizador. A esteira²⁰ não passa de um guarda-vento, o qual não poderá ser considerado uma construção habitável, mas que mesmo assim, cumpre os requisitos mínimos de quem tinha que exercer a actividade de pastor. Os pastores da Beira armam com o auxílio de paus e giestas uma cabana a que chamam choça²¹, que destroem logo que mudam para outra pastagem. Tapam ainda por meio de paus miúdos e de colmo os espaços existentes entre as pernadas.

Fig.45: Abrigo móvel de duas esteiras com anteparo em absidiolo, Penamacor (Fonte: Oliveira, Galhano, Pereira, 1988)

20 Tavares de Proença cit. in Oliveira, Galhano e Pereira, 1988, p.40

21 Choça ou choupana; Casa Humilde definição encontrada em Lexicoteca: Moderno Dicionário de Língua Portuguesa, Volume 1 A-L, Lisboa: Círculo de Leitores, 1985) O conjunto de esteiras, feitas em materiais vegetais poderiam ser móveis.

Este tipo de esteira, o mais precário de todos, que deixa o pastor exposto nas laterais do abrigo(ver imagem), foi então desenvolvido no projecto do CIAO como a parede móvel de separação de espaços. A mobilidade da esteira, a sua possibilidade de mudança, é agora transfigurada em paredes-módulos, que colocadas sucessivamente podem rodar sobre um eixo central, ou seja, cada módulo possui uma rotação de 180 graus sobre um perfil metálico. Esse elemento metálico está fixo sob o pavimento em soalho e a sua fixação superior é feita num encontro metálico cravado nas vigas pré-existentes e conservadas do piso superior. A rotação dos módulos permite que a transição entre espaços seja total ou parcial, consoante o utilizador. Os módulos são assim diversificados no seu uso e podem conter ainda painéis afixados que contam as várias histórias, provérbios e lengalengas que se vão contando na aldeia e que se podem (e devem) ser recolhidas e expostas nestas paredes.



A espécie de taipal, num esquema quadrangular modular, onde possui duas diferenças, a ligeira curvatura do taipal deixa de existir, bem como a sua estrutura de ripas de madeira, que no projecto em questão, passam a ser réguas metálicas, colocadas horizontalmente e que são fixas às calhas metálicas de cada módulo. Estas réguas espalmam o colmo no seu interior, referenciando assim as tábuas e /ou troncos de madeira colocadas sob a cobertura de colmo.

O módulo de parede, multifuncional segue então os princípios elementares da esteira, bem como as técnicas de colocação do colmo, servindo de separação entre os espaços no CIAO e reinventando o fim que a esteira tinha no passado, a separação entre o ser humano e as intempéries.

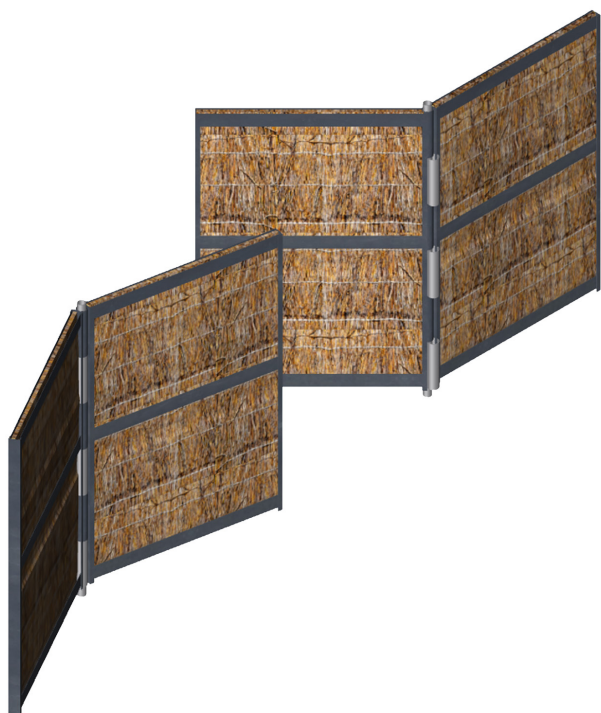


Fig.46: Módulos de separação (Fonte: do autor)

Fig.47: Fotomontagem-explicação abertura de pavimento (Fonte: do autor)



O piso superior é o **espaço de divulgação** do CIAO. Este ambiente era um pressuposto da Câmara de Cinfães e das União de Juntas de Freguesia da região que equacionavam ser um local de venda de produtos regionais e locais. Mais uma vez, tendo em consideração a realidade económica e social em estudo, houve a preocupação que este integrasse a sociabilidade pretendida para o CIAO, entre visitantes e visitados. Na fase de projecto pretendi-se também a salvaguarda de elementos estruturais e técnicas de construção.

Assim, este espaço, manteve a veracidade da pré-existência estrutural e técnica, tanto na permanência e conservação do vigamento de piso (que integra a estrutura dos módulos do piso inferior) como o vigamento da cobertura e a asna central, elementos que deixam antever o ripado de madeira que segura o colmo envelhecido da cobertura. A permanência técnica e formal do existente construtivo faz com que o próprio edifício seja um exemplar activo do património que ali se quer demonstrar.

O uso do espaço neste piso segue a ideologia prática e coerente de toda a iniciativa TA.

O soalho em pinho apresentava-se bastante deteriorado no quadrante acima do espaço de convívio, e a escolha natural (tendo em conta a possível execução da obra no contexto da iniciativa) foi a remoção do soalho nessa zona, que gerou uma mezanine no sentido longitudinal do edifício poupando preocupação e mão-de-obra à Câmara, responsável pela execução do projecto. O quadrante com o pavimento deteriorado foi assumidamente removido e manteve-se o vigamento pré-existente, criando assim uma relação visual entre pisos, enaltecendo ainda mais as relações interpessoais no espaço. A asna existente prejudicava a passagem do utilizador (imagem ao lado) e por isso, a zona de exposição de ferramentas no piso inferior, é transferida através dos cabos já falados, para o piso superior, ficando o vazio adjacente à asna.

O acesso ao interior neste piso é feito pelas duas portas existentes, dividindo assim o programa. No piso superior é então, após a entrada na porta direita, a zona de venda de produtos regionais e locais que são expostos em mobiliário reaproveitado e tradicional enquanto que a porta da esquerda dá acesso à área de audiovisual e multimédia, onde se espera que a recolha de vídeo e imagem feita antes e durante a iniciativa, esteja constantemente a ser apresentada, numa das paredes que foi reforçada com uma parede em gesso cartonado, que ajuda o comportamento térmico do edifício na parede meeira bem como serve de base à projecção de vídeos e imagem. A zona deteriorada apresentado no esquema ao lado, evidencia as vigas existentes de piso e cria uma ligação visual com o espaço de convívio. A imagem geral deste piso deixa transparecer então, a essência construtiva do edificado e os apontamentos de intervenção como os vazios e cabos de exposição pendurados que separam os dois espaços dentro do espaço de divulgação.

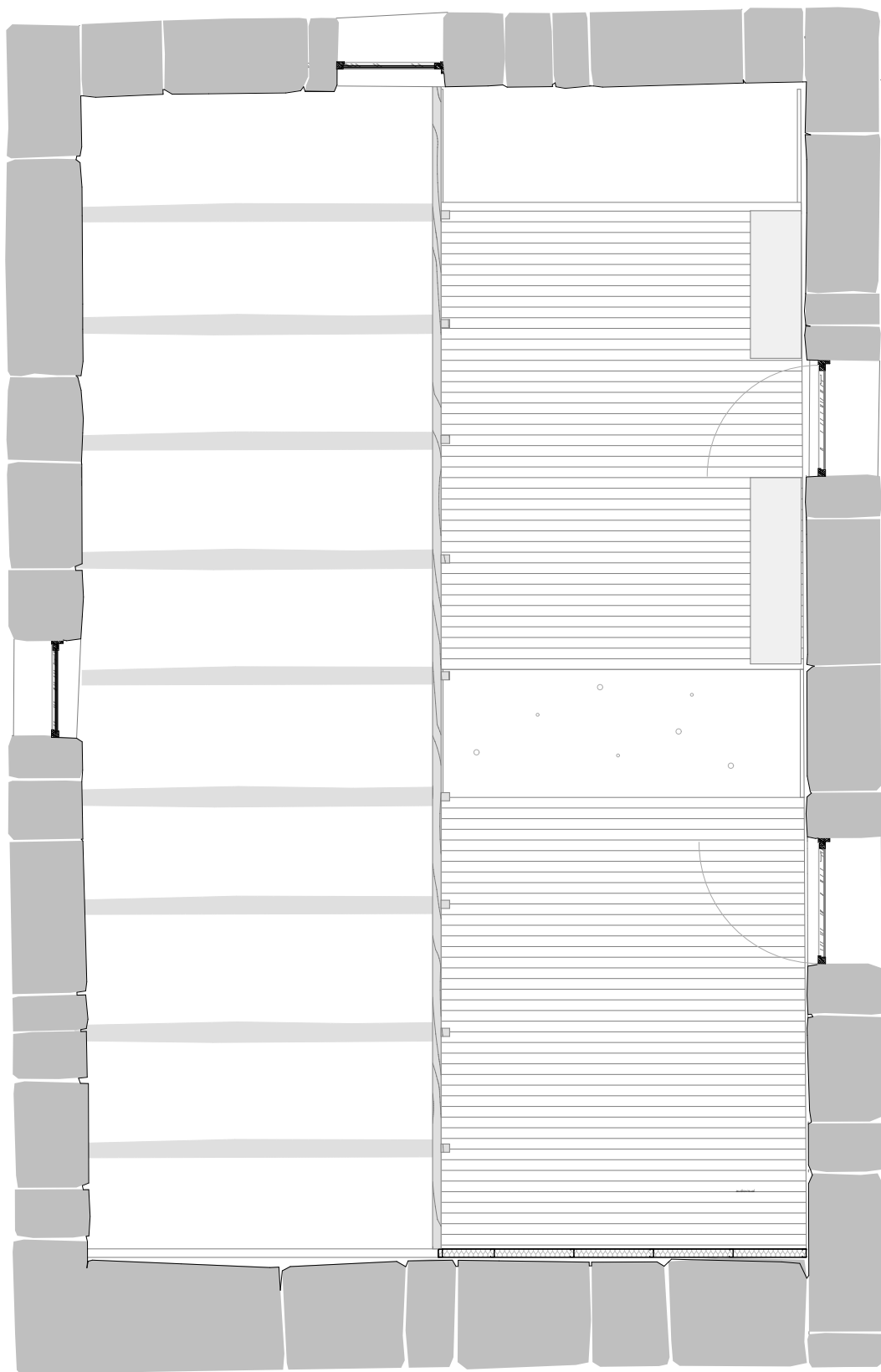


Fig.48: Piso 1- espaço divulgação

(Fonte: do autor)

1 m

3 m

| | |
|--|---------------------------|
| | vestuário |
| | zona de venda |
| | ferramentas |
| | audiovisual divulgação |

Fig.49: Projecção de vídeo na parede construída (Fonte: do autor)





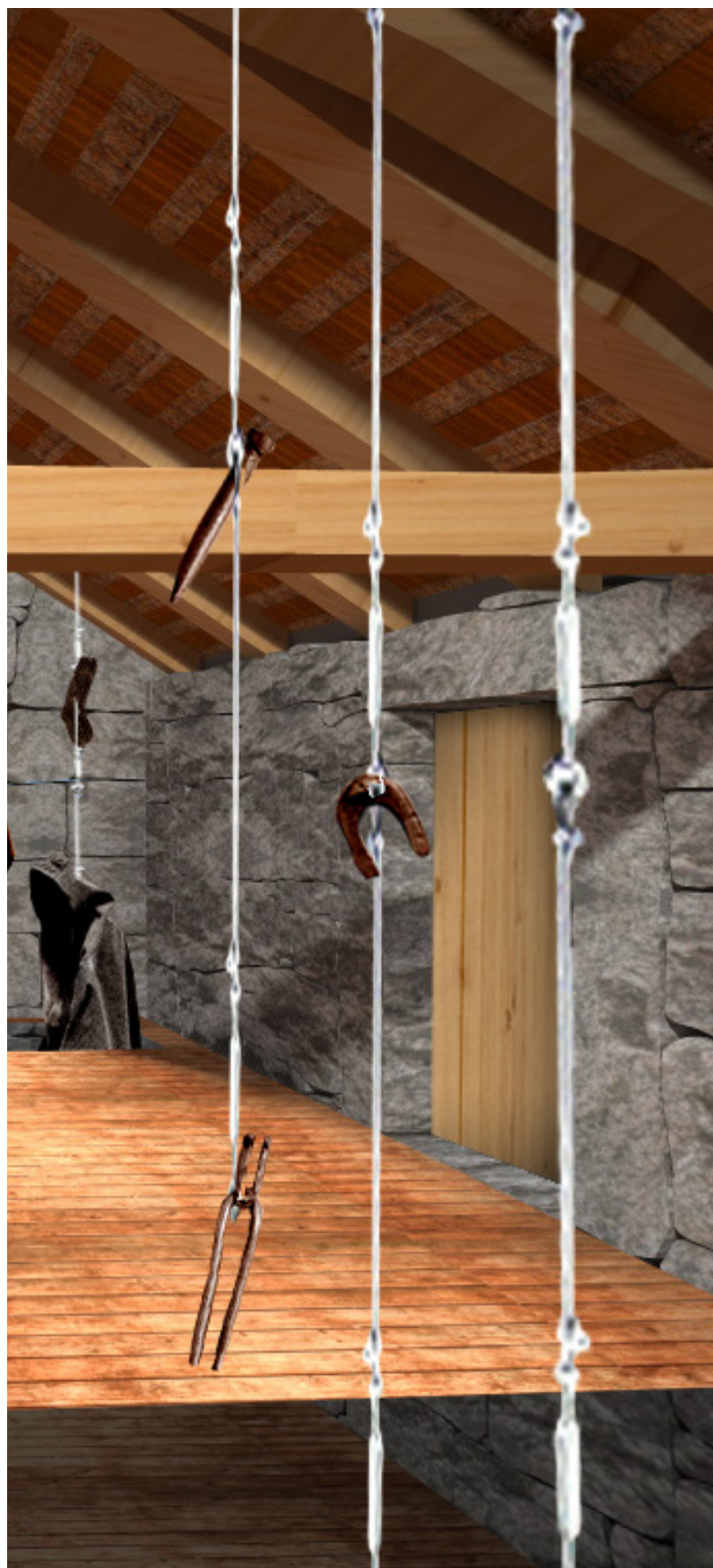


Fig.50: Zona de venda-presença dos cabos (Fonte: do autor)

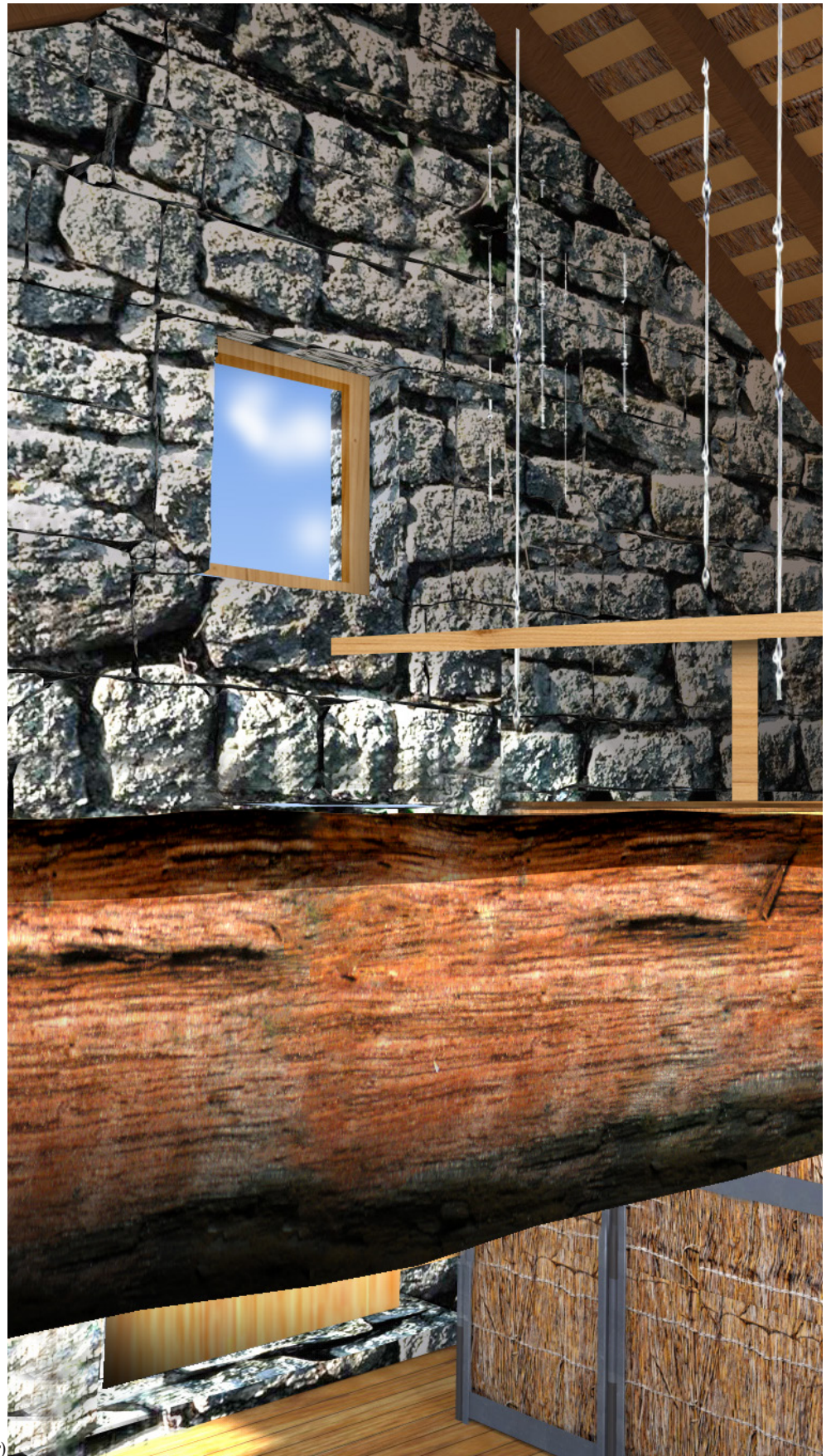


Fig.51: Ligações visíveis entre pisos (Fonte: do autor)



Fig.52: Corte longitudinal pela porta dos habitantes (Fonte: do autor)

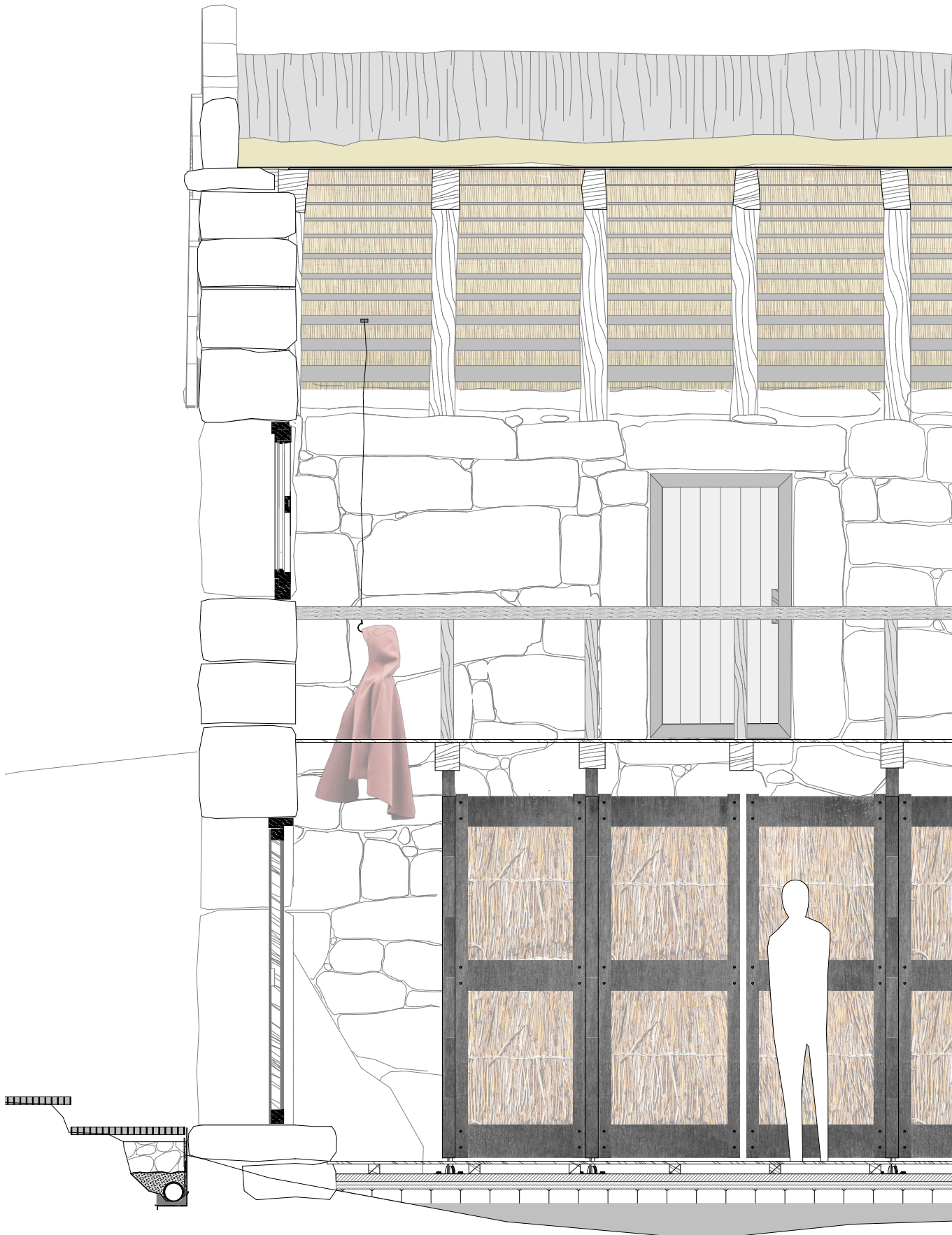
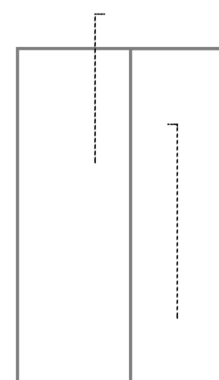
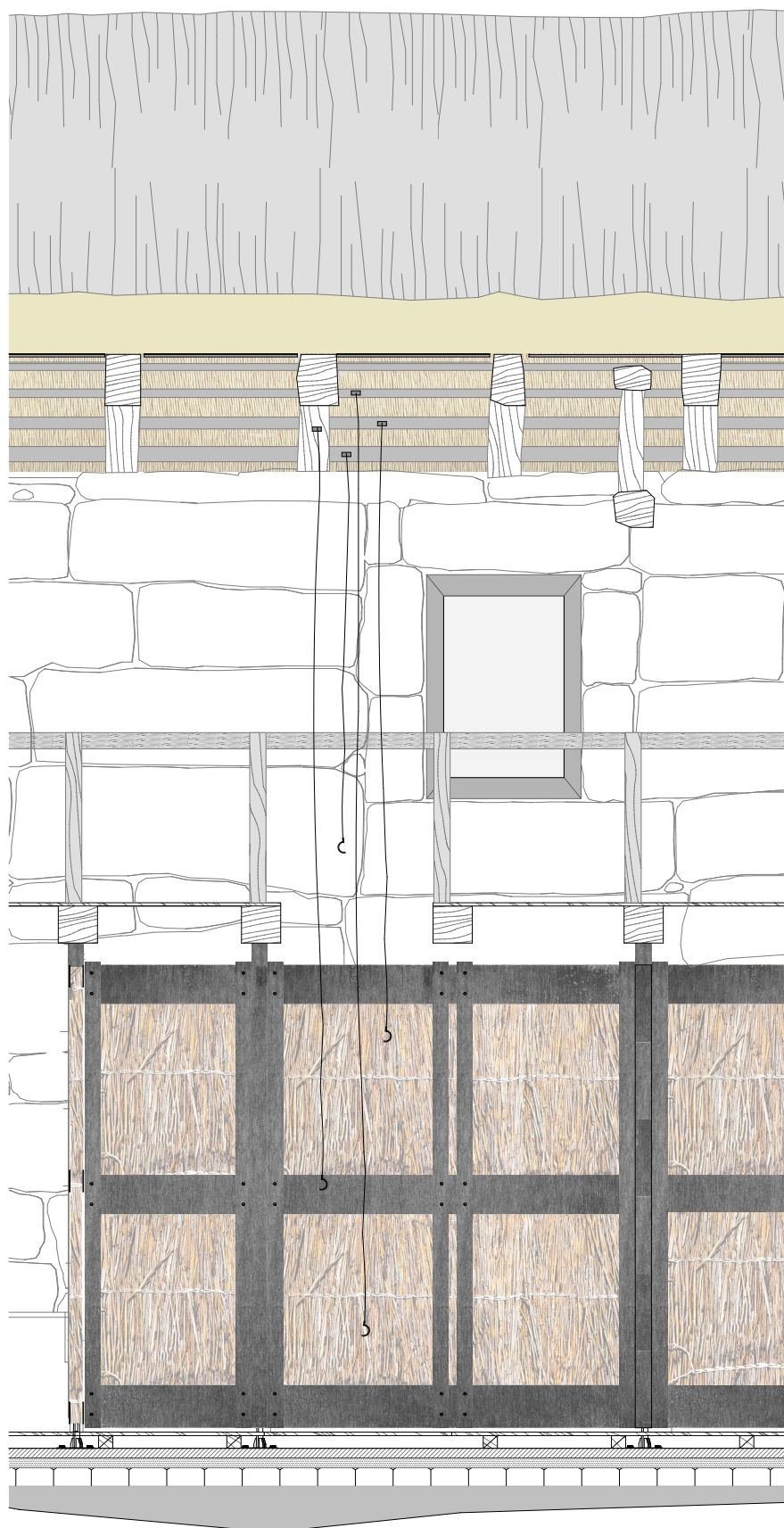


Fig.53: Corte longitudinal pela zona de exposição (Fonte: do autor)



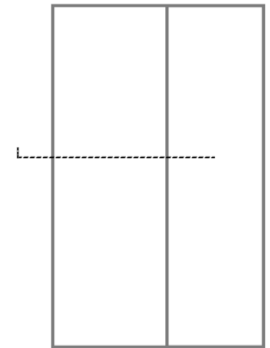
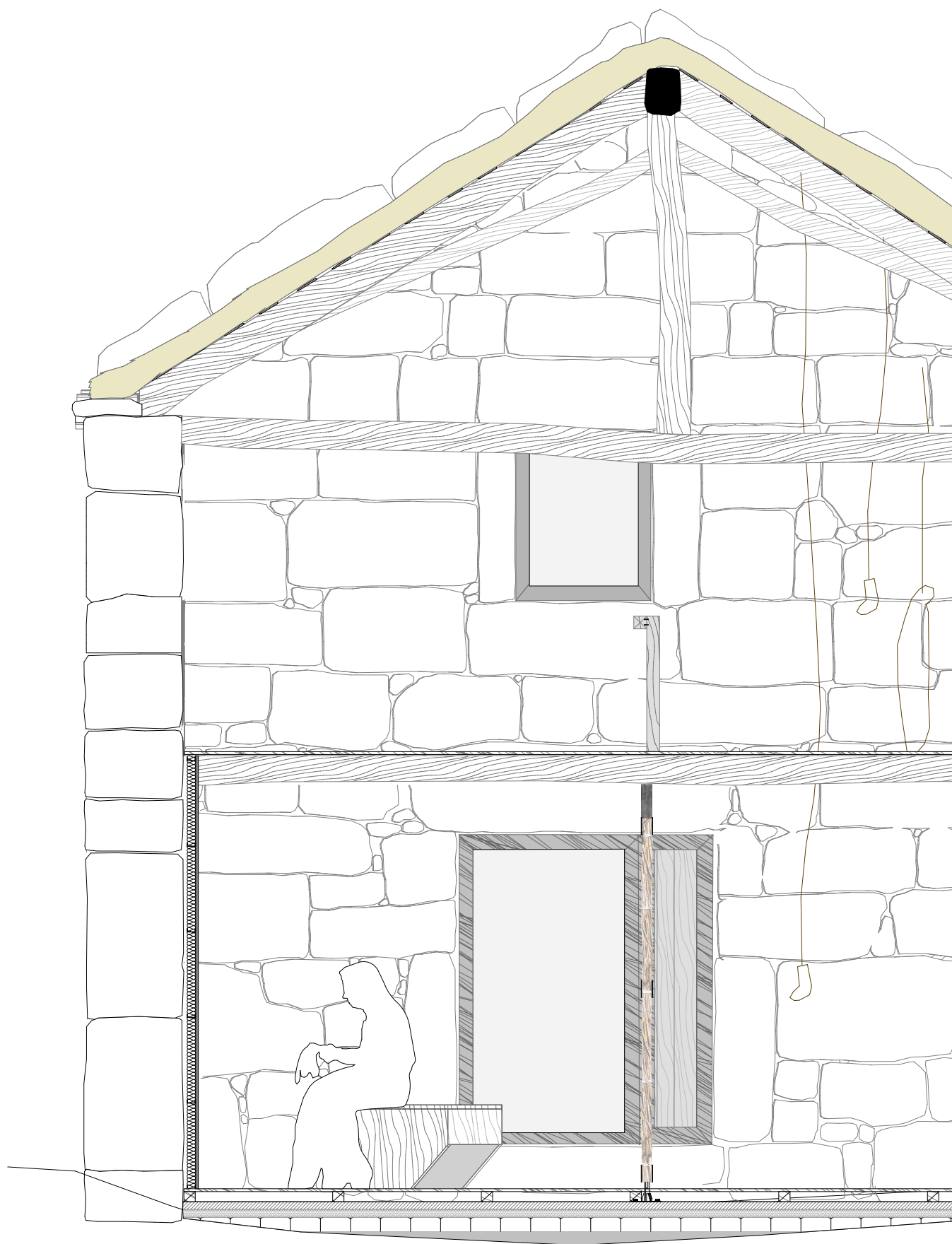


Fig.54: Corte transversal- dois espaços. Pormenores construtivos (Fonte: do autor)



“É árdua a tarefa de conservar e reabilitar o edificado existente, talvez tanto maior quanto mais banal seja esse edificado, já que a singularidade e o valor intrínseco de objectos únicos ou quase singulares lançam sobre eles uma espécie de manto protector que afasta, ou devia afastar, operações extremas (...).”

(Appleton in Revista Património, 2013, p.31)



Fig.55: Exterior e interior da forja-antes (Fonte: do autor)

A forja intervencionada na aldeia é um pequeno edifício pertencente a uma das famílias mais antigas de Vale de Papas, a família Costa. O senhor António Costa, da quarta ou quinta geração, como o próprio indica, foi um dos elementos fundamentais no processo de intervenção definido para a forja sendo ele que abriu as portas (literalmente) da mesma e apoiou a conservação e salvaguarda daquele espaço com 13 m² encostado a um afloramento rochoso. Levantou-se assim o manto protector que Appleton refere, numa atitude corajosa de um homem defensor do que é seu, mas que ao mesmo tempo compreendeu o potencial da intervenção.

A forja deixou de trabalhar à aproximadamente 50 anos e os materiais de apoio à prática do ferreiro estavam imaculadamente parados no tempo, como os martelos, tenazes, a bigorna e vários utensílios agrícolas ali fabricados. O último ferreiro da aldeia era o avô do Sr. António que incandescia os metais e os tornava moldáveis na bigorna, quando a prática agrícola e a demografia da aldeia possuíam números ainda elevados.

No levantamento do edifício, retornou-se ao passado, que permanecia ali incólume, como se o avô do Sr. Costa tivesse estado a trabalhar no dia anterior. A presença do fole com dimensões consideráveis, o forno, a mesa de trabalho com a bigorna ou a pia que servia para o tratamento térmico dos metais com água e aonde se via ainda réstias desse metal com meio século de existência.

Após a disponibilidade por parte do proprietário e o levantamento métrico e de património ali encontrado, equacionou-se uma intervenção ao nível da conservação e restauro no interior da forja. No exterior, tendo sido uma das premissas da iniciativa, e tendo oportunidade, seria um exemplo da utilização da cobertura em colmo, um cartão de visita da aldeia como mencionaram um dia as entidades responsáveis. O espaço público, entretanto equacionado no programa da TA, tinha no acesso à forja um desafio de remoção de terras e execução de escadas, num ambiente global que se esperava coeso, pelas ruas sinuosas de Vale de Papas.





Fig.56: Vista geral forja-localização. (Fonte: do autor)

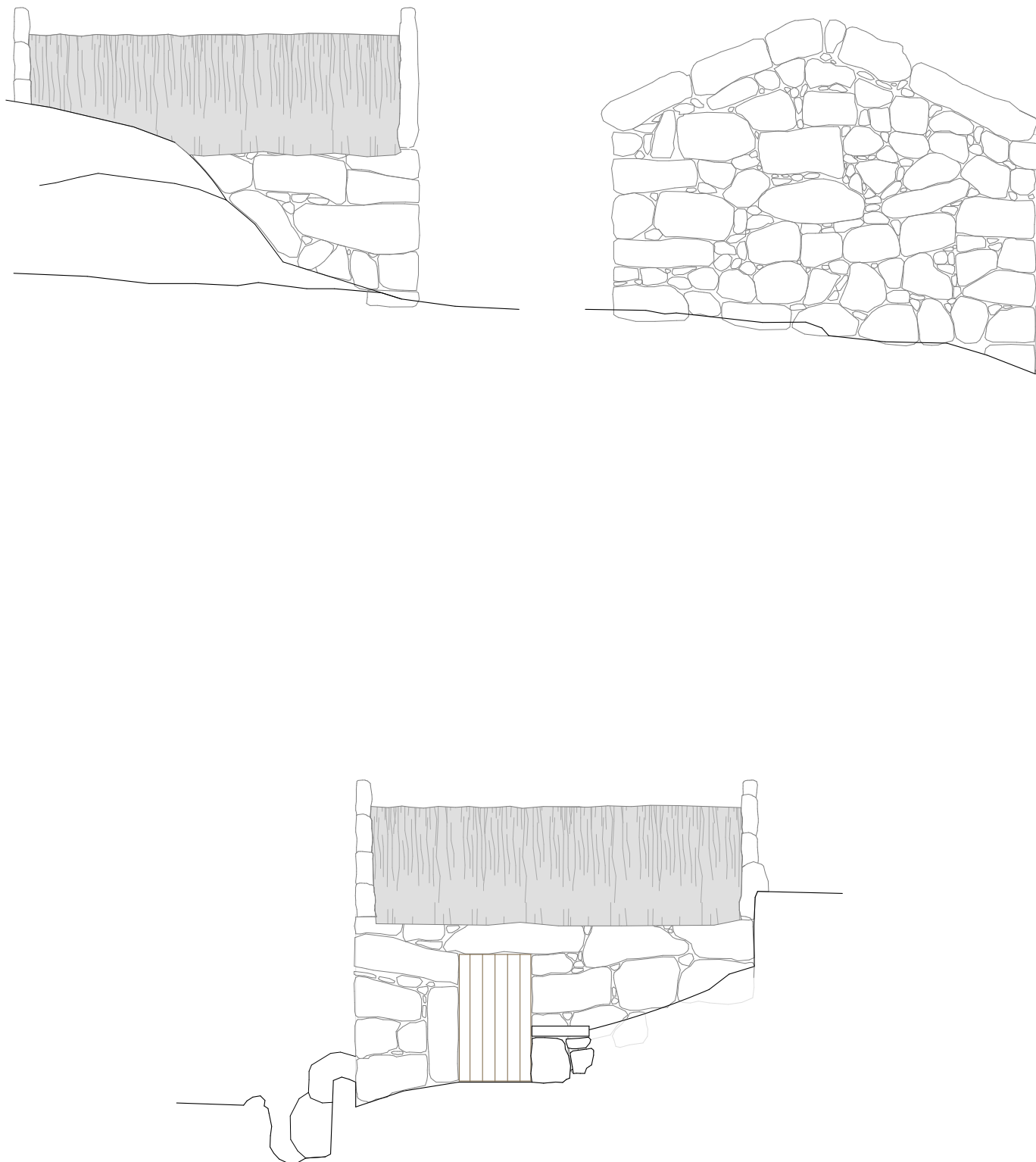
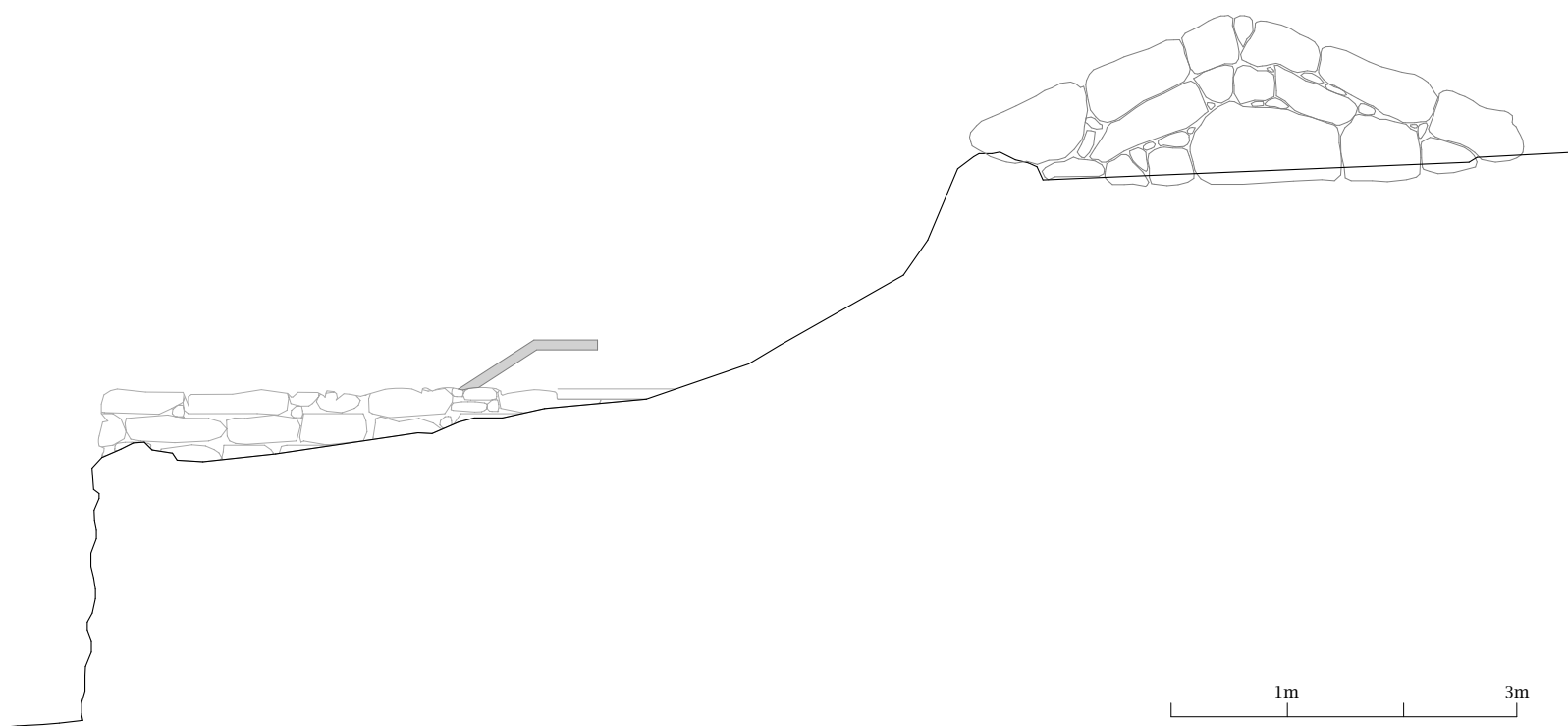
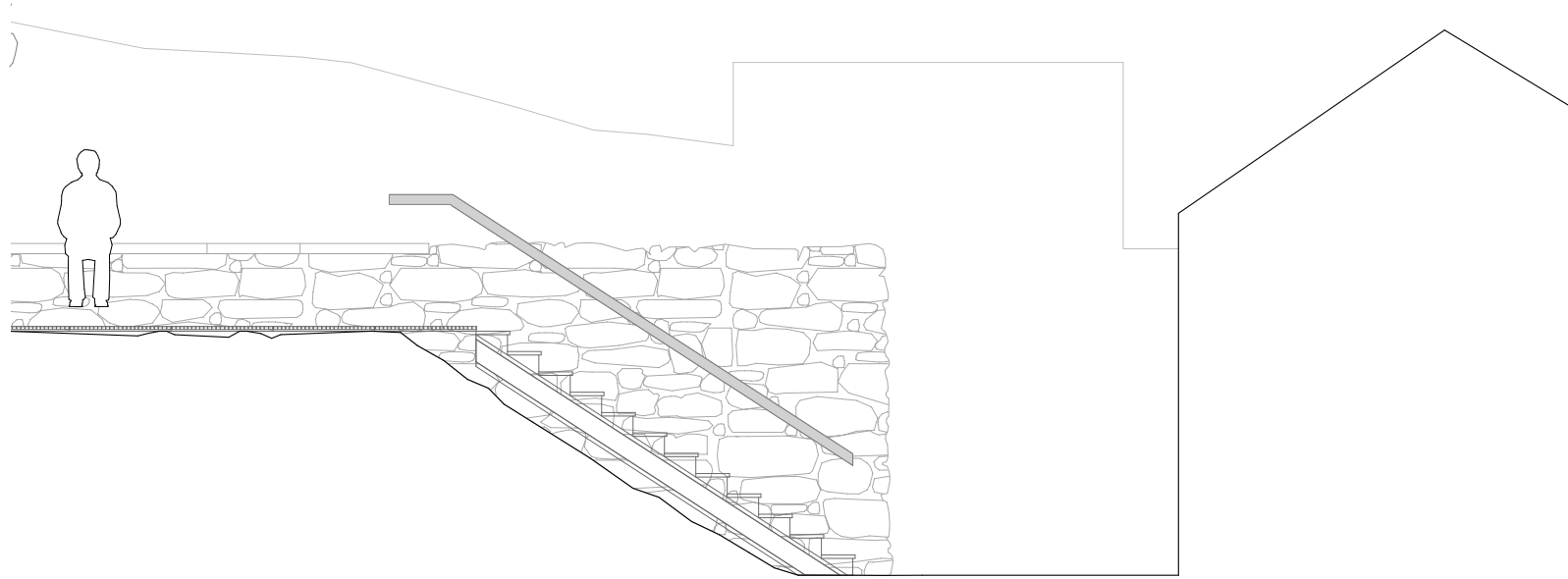
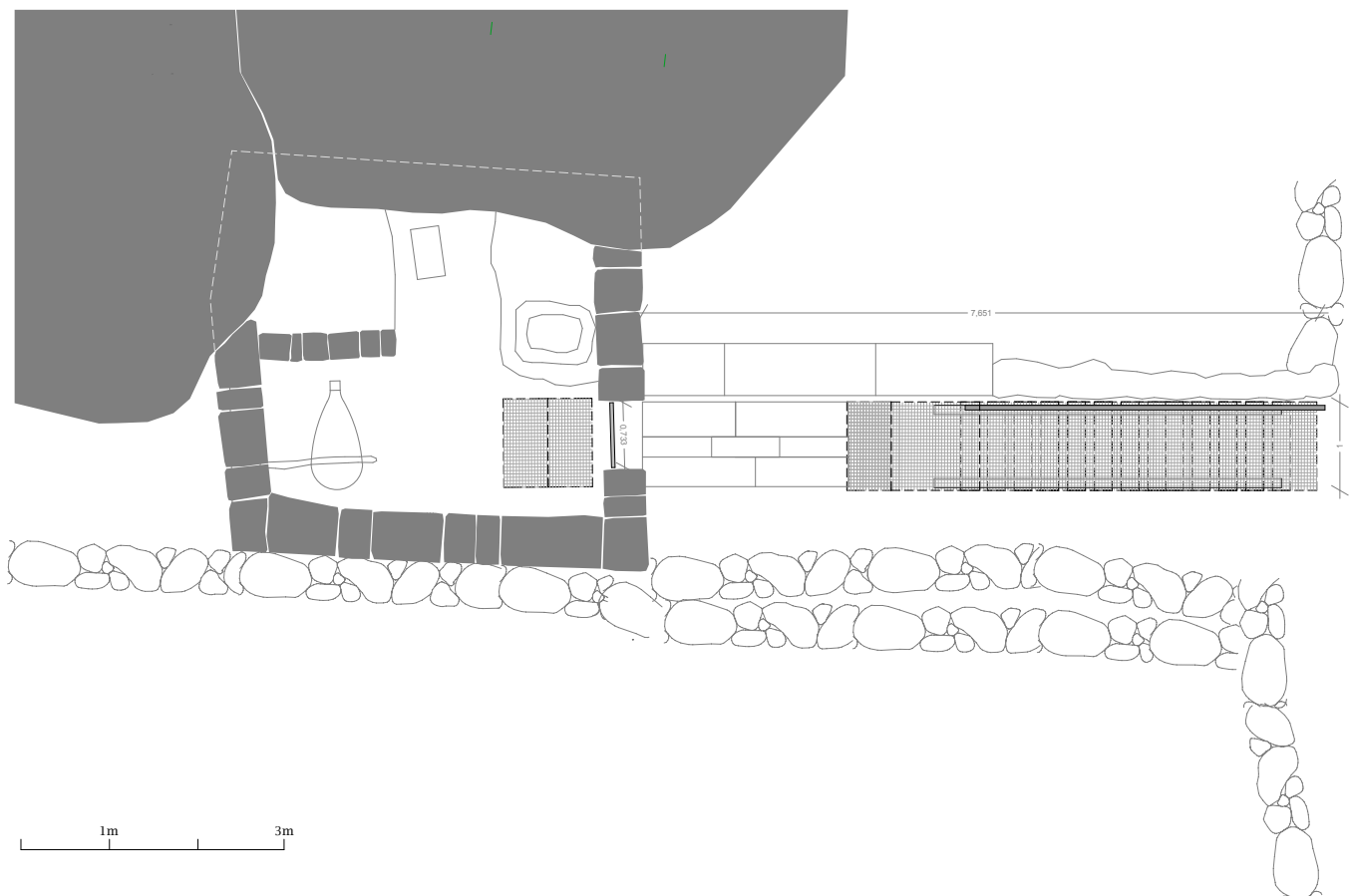
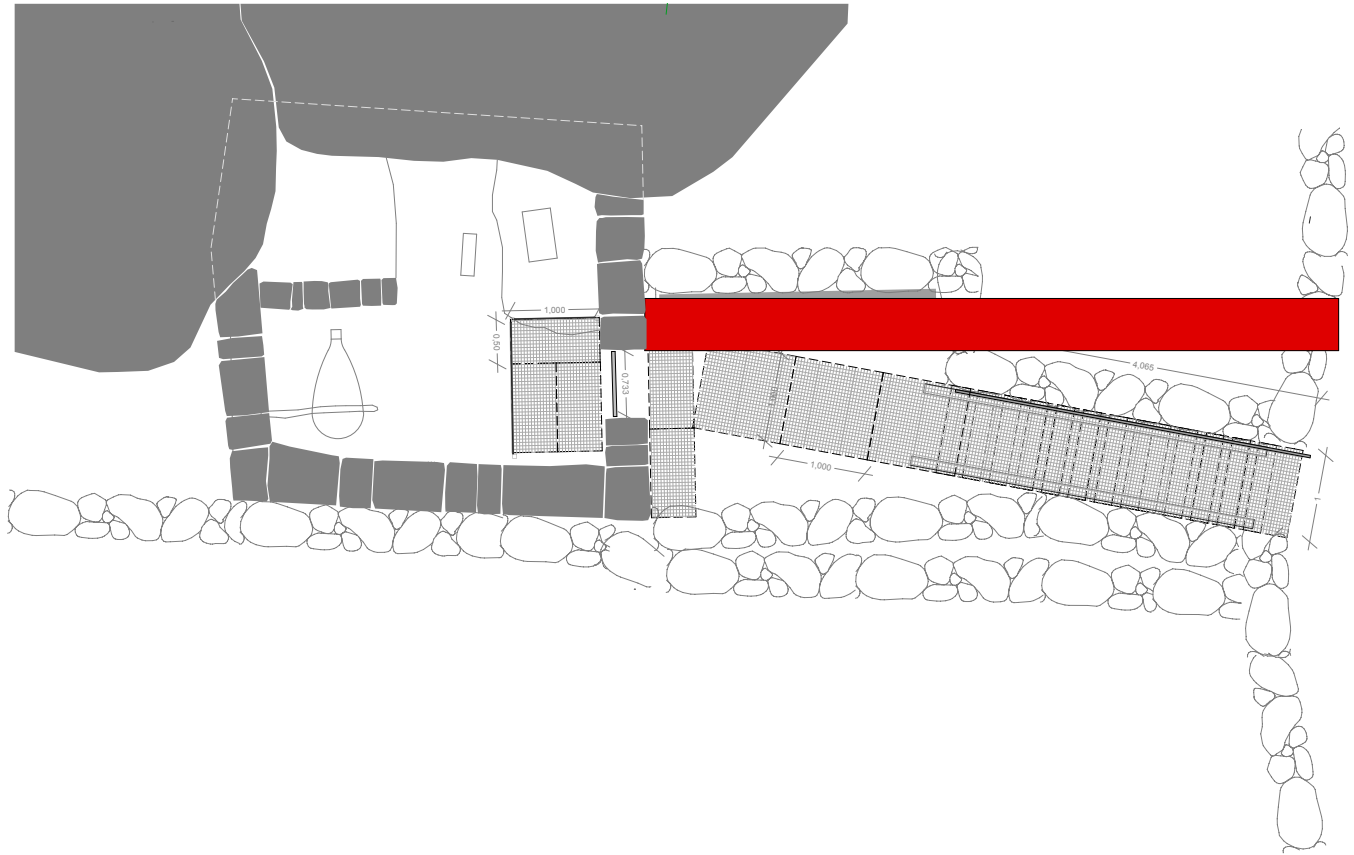


Fig.57: Alçados Sul, Nascente, Norte e Poente respectivamente - projecto (Fonte: do autor)





O acesso exterior à forja foi inserido no estágio e a abordagem de intervenção foi manter uma imagem global com o uso da pedra, a execução dos bancos em pedra serrada e a colocação de pavimento em paralelo, que vinham sido pensadas para outros locais no espaço público, fosse também aqui introduzida. Pensou-se assim na natural remoção de terras, dentro dos limites do terreno, pois seria impossível vencer o declive do muro no espaço de acesso à forja, pois é onde se encontra a capela da aldeia, num espaço reduzido de passagem onde também há um tráfego diário de gado que se impõe sempre na sua passagem. Outra condicionante foi a existência de um pequeno rego de água, que para além de resolver o fluxo de águas no Inverno, serve também de separação entre dois terrenos.

Como sustentação às escadas que iriam ser colocadas, foi executado um murete de pedra, que por si só introduz dois aspectos que vinham a ser considerados na intervenção pública: a execução de bancos e o uso do granito. Barragán, aquando a construção dos jardins de El Pedregal (Eggenger, 2001), refere que o muro é uma arquitectura que surge da terra, ancorada que transmite sombra e protecção, ao mesmo tempo que apresenta alguma robustez, cheia de significados e que evoca a escala humana. Ora aqui o princípio, para além da necessidade estrutural, prendeu-se também com esta ligação humana e natural, onde o reboco colorido de Barragán dá lugar ao granito irregular beirão, mas que não deixa de servir o ideal de estrutura, sendo um muro e ao mesmo tempo um banco, que surge alinhado perpendicularmente desde a fachada principal da forja (7.5m), até ao seu ponto mais alto de remate com aproximadamente 3 m, que abriga o utilizador da escada, visitante da forja, ou habitante da aldeia que ali se queira sentar à sombra, nas horas de maior calor.

A continuidade do murete/banco, é adjacente ao acesso vertical e plataforma de acesso à entrada do edifício, que têm como material o uso do ferro, uma referência à prática rudimentar daquela forja. O uso do ferro faz assim uma passagem do passado ao futuro, introduzindo uma imagem mais contemporânea sem denegrir a envolvente espacial. Para a sua execução foram pensados os degraus e os módulos de pavimento em quadrícula, vulgo gradil, que deixa transparecer a tectónica do espaço, a terra ou a pedra que entretanto tinha sido picada. O apoio foi fornecido pela Arestalfer, empresa de soluções metálicas, que colaborou em todas as dificuldades encontradas antes e aquando a obra.

Fig.58: Projecto e realidade construída. (Fonte: do autor)

A vermelho a direcção que tomou o muro aquando a obra, de salientar a percepção de levantamentos difíceis entre cotas, bem como levantamento topográfico. Beneficia a aprendizagem em obra e aumenta a experiência na resolução de problemas

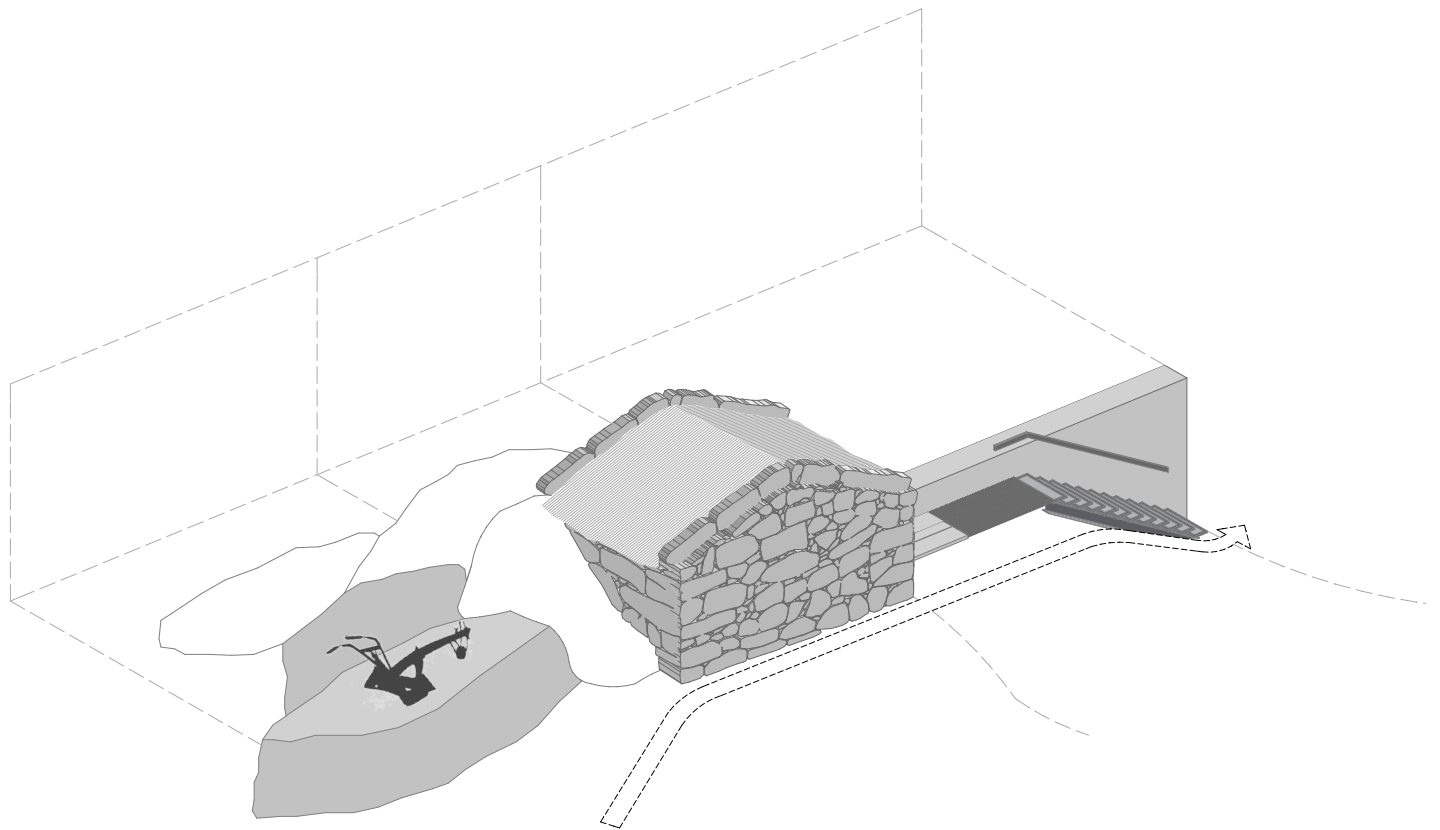


Fig.59: Axonometria dos espaços (Fonte: do autor)

Três ambientes vivos que o utilizador do espaço vivencia

O único corrimão de apoio à escada em gradil foi colocado no murete de projecto visto do lado esquerdo de acesso à forja encontrava-se um muro irregular, mais baixo que era adjacente ao rego de água e que tinha que ser impreterivelmente mantido. Este corrimão, uma cantoneira em C fixa em três pontos do murete, dobra horizontalmente após o declive das escadas, servindo assim para direccionar e delimitar limites entre o espaço que serve de banco, e o restante muro.

Após a subida das escadas metálicas, numa passagem sempre linear e direccional, há um corredor de acesso, com módulos de gradil a servir de pavimento, bem como a pedra em granito serrada, que antecede a porta da forja. A materialidade da intervenção vai sendo variável, começando no ferro das escadas, no ferro do pavimento e acabando na pedra também ela pavimentada, tudo isto, ombreado pelo muro construído.



Fig.60: Pormenores dos materiais distintos (Fonte: João Almeida)



Fig. 61: Exterior: sentido direccional (Fonte: João Almeida)



Fig.62: Escadas (Fonte: João Almeida)







Fig. 63: Pormenores da conservação e aplicação dos cabos (Fonte: do autor)

O inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa (AAVV,2004, p.8) diz-nos que são poucas as indústrias na Beira e que grande parte são subsidiárias da agricultura. Os cestos, os cântaros, os tóneis e as dornas, os machados e as enxadas, os arados, as charruas, os carros de bois e um grande número de objectos essenciais que servem o beirão agricultor são fabricados em pequenas oficinas rudimentares e repetem modelos centenários, cuja técnica de fabrico tem sido transmitida de geração em geração. Todos os utensílios e ferramentas que se referem foram encontrados em parte no edifício em estudo, como já dito anteriormente, e influenciaram em parte, o decorrer das obras.

Para além desses pequenos apontamentos, no interior do edifício encontram-se como parte implícita da pequena oficina e que mais valoriza a mesma, o fole e o forno.

O fole feito em pele de cabra como explicou o Sr. Costa, encontrava-se em muito mau estado de conservação, bem como a sua estrutura em madeira e elementos metálicos. Com o propósito de salvaguardar o elemento a que é dada mais atenção por parte de quem visita e mesmo de quem habita, colaborou-se intensamente com o Atelier Samthiago, que para além de informais acções de formação, preservou todo o fole com a variação habitual, mas não compreendida pelo arquitecto, de inúmeros produtos de tratamento de madeira, ferro ou pele, líquidos e compostos de conservação e preservação. Para além do fole, o atelier de Viana do Castelo, que já tinha sido mecenas no ano anterior da iniciativa, tratou os utensílios e ferramentas que se encontravam espalhados pelas paredes da forja, e que foram usados como uma intervenção consolidadora da museificação do espaço, pendurados com o recurso a cabos metálicos, espetados horizontalmente nas paredes, no sentido de entrada do edifício, impondo ainda mais o sentido linear que advém desde o espaço exterior.

O forno, construção em pedra que recebe o ar do fole, tem duas características singulares, uma delas é a sua cobertura própria, com uma grande pedra “espalmada” sobre o forno e que só ali está, para que o fogo do forno, quando este era utilizado, não fosse para o tecto da forja, onde os guarda-pós, as pequenas ripas de madeira que suportavam o colmo, ardessem.

O abandono progressivo do colmo e a sua substituição pela telha tiveram como razão primordial o perigo de incêndio que ele representava. (Oliveira, Galhano, Pereira, 1988, p.291)



Fig. 64: Vista geral do interior, o fole, o forno e a mesa de trabalho com os utensílios conservados. (Fonte: do autor)



Outra singularidade, que é também de todo o espaço interior, é a rocha visível, onde as três paredes de pedra do edifício foram encostadas tornando-se consequentemente uma das paredes do forno.

Ainda no interior observamos uma das plataformas em gradil, como se de um tapete se tratasse, um ponto fixo para uma vista global da intervenção.

Na realidade de obra, houve ainda a adição de um elemento que cimenta todo o programa e o sentido longitudinal de projecto que lhe foi sendo conotado. Num espaço pertencente ao terreno, numa pequena leira nas traseiras da forja, adjacente à grandes rochas que vão se penetrando no interior, foi colocado um velho arado, de grandes dimensões que servia para as alfaias agrícolas. Este espaço pode assim ser considerado um terceiro ambiente de salvaguarda patrimonial, após o acesso exterior e a forja.

Sobre a problemática da relação entre o velho e o novo, desenvolvida na Carta de Veneza, Fernando Távora sustenta a ideia de um diálogo entre passado e presente, onde são valorizadas as semelhanças e continuidades contrariamente às diferenças e rupturas. Esta ideia foi assim transferida para muito do conceito de intervenção na forja, que apesar dos condicionamentos de projecto e obra e dos valores que se pretendiam preservados, sofrerão sempre com a irreversibilidade do espaço e tempo.

Fig.65: 3º ambiente da forja-arado exposição (Fonte: João Almeida)







Fig.66: Vista geral alçado Nascente e escada (Fonte: João Almeida)



Fig.67: Vista alçado principal-imagem final (Fonte: João Almeida)





O projecto da sinalética para a aldeia de Vale de Papas surgiu, tal como o do CIAO, por vontade da Câmara Municipal de Cinfães e faz parte de um programa extenso de divulgação do território que está nos planos camarários para os próximos anos. Pretendia-se, como Frampton (1987) delineia, que a sinalética integrasse o ambiente construído da aldeia evidenciando as características do lugar.

O programa de percursos pedestres, foi incorporado neste estágio, que tinha até então os objectivos mais ligados à preservação d património. Um dos pedidos da Câmara foi a concepção da sinalética dos percursos pedestres pelo trilho dos moinhos, tarefa que foi executada durante a preparação da iniciativa TA mas que, como se veio a verificar, não foi possível o seu seguimento visto que a Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal teria que proceder à homologação dos trilhos, os seus nomes e numerações, quer ao nível nacional como internacional. Esse processo, que passa então para uma fase posterior de execução, que é agora da inteira responsável da Câmara, foi consolidado em projecto e foram cumpridas as regras de grafismo e coloração permitidas.

Durante o processo inicial, que estava já incorporado na planificação da iniciativa TA, houve o primeiro contacto com a empresa Floema-Go Outdoor que introduzida pela Câmara, foi o apoio constante para a segunda tarefa, referente às intervenções da iniciativa. A Floema é uma empresa que executa placas de sinalização em espaços naturais tendo em consideração a constante inovação de materiais e design, necessidades de manutenção e o enquadramento paisagístico dos seus produtos.

Após as inúmeras reuniões com um dos representantes, procurou-se explorar o progresso contínuo das premissas da empresa e o resultado, sempre com a opinião da Câmara Municipal, foi a execução de quatro placas de 20 x 60 cm referentes a intervenções TA, a Queijaria, Forja, Moinho e a casa atelier da Cristina, denominada nas placas de Casinhas de Colmo (artesanato). Juntamente com estas, uma placa de maiores dimensões, 120 x 80cm, que seria colocada no início da aldeia, integrando a intervenção em espaço público, que designava as empresas associadas, as entidades responsáveis e a planta da aldeia, com a marcação dos projectos executados no seio da TA.



Fig.69: Sinalética - aplicação final dos vários elementos

(Fonte do autor, Pedro Emanuel e Pedro Costa)



Formalmente, todas as placas têm denominadores comuns, quer graficamente como conceptualmente. O material utilizado foi o fenólico cru, normal neste tipo de placas foi a escolha mais acertada, visto este material, um derivado da madeira e compostos plásticos, ter um melhor e mais durável comportamento às condições atmosféricas daquela serra.

Após a exploração da disponibilidade criativa nas reuniões, este estágio conseguiu introduzir uma inovação formal na própria empresa, fazendo já parte do portefólio da mesma. A estratégia habitual da empresa na concepção passa por dois caminhos: a colagem de vinil plástico na placa ou então o baixo-relevo do material, que pode ser depois pintado. A inovação do estágio prendeu-se pelo furo total do fenólico, técnica que nunca tinha sido testada ou sequer equacionada. Os orifícios totais nas placas, têm a forma do coração/lógotipo da iniciativa, que deixavam observar o que se passava atrás delas, que podia ser a pedra de um muro, ou a paisagem “esburacada” de Vale de Papas, como no caso da sinalética na entrada de aldeia. Para além dos furos em forma de coração, as intervenções da iniciativa foram também furadas totalmente na planta, em contraste com os restantes edifícios ou nomes escritos, que estavam em baixo relevo.

O design das peças, com uma reinterpretação da forma de execução da empresa, vão de encontro a outros ideais deste estágio, onde os furos das placas, mostram a realidade rural e humanizam as próprias peças, afastando-as de uma conotação mais introsiva tendo em conta o material utilizado.

A apropriação, o percurso e a descoberta que as placas querem introduzir na aldeia, são um elo importante para que exista uma identificação pessoal com o lugar e a preservação da memória desse.

Fig.70: “O coração TA I” (Fonte: Maria Morais)



Fig.71: “O coração TA II” (Fonte: João Almeida)

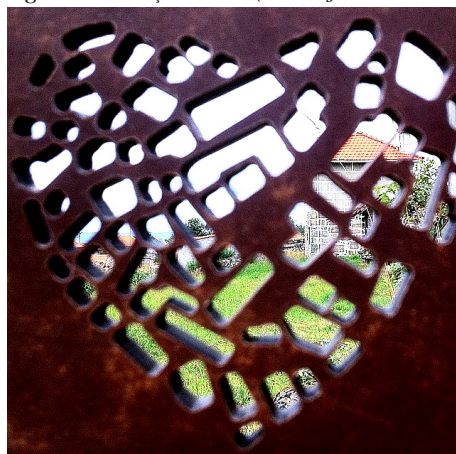
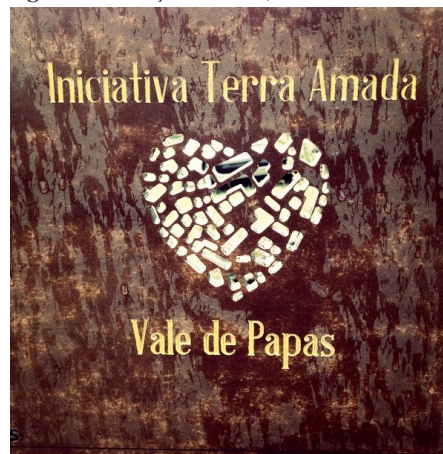


Fig.72: “O coração TA III” (Fonte: Daniela Páscoa)



Ns 33 dias de estadia em Vale de Papas foi elaborado um diário de tarefas que iam sendo elaboradas, correspondentes à fase de preparação da obra e acção de voluntariado. De salientar que os trabalhos executados aquando a estada no local, por pouco relevantes que fossem, poderiam ser de extrema importância, pois a logística de, por exemplo, pedir uma pá que não possuíamos dentro da organização poderia tornar-se uma tarefa bastante complexa e conseqüentemente influenciar os trabalhos que estavam a ser desenvolvidos, pois não possuíamos muitos desses materiais devido ao orçamento reduzido. Este tipo de trabalho, que se poderia considerar de estafeta, cabia a qualquer membro da organização e decidia-se, com base em mútuo acordo ou níveis de cansaço (aparente), quem os iria executar.

As obras da TA foram a Queijaria, o Moinho, Casa-atelier da Cristina, cozinha do Sr. Manuel, Forja, Casa do Sr. Américo e um conjunto de intervenções no espaço público. Enquanto organização, foi necessária sempre a entre-ajuda entre intervenções, quer a nível de mão-de-obra ou materiais, num ciclo diário muito cansativo.

A multiplicidade de acções deste estágio, já referidas anteriormente, percebe-se nos trabalhos diários, com a mudança quase diária de situações de obra onde a inexperiência de obra era testada. Ao longo da estadia na aldeia, na preparação dos dez dias da iniciativa, foram executadas outras actividades imprevistas, mas que beneficiaram a aprendizagem constante no local (ver anexo Tarefas).










| | PRATICO | PERIODO DE TEMPO | TEORICO |
|--|---|------------------|---|
| | + DIFICULDADE EXECUCAO - | | - RETIFICACAO + |
| execucao de paredes em pedra calçetamento e tapagem de juntas execucao de murete forja |  | | projecto sinaletica Floema: remodelacao grafica empresas patrocinios estudo sistema suporte |
| escolha e limpeza pecas de exposicao |  | | ceramica: idaa Revigres conversacoes sobre datas, materiais idaa Castro Daire escolha ceramica como Sr. Americo |
| nivelamento pavimento colocacao de camadas |  | | escadas forja: reunia com Arestalfer |
| construcao parede tijolo |  | | escolha do gradil e sistema de fixacao sucessivas conversacoes devido a medicoes e inclinacoes da do terreno |
| conservacao e restauro |  | | reformulacao projecto queijaria: cotagem e programa WC aprendizagem das misturas produtos de conservacao restauro |
| construcao parede bloco |  | | |
| argamassa juntas |  | | |
| remocao de vigamento e pavimento colocacao vigamento |  | | |
| colocacao colmo de cobertura |  | | |
| folga | | | |

Fig.74: Trabalho do Atelier Samthiago (Fonte: Cláudia Rodrigues)



Fig. 75: Colocação do colmo na forja (Fonte: Cláudia Rodrigues)



DIRECÇÃO DE OBRA

Fig.76: Lavagem da pedra (Fonte: Cláudia Rodrigues)



A concretização em obra dos projectos deste estágio recaíram maioritariamente sobre a conservação da forja e os acessos exteriores à mesma. Na azáfama diária da semana da iniciativa propriamente dita, as responsabilidades de cada obra, entregues a quem executou o projecto, eram encaradas com picos de euforia ou demência visto ser uma novidade gerir um grupo de pessoas, cada grupo com a sua finalidade de trabalhos.

O trabalho de direcção de obra, neste caso específico, teve que ter uma maior abrangência de áreas, das quais não estávamos habituados até ao momento. As valências que foram sendo praticadas foram, dirigir trabalhadores profissionais, estudantes em regime de voluntariado e ainda técnicos de empresas, que pontualmente chegavam à aldeia, como por exemplo, no caso da forja, a equipa de conservação e restauro do Atelier Samthiago ou a equipa da Arestalfer para colocação de escadas em gradil.

O arquitecto está tradicionalmente ligado ao projecto, à funcionalidade e estética do mesmo, sendo que o rigor construtivo da engenharia deve aliar-se às premissas dos conceitos arquitectónicos aprendidos aquando o curso. O desafio da gestão de obra cingiu-se então pela tentativa de ponte entre esses mundos, no qual um finalista de arquitectura, com pouca ou nenhuma experiência de obra, mas com uma componente teórica consolidada, teve que fazer essa gestão de saberes e só depois, a própria gestão de obra.

Fig. 77: Chegada da escada da Arestalfer (Fonte: Cláudia Rodrigues)



Fig. 78: Colocação das pedras no banco/muro (Fonte: do autor)



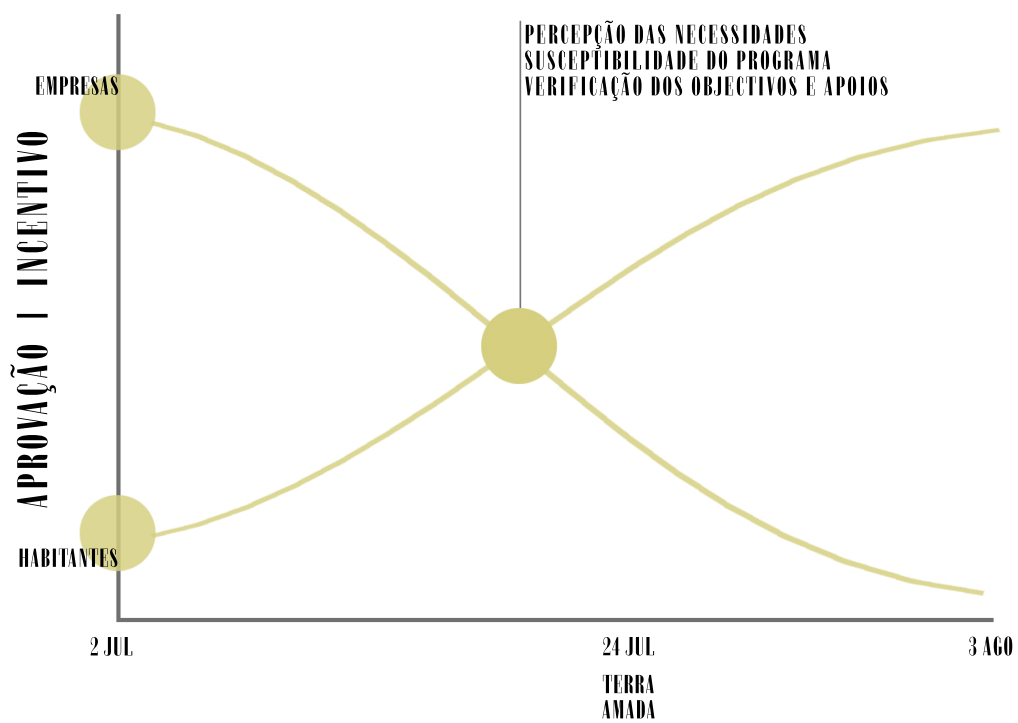


Fig. 79: Níveis de aprovação dos intervenientes (Fonte: do autor)

Fig.80: Uso do pneumático (Fonte: Cláudia Rodrigues)



Fig.81: Execução do murete (Fonte: Cláudia Rodrigues)



As constantes descobertas de objectos na forja, ou a falta de pedra pela manhã, eram condicionantes presentes ao longo da iniciativa, influenciando o quotidiano da obra. Quanto à construção em pedra, as decisões estavam dependentes da própria Câmara Municipal, que trazia o material, tendo o estagiário que controlar emocionalmente pedreiros sem pedra. As descobertas quase arqueológicas de pequenos objectos nas paredes da forja influenciavam mais profundamente a execução de obra, pois sendo a valorização museológica e patrimonial da forja uma das principais metas da iniciativa, teve que se decidir de forma célere quais as peças a manter (que foram forjadas no edifício) ou as peças que não tinham valor expositivo. Esta filtragem passava também pela equipa de conservação e restauro e garantia-se assim, o prosseguimento da obra, não deixando de ter em conta, a salvaguarda da informação material que se ia encontrando. Pedro C. Carvalho, arqueólogo, refere numa das suas crónicas sobre o Museu Nacional Machado de Casto em Coimbra que *“(o arquitecto) soube ultrapassar as dificuldades inerentes a estes processos (arqueológicos), conciliando-se sempre, e na medida do possível, as exigências de obra com as de identificação, registo e salvaguarda do património histórico.* (Carvalho in Revista Património, 2013, p.116)

O valor intrínseco das medidas em obra, revelado por Carvalho, é referente a uma escala completamente díspar da do edifício da forja, e até de toda a iniciativa, mas as dificuldades encontradas no museu de Coimbra, foram respondidas com igual preocupação na execução dos trabalhos da forja e todos os que foram assimilados durante a iniciativa.

Nos dias da dualidade do entra e sai da forja, com as diferentes equipas tanto no exterior como no interior, os achados imprevistos que iam aparecendo durante a gestão de obra, acabaram por fortalecer a componente museológica pretendida para o pequeno edifício, valorizando assim o próprio projecto, com alguns apontamentos (ver capítulo projecto-forja) que se integraram beneficentemente para o projecto e que não estavam de todo, delineados de princípio.

A realização deste relatório de estágio almejou descrever todas as etapas e dificuldades encontradas, não só durante a Iniciativa Terra Amada, mas também todo o processo anterior a esta. Pretende evidenciar os prós e contras deste tipo de intervenções, as metas que foram e não foram alcançadas do estágio e conseqüentemente da restante iniciativa.

O estudo teórico de temas como o turismo em contexto rural, o património arquitectónico e as identidades locais elaborado aquando o presente relatório fazem juz à aprendizagem constante que foi obtida nos nove meses de preparação da iniciativa, o que torna satisfatória a coesão dos temas ao longo do relatório. Espera-se compreendida a diversidade de trabalho e suor em todas as etapas deste estágio, consolidadas nestas linhas por uma descrição muito pessoal e humana.

O desafio de transpor para palavras as acções materializadas no terreno, bem como ligá-las teoricamente com os temas que enquadram este relatório foram penosos ao longo da sua elaboração, podendo até fazer-se uma analogia com o trabalho prático durante a preparação e iniciativa Terra Amada.

As respostas aqui apresentadas tiveram vários níveis de conclusão. Espera-se que a sociedade tecnológica, industrial e viciada do agora, tenha encontrado aqui uma relação mais humana e contextualizada, que fundamente a relação do Homem com o espaço mais flexível, onde as interacções provocadas pelos projectos do estágio possam beneficiar com maior facilidade, a necessidade e o propósito de cada um, quer seja habitante ou visitante da aldeia.

A comunidade receptora de Vale de Papas terá influências directas da iniciativa e os efeitos da mesma, tendo tido este estágio de ambicionar, de forma consciente, benefícios da transição cultural que estes projectos (os mais influentes a nível cultural e turístico) definiram no seio da aldeia. Será que o novo e revitalizado uso, a nova centralidade que se introduz na aldeia, num edificado rural, vulgo curral, numa forja antiga e em todas as outras intervenções permitirá contribuir para uma maior coesão social e territorial? A resposta é de difícil análise e continua em aberto, pois o benefício da intervenção, só será respondido no futuro.

Entretanto, mais respostas foram consolidadas, como o desafio de encontrar a harmonia entre quem vive, quem visita e quem trabalha, e que foi muito para além da semana da Iniciativa Terra Amada. Os espaços sociais criados, os ambientes em cada um dos projectos deste estágio, quer construídos ou não, de pequenas ou grandes dimensões, incutem a interacção social, multigeracional, o cruzamento de conhecimento e um clima de mútua troca de culturas.

PARTE III CONCLUSÕES FINAIS

A interdisciplinaridade deste trabalho permitirá perceber o valor da participação e trabalho em comunidade, aliando esses factores maioritariamente sociais, à concretização e materialização da obra no terreno. Estas premissas gerais geraram uma estratégia de intervenção mais específica, que pretende fazer a ponte social e cultural entre a obra e os habitantes da aldeia. Ao nível social foi essa a principal preocupação deste trabalho, que pretende estabelecer os limites entre a contemporaneidade, que a Iniciativa Terra Amada terá e faça com que seja um dos pilares de uma renovada Vale de Papas.

A valorização patrimonial, dos vários “patrimónios”, como referido ao longo do texto, espera-se que também tenha sido alcançada, com a manutenção das características arquitectónicas do local, os costumes e tradições que com estes projectos são salvaguardados, a divulgação contida mas prolífera de todas as actividades e tradições e, no cerne disto tudo, as gentes da aldeia, que vêm no programa deste estágio, a preservação dos seus hábitos e quotidiano, o que talvez seja a maior justificação e contentamento no cumprimento deste estágio.

A experiência na aldeia e a convivência com a população local foram de valor inestimável quer a nível pessoal como profissional, ao fortalecerem o próprio relatório de estágio e os projectos desenvolvidos. As intervenções, materializadas ou não, ajudaram à sociabilidade da própria aldeia, criando espaços de encontro para a população local e visitantes, onde tanto um interveniente e outro, podem conhecer as histórias de Vale de Papas. Para se poderem contar essas histórias locais o estágio desenrolou-se numa recolha constante de conteúdos que foram dismistificados ao longo da estada na aldeia e mesmo nos projectos.

Por fim, espera-se compreendido, que mais que projectos e descrição dos mesmos, este estágio foram as tarefas em obra, a aprendizagem com gentes de diferentes culturas e convicções, a conclusão de muito trabalho coletivo e o remexer na banalidade rural, que é muito mais que a cabana, é sim um poço de sabedoria antiga que este tipo de estágio, que preza por invulgar, assimilou o mais que conseguiu e que foi expresso neste relatório.

Poder desta forma dar um contributo concreto para a melhoria da vida de populações desfavorecidas é algo raro em provas finais de Mestrado e que esta almeja conseguir. É ainda um tipo de ação importante e urgente na sociedade portuguesa contemporânea, em que o desânimo prevalece - um sinal de esperança, de que as coisas podem ser diferentes, podemos mudar o nosso futuro com as nossas mãos.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- AA.VV. (1955) 2004. *Arquitectura Popular em Portugal*. Edição Sindicato Nacional dos Arquitectos/Ordem dos Arquitectos Portugueses
- Aguiar, J.; Cabrita, A. R. e Appleton, J. (1992). *Guião de apoio à reabilitação de edifícios*. Lisboa: LNEC/DGOT
- Alves Costa, A. (2013). *Lugares praticados versus Lugares de memória*.
in Folgado, D. (coord.): *Revista Património*, Lisboa: D.G. do Património Cultural, pp. 6-15
- Amaral, F.K. do [et. al.] (1961) 2004. *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos
- Amendoeira, A. (2013). *Património mundial e turismo: uma reflexão a propósito dos 40 anos da Convenção*,
in Folgado, D. (coord.): *Revista Património*. Lisboa: D.G. do Património Cultural, pp. 54-59
- Appleton, J. (2013). *Património urbano: boas práticas de conservação e reabilitação de edifícios*.
in Folgado, D. (coord.): *Revista Património*, Lisboa: D.G. do Património Cultural, pp. 30-35
- Associação dos Amigos de Pereiros, 2001. *Turismo em Espaço Rural*. Minho: Editora Vida Económica
- Brandi, C. 2006. *Teoria do Restauro*. Amadora: Edições Orion
- Callejo et al. (2003). *Análisis empírico de la demanda turística*. Madrid: Ramón Areces
- Calvino, I. (1972) 2003. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Biblioteca Folha
- Carvalho, P. (2013). *A arqueologia na obra do MNMC: para uma visão integrada do lugar*.
in Folgado, D. (coord.): *Revista Património*, Lisboa: D.G. do Património Cultural, pp. 114-119
- Choay, F. (2006). *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70
- Buco, C., Oosterbeek, L. 2008. *Gestão do Património Cultural*. Tomar: CEIPHAR - Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar
- Cóias, V. 2007. *Reabilitação Estrutural de Edifícios Antigos*. (n.d.): Argumentum, Gecorpa
- De Rota, J. A. F. (1996). *La cultura de la permanencia en la era de la fugacidad* in *Revista de Antropología Social*

Eggener, K. L. (2001). *Luis Barragán's: gardens of El Pedregal*. New York: Princeton Architectural Press

Ferreira da Costa, P. (2013). *Património imaterial: entre as comunidades e organizações*.
in Folgado, D. (coord.): *Revista Património*, Lisboa: D.G. do Património Cultural, pp. 154-159

Ferreira da Silva, A. 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins

Frampton, K. (1987). *Modern Architecture: A Critical History*. Londres: Thames & Hudson

Giddens, A. 1999. *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença

Girão, A. (1933). *Esboço de uma Carta Regional de Portugal*. Porto: Foto Lito

Girão, A. (1940). *Montemuro, a mais desconhecida serra de Portugal*. Coimbra: Coimbra Editora

Gomes J., Silva, V., Valentim N. 2008. *José Gigante_Habitar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio

Guerrero, J.S; Tavares, G. M.; Mendes da Rocha, P. (2011). *Pensar a Casa. Conferências da Casa, 1*. Matosinhos: Casa da Arquitectura

Guillaume, M. (1980) 2003. *A Política do Património*. Porto: Campo das Letras

ICOMOS (2003). *Charter: Principles for the analysis, conservation and structural restoration of architectural heritage*.
Victoria Falls: ICOMOS

ICOMOS (1993). *Guidelines for education and training in the conservation of monuments, ensembles and sites*.
Colombo: ICOMOS

ICOMOS (1998). *Report on economics of conservation: An appraisal of theories, principles and methods*. Brussels:
ICOMOS

ICOMOS (2007). *The ICOMOS Charter for the Interpretation and Presentation of Cultural Heritage Sites*. Paris:
ICOMOS

ICOMOS (1993). *Tourism at world heritage cultural sites: the site manager's hand book*. Sri Lanka: ICOMOS

Morais, J. A. D (1998). *Transumância de Gados Serranos e o Alentejo*. Coleção "Novos Estudos Eborenses": Câmara

Municipal de Évora

Moutinho, M.(1979). *A arquitectura popular portuguesa* . Lisboa: Editorial Estampa

Netz, S. 2003. *Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável*. São Paulo: Bookman Editora

O' Kelly, E.; Dean, C. 2007. *Conversions*. London: Laurence King Publishing

Oliveira, E., Galhano, F., Pereira, B.(1969) 1988. *Construções primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

Pellegrini Filho, A.(1993) 2000. *Ecologia,Cultura e Turismo*. São Paulo: Papyrus Editora

Pereira, C.; Mata, M.; Monteiro, V. (2013). *Serventia- elementos de transição do espaço público urbano*. Viseu: UCP-CRB- Pólo de Viseu

Pinho, A.(2009). *Conceitos e políticas europeias de reabilitação urbana- Análise da experiência portuguesa dos Gabinetes Técnicos Locais*. Lisboa: LNEC (tese de doutoramento)

Pinto, A., 2004. *Turismo e Espaço Rural Motivações e Práticas*. Viseu: Palimage Editores

Price, N. S.; Talley, M. K.; Vaccaro, A. M. (eds.) 1996. *Historical and philosophical issues in the conservation of cultural heritage*. Los Angeles: Getty

Redol, P. (2013). *Centro de Interpretação do Mosteiro da Batalha*.
in Folgado, D. (coord.): *Revista Património*, Lisboa: D.G. do Património Cultural, pp. 82-85

Rodrigues, S. F., (2009). *A casa dos sentidos - crónicas de arquitectura*. n.d.:ARQCOOP - Cooperativa para a Inserção em Arquitectura, CRL

Rykwert, J. 2004. *A sedução do Lugar- a história e o futuro da cidade*. São Paulo: Martins Fontes

Serrão, J. (1961) *Dicionário de História de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Iniciativas Editoriais
in <http://www.ricardocosta.com/artigo/cultura-castreja-c-iii-ac-i-dc-longa-tradicao-de-resistencia-iberica#sthash.uzCFI2vH.dpuf>

UNESCO, 2001. *Programme thématique sur le tourisme durable adopté par le Comité du Patrimoine Mondial lors de sa 25e session à Helsinki*. Paris: Centre du Patrimoine Mondial

Viñas, Salvador Muñoz 2005. *Contemporary theory of conservation*. Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann

Yázigi, E., Carlos, A., Cruz, R., 2002. *Turismo - Espaço, Paisagem e Cultura*. São Paulo: Editora Hucitec

ANEXOS

Tarefas Estágio

Painéis

MAEC Centro de Interpretação

MAEC forja

ICOMOS (2007)

Estágio | pormenores de obra

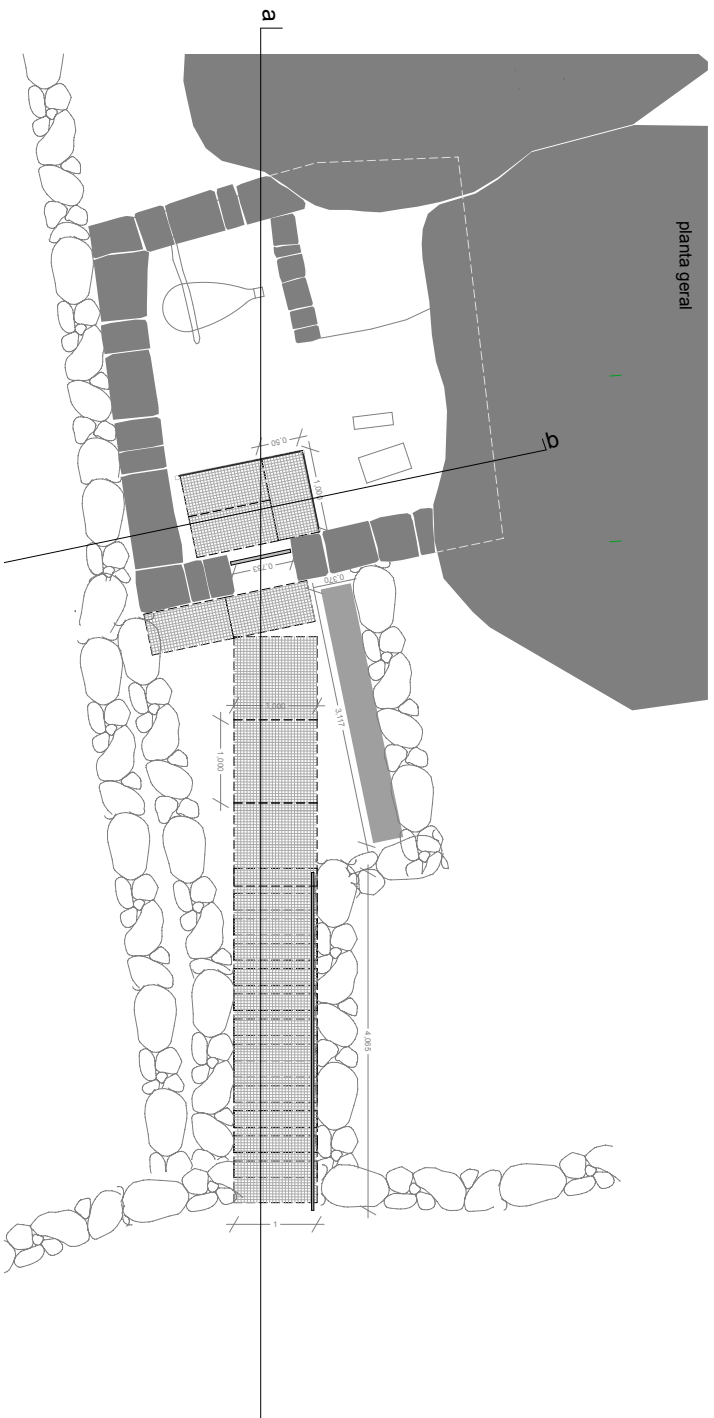
Estudo das escada Arestalfer

| D I A | T A R E F A D I Á R I A |
|-------|---|
| 2 Jun | _Montagem de acampamento e guias laterais para tendas dos voluntários _Organização e classificação de material da iniciativa em armazém (ferramentas, produtos, etc.) |
| 3 | _Queijaria remoção de soalho e vigas de madeira remoção de terra e pedra na zona de recepção e venda do queijo |
| 4 | _Casa da Cristina remoção de pedra das paredes e posterior construção das mesmas, aparelhadas aprendizagem de calcetamento de paredes com pedra miúda iniciação na utilização do martelo pneumático |
| 5 | _Casa da Cristina remoção de pedra das paredes e posterior construção das mesmas, aparelhadas calcetamento de paredes com pedra miúda medições e cotagens |
| 6 | _Casa da Cristina remoção de pedra das paredes e posterior construção das mesmas, aparelhadas calcetamento de paredes com pedra miúda _Rectificação de placas da sinalética acrescentar empresas e logotipos modificação de planta da iniciativa TA da placa de boas vindas à aldeia |
| 7 | _Ida e reuniões na Câmara Municipal de Cinfães carpintaria - escolha de tipo de madeira a utilizar no espaço público serralharia - escolha do tratamento a dar aos metais a usar. opção de galvanização ou metalização influenciadas ao tempo de obra engenheiro e Presidente da Câmara - reunião geral Escola Profissional de Cinfães - discussão de refeições, horários e logística geral _Ida a serralharia - protótipo a usar na colocação do colmo das intervenções no espaço público |
| 8 | _Casa da Cristina construção de paredes de pedra calcetamento de paredes com pedra miúda apoio na colocação de padieiras |
| 9 | _Casa da Cristina construção de paredes de pedra calcetamento de paredes com pedra miúda enrocamento e nivelamento na zona do quarto |

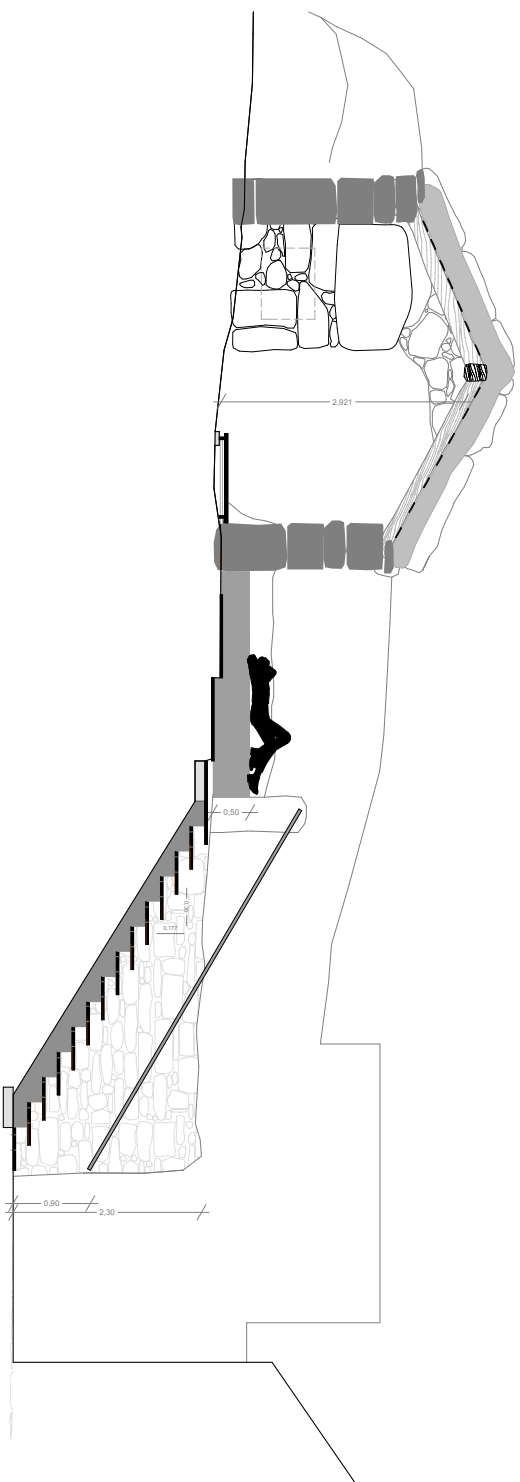
| D I A | T A R E F A D I Á R I A |
|----------------|--|
| 10 | _Casa da Cristina nivelamento do pavimento total regularização do piso (enrocamento, gravilha, regularização) construção de parede de bloco |
| 11 12 13 | _Casa do Sr. Américo regularização de soalho solucionar em obra problemas do soalho _Aplicação de xilofene em barrotes de madeira para posterior aplicação nas coberturas |
| 14 | _Ida e escolha de cerâmica em Castro Daire para Casa de Sr. Américo nivelamento de terras na Casa do Sr. Américo _Posicionamento da viga mestra na Queijaria _Aprendizagem de colocação de colmo no curral do Sr. Manuel recolha de informação técnica para posterior aplicação na forja |
| 15 | _Nivelamento de pavimento na Casa do Sr. Américo escolha de tubagem para canalização |
| 16 | _Continuação do nivelamento de pavimento na Casa do Sr. Américo com recurso a martelo pneumático _Apoio na aplicação de perfis metálicos no espaço público _Rectificação de placas da sinalética acrescentar empresas e logótipos |
| 17 | _Aplicação de brita na Casa do Sr. Américo rectificação do projecto aprendizagem para a aplicação de prumos de nivelamento construção de parede de tijolo (tentativa) _Rectificação da placa sinalética com a empresa Floema _Recolha de peças do moinho: arranjar rodízio peças de madeira |
| 18 | _Folga |
| 19 | _Conversações com Revigrés para definir o dia de recolha de materiais na fábrica |
| 20 | _Aplicação de argamassa tradicional de cal de juntas (projectada) na Casa da Cristina _Apoio na escolha e recolha de pedras para os vãos |

| D I A | T A R E F A D I Á R I A |
|----------|--|
| 21 | <p>_ Queijaria</p> <p>colocação de cobertura com barrotes e o vigamento principal ensinamento de pregagem de barrotes e corte dos mesmos percepção em obra dos sobredimensionamentos apoio na colocação do forro e consequente tratamento com xilofene</p> <p>_Reunião com Arestalfer <i>in situ</i> redimensionamento das escadas e escolha de modelos de fixação, quer para os grampos dos degraus, quer para o corrimão em aço metalizado do murete</p> |
| 22 23 | <p>_Queijaria</p> <p>colocação de isolamento térmico e tela impermealizante fixação com pregos no perfil metálico de união de duas vigas redefinição do projecto (casas de banho) clarificação de cotas na casa de banho para passagem dos drenos</p> |
| 24 | <p>_Nivelamento de terras na queijaria</p> <p>_Compreensão de níveis das escadas e arranque da mesma conversações com Arestalfer</p> <p>_Colocação de pilar metálico e muro de sustentação na queijaria</p> |
| 25 | <p>Início do período de voluntariado da Iniciativa TA</p> <p>_Escolha de pedras nas intervenções para fixação de placas da sinalética</p> <p>_Início de limpeza da forja</p> <p>_Palestra improvisada pelo Sr. António Costa funcionamento da forja histórias do edifício</p> <p>_Nivelamento da plataforma de acesso à forja relação entre soleira e arranque das escadas. relação do problema dos níveis com o projecto do murete de pedra</p> |
| 26 | <p>Forja</p> <p>_Retirar pedra dos muros existentes para colocação da escada em projecto</p> <p>_Limpeza e consolidação de pedra exterior e interior da forja instrução de técnicas de calcetamento de pedra da parede limpeza com escova de aço</p> <p>_Início do desvio de terras e pedra para execução do murete</p> |

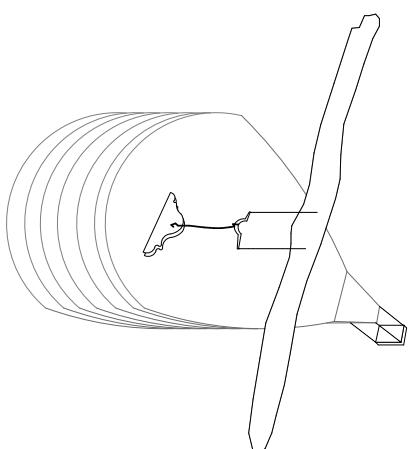
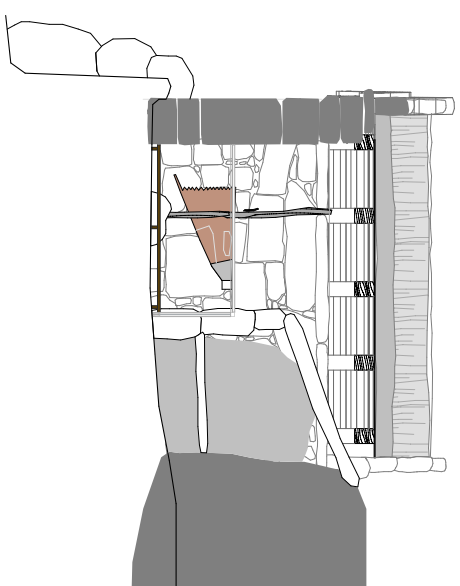
| D I A | T A R E F A D I Á R I A |
|-------|--|
| 27 | <p>Forja</p> <ul style="list-style-type: none"> _Colocação de gravilha e rachão para assentamento do gradil _Continuidade de escavação de terras para a escada _Limpeza geral a jato de água |
| 28 | <p>Forja</p> <ul style="list-style-type: none"> _Atelier Samthiago <ul style="list-style-type: none"> limpeza mecânica do fole e das suas estruturas de madeira: <ul style="list-style-type: none"> xilofene white spirit óleo de linhaça limpeza a fundo de objectos metálicos para exposição limpeza a fundo de elementos metálicos do fole _Começo da execução do murete _Colocação de tubo de sopro e arame de suporte do fole |
| 29 | <p>Forja</p> <ul style="list-style-type: none"> _Continuação de murete <ul style="list-style-type: none"> percepção de alinhamentos do projecto transições entre projecto e obra _Erro de extremas de terreno <ul style="list-style-type: none"> deslocação e sucessiva colocação de pedras no mesmo local (erro de direção de obra) _Tratamento final conservação e manutenção mecânica <ul style="list-style-type: none"> fole porta (cor com betume judaico) _Conversações com a Arestalfer <ul style="list-style-type: none"> medidas rectificadas para escada |



corde a

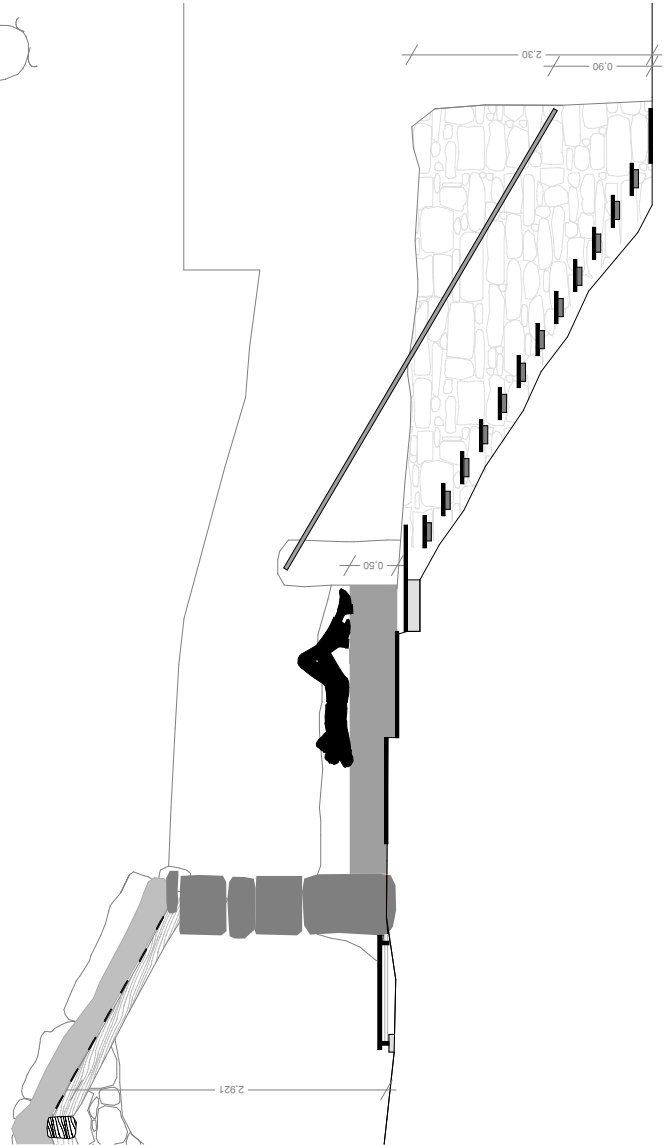
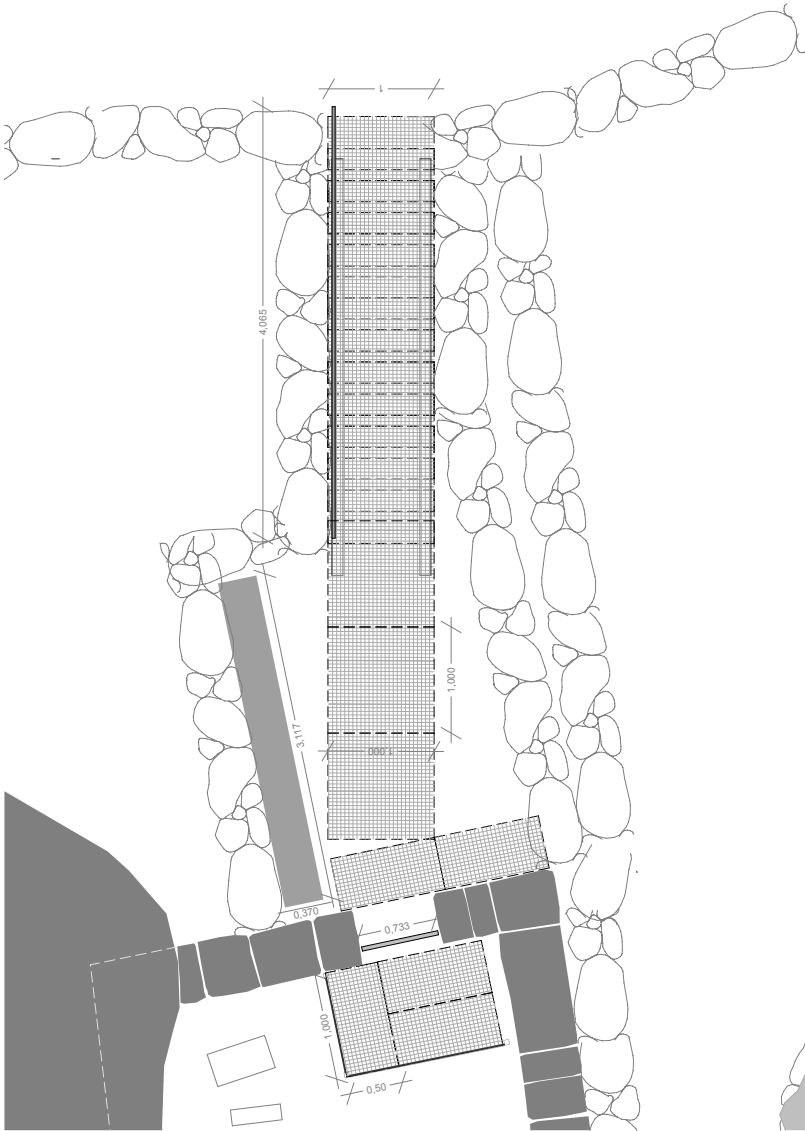
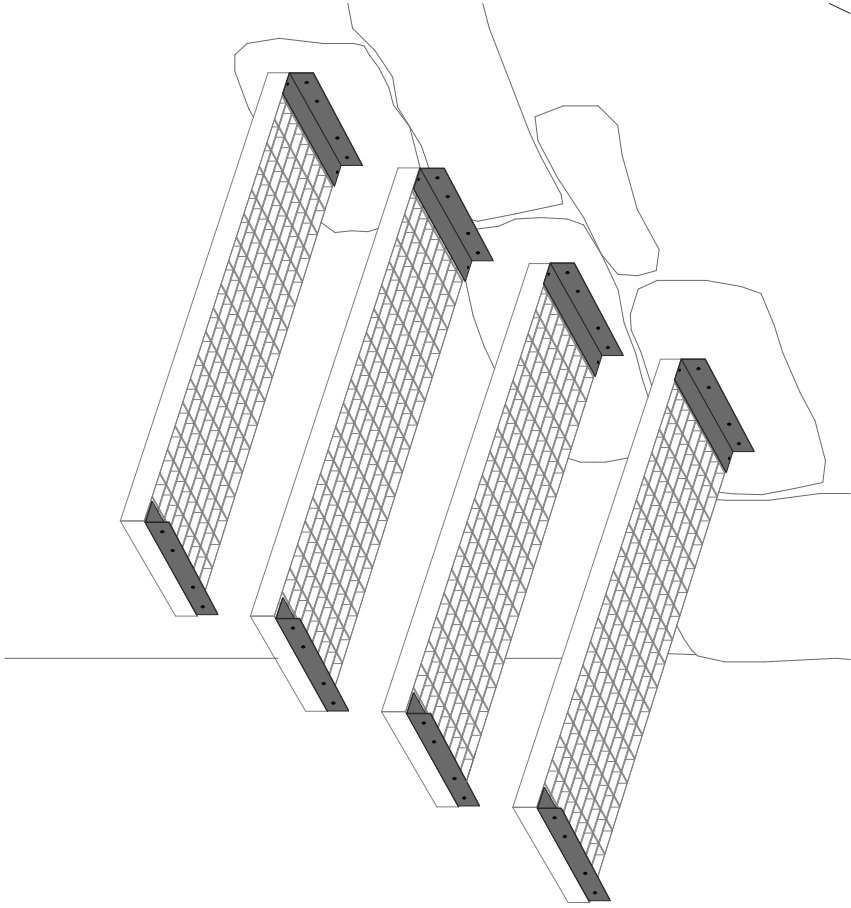


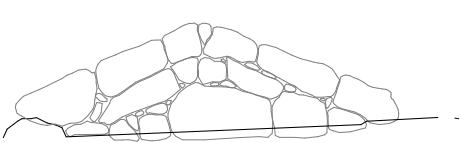
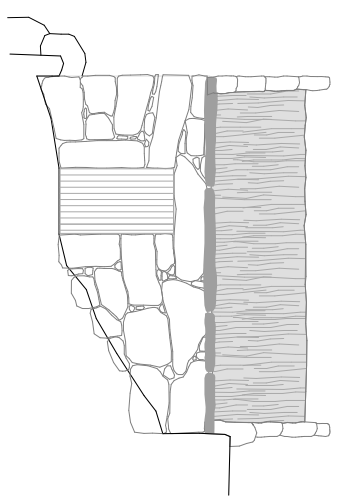
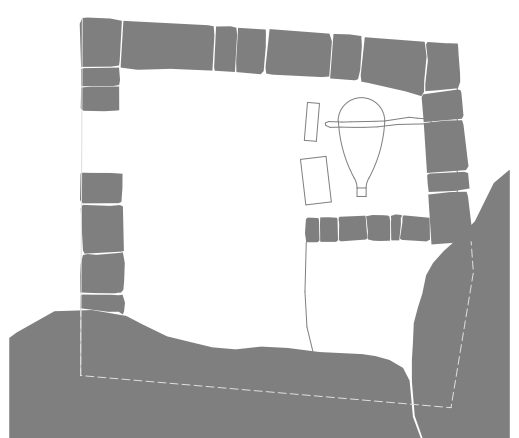
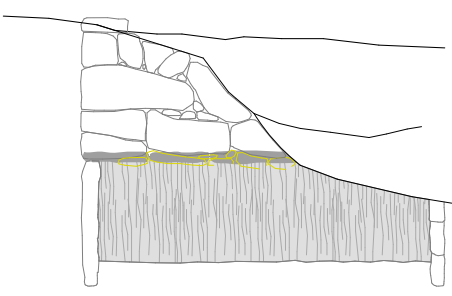
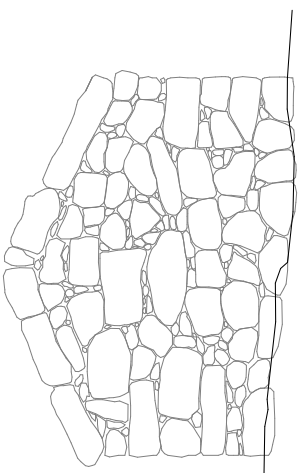
corde b



forja | esc. 1:100

A

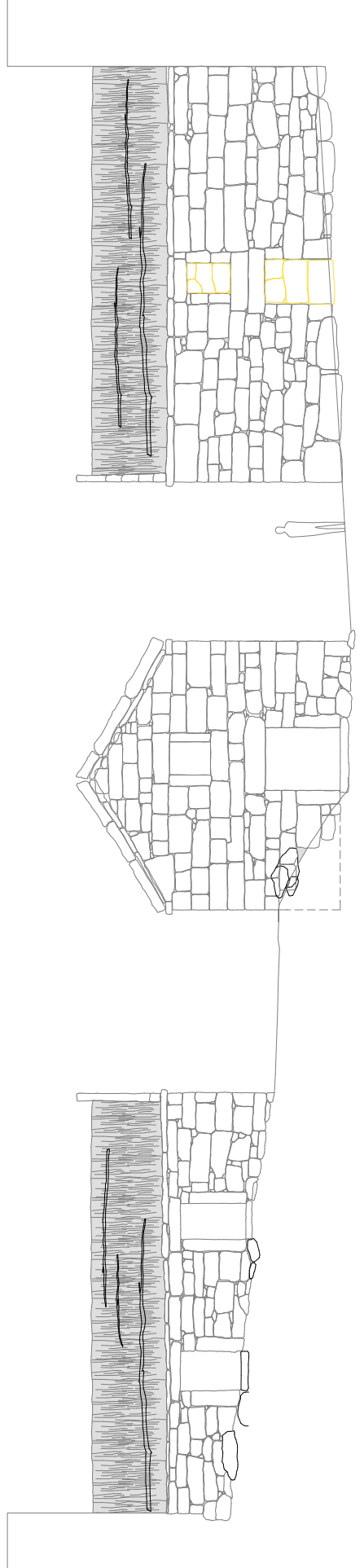
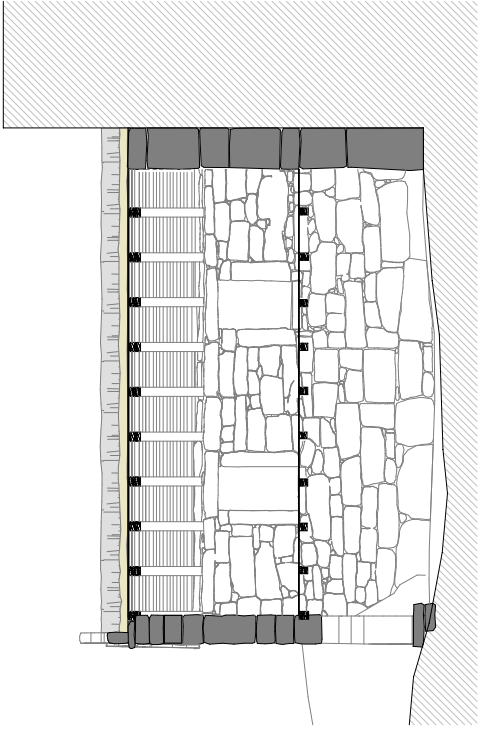
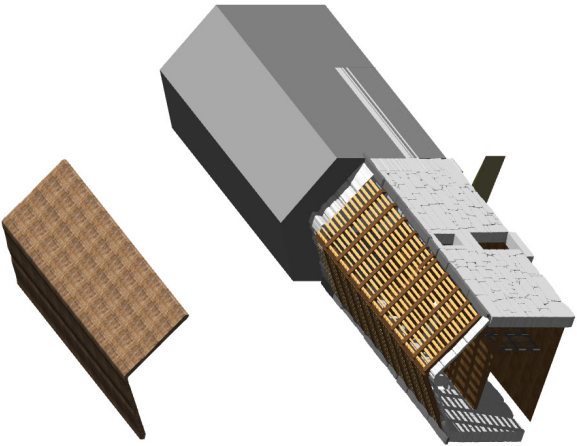
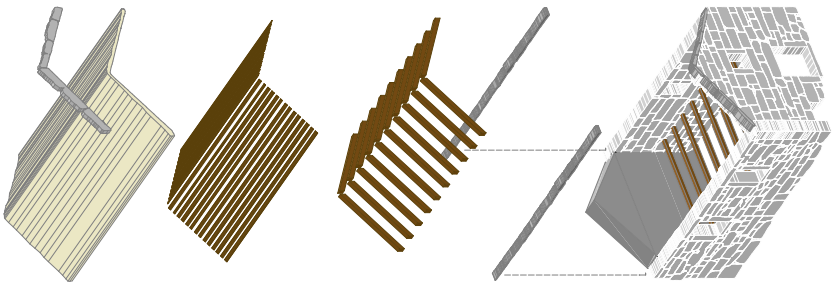




ARCHICAD VERSÃO EDUCAÇÃO
GRAPHISOFT



forja | esc. 1.100



FICHA DE AVALIAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A. IDENTIFICAÇÃO

Rua/Av.: Caminho Municipal 1030
 n.º/lote: n.d. andar:
 Freguesia: União Freg. Alhões, Bustelo, Gralheira e Ramires Concelho: Cinfães
 Código postal: - 4690-435 Localidade: Vale de Papas

B. FOTOGRAFIAS



C. CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

| | | | | |
|-------------------------|---|---|-----------------------------|---------------------|
| Implantação do edifício | Impermeabilização das áreas envolventes | N.º de pisos do edifício acima da cota da soleira | N.º de unidades no edifício | Época de construção |
| <u>Geminado</u> | <u>não impermeabilizados</u> | <u> 0 2 </u> | <u> 0 2 </u> | <u>n.d.</u> |
| | | enterrados | | |
| | | <u> 0 0 </u> | | |

D. CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE

| | | | | |
|----------------------------|-------------------------|----------------------------|-----------------------------|---------------------|
| Uso da unidade | N.º de pisos da unidade | N.º de divisões da unidade | Iluminação natural | N.º de dependências |
| <u>actividade agrícola</u> | <u> 0 2 </u> | <u> 0 2 </u> | <u>totalmente sombreado</u> | <u> _ _ </u> |

E. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- O localdo acima identificado possui um estado de conservação:

| | | | | |
|------------------------------------|------------------------------|---|------------------------------|----------------------------------|
| Excelente <input type="checkbox"/> | Bom <input type="checkbox"/> | Médio <input checked="" type="checkbox"/> | Mau <input type="checkbox"/> | Péssimo <input type="checkbox"/> |
|------------------------------------|------------------------------|---|------------------------------|----------------------------------|
- Existem situações que constituem grave risco para a segurança e saúde públicas e/ou dos residentes:

| | |
|---|------------------------------|
| Sim <input checked="" type="checkbox"/> | Não <input type="checkbox"/> |
|---|------------------------------|

Observações: a situação mais explícita de perigo é o pavimento em madeira do segundo piso ter parcelas muito deterioradas

F. EQUIPA

Nome do técnico: César Pereira Assinatura:
 Nome do técnico: Assinatura:
 Nome do técnico: Assinatura:
 Nome do técnico: Assinatura:

Data de vistoria: 04 | 03 | 2014

CARACTERIZAÇÃO CONSTRUTIVA

A. ESTRUTURA

Fundações

- Alvenaria de pedra
 Alvenaria de tijolo
 Sapatas de betão
 Ensoleiramento geral
 Estacas de madeira
 Estacas de betão
 Outra _____
 Não sabe

Elementos verticais

- Paredes resistentes de alvenaria de pedra
 Paredes resistentes de alvenaria de tijolo ou de blocos de betão
 Paredes resistentes de alvenaria confinada de tijolo maciço ou de blocos de betão
 Pilares de betão armado
 Outra _____
 Não sabe

Pavimentos

- Madeira
 Madeira com vigas metálicas
 Laje maciça de betão armado com vigas
 Laje fungiforme maciça de betão armado
 Laje fungiforme aligeirada de betão armado
 Laje aligeirada de betão armado com vigotas
 Pranchas de betão armado ou pré-esforçado
 Pré-lajes
 Outra _____
 Não sabe

B. COBERTURA

Forma: Inclinação | Em terraço

Esteira horizontal: Sim | Não

Estrutura de suporte

- Madeira
 Madeira
 Metálica
 Laje maciça de betão armado
 Laje aligeirada de betão armado com vigotas
 Vigas / vigotas de betão armado com muretes de alvenaria
 Outra _____
 Não sabe

Revestimento da cobertura em terraço

- Impermeabilização aparente
 Betonilha
 Ladrilho cerâmico ou hidráulico
 Tijoleira
 Seixo rolado
 Outra _____
 Não sabe

Revestimento da cobertura inclinada

- Telha cerâmica
 Telha de betão
 Chapas metálicas
 Chapas plásticas
 Chapas de fibrocimento
 Canaletes de fibrocimento
 Outra Colmo
 Não sabe

Composição da esteira

- Madeira ou derivados de madeira
 Laje maciça de betão armado
 Laje aligeirada de betão armado
 Placas de gesso cartonado/laminado
 Outra _____
 Não sabe

C. PAREDES EXTERIORES

Tosco

- Alvenaria de pedra
 Alvenaria de tijolo com um pano
 Alvenaria de tijolo com dois panos
 Alvenaria blocos de betão de agregados correntes
 Alvenaria de blocos de betão com agregados de argila expandida
 Alvenaria de blocos de betão celular autoclavado
 Outra _____
 Não sabe

Revestimento dos paramentos exteriores

- Reboco
 Azulejo
 Placas de pedra
 ETICS
 Sistema de pintura
 Sem revestimento
 Outro Pedra
 Não sabe

D. VÃOS EXTERIORES

Material do caixilho

- Madeira
 Alumínio simples
 Alumínio com corte térmico
 PVC
 Ferro
 Vãos sem caixilharia
 Outro _____

Tipo de envidraçado

- Vidro simples
 Vidro duplo
 Janela dupla
 Sem vidro
 Outra _____

E. PAREDES INTERIORES

Tosco

- Alvenaria de pedra
 Alvenaria de tijolo com um pano
 Alvenaria de blocos de betão de agregados correntes
 Alvenaria de blocos de betão agregados de argila expandida
 Alvenaria de blocos de betão celular autoclavado
 Tabique de madeira
 Tabique de madeira e alvenaria
 Divisórias leves com painéis de gesso cartonado / laminado
 Outra _____
 Não sabe

Revestimento

- Madeira
 Reboco
 Estuque
 Azulejo
 Placas de pedra natural
 Sistema de pintura
 Sem revestimento
 Outro _____
 Não sabe

F. REVESTIMENTOS DE PISO

Material

- Madeira
 Pedra natural
 Ladrilho cerâmico
 Ladrilho hidráulico
 Linóleo
 Vinílico
 Aglomerado de cortiça
 Betonilha
 Outra _____
 Não sabe

MÉTODO DE AVALIAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE IMÓVEIS – MAEC

ANOMALIAS DE ELEMENTOS FUNCIONAIS

| | Gravidade da anomalia | | | | | Extensão da anomalia | | | | | Não se aplica | Pond. | Pont. | |
|---|--------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|-------|-------|-------------|
| | Muito ligeiras (5) | Ligeiras (4) | Médias (3) | Graves (1) | Muito graves (1) | Pontual (1) | Local (0,95) | Média (0,85) | Extensa (0,75) | Total (0,65) | | | | |
| A. EDIFÍCIO | | | | | | | | | | | | | | |
| 1. Estrutura | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | x 3 = | 12 |
| 1.1. Fundações | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | | |
| 1.2 Estrutura elevada | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | | |
| 1.3 Muros de suporte | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | | |
| 2. Cobertura | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | x 3 = | 7,65 |
| 2.1 Revestimento da cobertura | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | | |
| 2.2 Estrutura de suporte | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | | |
| 2.3 Vãos envidraçados, claraboias e lanternins | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 2.4 Sistema de drenagem de águas pluviais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | |
| 2.5 Outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | |
| 3. Elementos salientes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | x 2 = | 5,1 |
| B. OUTRAS PARTES COMUNS | | | | | | | | | | | | | | |
| 4. Paredes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | x 2 = | 4,5 |
| 5. Revestimentos de pavimentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,85 |
| 6. Tetos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,85 |
| 7. Escadas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 2,0 |
| 8. Caixilharia e portas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,95 |
| 9. Dispositivos de proteção contra queda | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 2,0 |
| 10. Instalação de distribuição de água | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 11. Instalação de drenagem de águas residuais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 12. Instalação de gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 12.1 Instalação de gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 12.2 Armários onde estão contadores e outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 12.3 Aparelhos a gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 12.4 Outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 13. Instalação elétrica e de iluminação | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 13.1 Instalação de terra | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 13.2 Iluminação de emergência e equipamentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 13.3 Instalação de energia e de equipamentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 14. Instalações de telecomunicações e contra a intrusão | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 15. Instalação de ascensores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,3 |
| 16. Instalação de segurança contra incêndio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 17. Instalação de evacuação de lixo | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| C. UNIDADE | | | | | | | | | | | | | | |
| 18. Paredes exteriores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | x 3 = | 2,25 |
| 19. Paredes interiores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | x 2 = | 0,85 |
| 20. Revestimentos de pavimentos exteriores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 21. Revestimentos de pavimentos interiores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,7 |
| 22. Tetos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,7 |
| 23. Escadas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 2,0 |
| 24. Caixilharia e portas exteriores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | x 3 = | 2,85 |
| 25. Caixilharia e portas interiores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,3 |
| 26. Dispositivos de proteção de vãos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 27. Dispositivos de proteção contra queda | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,3 |
| 28. Equipamento sanitário | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,3 |
| 29. Equipamento de cozinha | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,3 |
| 30. Instalação de distribuição de água | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,3 |
| 31. Instalação de drenagem de águas residuais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,3 |
| 32. Instalação de gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,3 |
| 32.1 Instalação de gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 32.2 Armários onde estão contadores e outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 32.3 Aparelhos a gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 32.4 Outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 33. Instalação elétrica | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 2 = | 1,3 |
| 33.1 Instalação de terra | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 33.2 Iluminação de emergência e equipamentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 33.3 Instalação de energia e de equipamentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | | |
| 34. Instalações de telecomunicações e contra a intrusão | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 35. Instalação de ventilação | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 36. Instalação de climatização | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |
| 37. Instalação de segurança contra incêndio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | x 1 = | 0,65 |

D. DESCRIÇÃO DAS ANOMALIAS "GRAVES" OU "MUITO GRAVES"

| N.º do elemento funcional | Relato síntese da anomalia | Identificação das fotografias |
|---------------------------|---|-------------------------------|
| _ _ 2 1 | Revestimento da cobertura_ O colmo, colocado à décadas, deixa passar a água das chuvas em grandes parcelas da cobertura | _____ |
| _ _ 5 | Revestimento de pavimentos_ Um dos quadrantes do piso superior (explicados em projecto) encontra-se parcialmente deteriorado com ataque xilófago | _____ |
| _ _ 6 | Tectos_ Grande parte do ripado que sustenta o colmo encontra-se parcialmente deteriorado com ataque xilófago | _____ |
| _ _ 8 | Caixilharia e portas_ A porta de entrada do gado bem como a janela do piso superior, viradas a Norte, estão em grave estado de conservação | _____ |
| _ _ 1 9 | Paredes interiores_ Uma das paredes, encostada ao terreno e a parede meeira com a casa adjacente estão com inúmeras entradas de humidade e será necessário proceder à drenagem de águas | _____ |
| _ _ _ | | _____ |
| _ _ _ | | _____ |
| _ _ _ | | _____ |

E. OBSERVAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

FICHA DE AVALIAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A. IDENTIFICAÇÃO

Rua/Av.: Rua Principal
 n.º/lote: n.d. andar:
 Freguesia: União Freg. Alhões, Bustelo, Gralheira e Ramires Concelho: Cinfães
 Código postal: 4690-435 Localidade: Vale de Papas

B. FOTOGRAFIAS



C. CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

| | | | | | |
|---|---|---|--|---|------------------------------------|
| Implantação do edifício <u>Isolado</u> | Impermeabilização das áreas envolventes <u>não impermeabilizados</u> | N.º de pisos do edifício acima da cota da soleira <u> 0 1 </u> | N.º de unidades enterradas <u> 0 0 </u> | N.º de unidades no edifício <u> 0 1 </u> | Época de construção <u>n.d.</u> |
|---|---|---|--|---|------------------------------------|

D. CARACTERIZAÇÃO DA UNIDADE

| | | | | |
|--|---|--|---|-------------------------------------|
| Uso da unidade <u>actividade industrial</u> | N.º de pisos da unidade <u> 0 1 </u> | N.º de divisões da unidade <u> 0 1 </u> | Iluminação natural <u>totalmente sombreado</u> | N.º de dependências <u> _ _ </u> |
|--|---|--|---|-------------------------------------|

E. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- O localdo acima identificado possui um estado de conservação:
 Excelente Bom Médio Mau Péssimo
- Existem situações que constituem grave risco para a segurança e saúde públicas e/ou dos residentes:
 Sim Não

Observações:

F. EQUIPA

Nome do técnico: César Pereira Assinatura:
 Nome do técnico: Assinatura:
 Nome do técnico: Assinatura:
 Nome do técnico: Assinatura:

Data de vistoria: 01 | 03 | 2014

CARACTERIZAÇÃO CONSTRUTIVA

A. ESTRUTURA

Fundações

- Alvenaria de pedra
 Alvenaria de tijolo
 Sapatas de betão
 Ensoleiramento geral
 Estacas de madeira
 Estacas de betão
 Outra _____
 Não sabe

Elementos verticais

- Paredes resistentes de alvenaria de pedra
 Paredes resistentes de alvenaria de tijolo ou de blocos de betão
 Paredes resistentes de alvenaria confinada de tijolo maciço ou de blocos de betão
 Pilares de betão armado
 Outra _____
 Não sabe

Pavimentos

- Madeira
 Madeira com vigas metálicas
 Laje maciça de betão armado com vigas
 Laje fungiforme maciça de betão armado
 Laje fungiforme aligeirada de betão armado
 Laje aligeirada de betão armado com vigotas
 Pranchas de betão armado ou pré-esforçado
 Pré-lajes
 Outra Terra _____
 Não sabe

B. COBERTURA

Forma: Inclinação | Em terraço

Esteira horizontal: Sim | Não

Estrutura de suporte

- Madeira
 Madeira
 Metálica
 Laje maciça de betão armado
 Laje aligeirada de betão armado com vigotas
 Vigas / vigotas de betão armado com muretes de alvenaria
 Outra _____
 Não sabe

Revestimento da cobertura em terraço

- Impermeabilização aparente
 Betonilha
 Ladrilho cerâmico ou hidráulico
 Tijoleira
 Seixo rolado
 Outra _____
 Não sabe

Revestimento da cobertura inclinada

- Telha cerâmica
 Telha de betão
 Chapas metálicas
 Chapas plásticas
 Chapas de fibrocimento
 Canaletes de fibrocimento
 Outra _____
 Não sabe

Composição da esteira

- Madeira ou derivados de madeira
 Laje maciça de betão armado
 Laje aligeirada de betão armado
 Placas de gesso cartonado/laminado
 Outra _____
 Não sabe

C. PAREDES EXTERIORES

Tosco

- Alvenaria de pedra
 Alvenaria de tijolo com um pano
 Alvenaria de tijolo com dois panos
 Alvenaria blocos de betão de agregados correntes
 Alvenaria de blocos de betão com agregados de argila expandida
 Alvenaria de blocos de betão celular autoclavado
 Outra _____
 Não sabe

Revestimento dos paramentos exteriores

- Reboco
 Azulejo
 Placas de pedra
 ETICS
 Sistema de pintura
 Sem revestimento
 Outro Pedra _____
 Não sabe

D. VÃOS EXTERIORES

Material do caixilho

- Madeira
 Alumínio simples
 Alumínio com corte térmico
 PVC
 Ferro
 Vãos sem caixilharia
 Outro _____

Tipo de envidraçado

- Vidro simples
 Vidro duplo
 Janela dupla
 Sem vidro
 Outra _____

E. PAREDES INTERIORES

Tosco

- Alvenaria de pedra
 Alvenaria de tijolo com um pano
 Alvenaria de blocos de betão de agregados correntes
 Alvenaria de blocos de betão agregados de argila expandida
 Alvenaria de blocos de betão celular autoclavado
 Tabique de madeira
 Tabique de madeira e alvenaria
 Divisórias leves com painéis de gesso cartonado / laminado
 Outra _____
 Não sabe

Revestimento

- Madeira
 Reboco
 Estuque
 Azulejo
 Placas de pedra natural
 Sistema de pintura
 Sem revestimento
 Outro _____
 Não sabe

F. REVESTIMENTOS DE PISO

Material

- Madeira
 Pedra natural
 Ladrilho cerâmico
 Ladrilho hidráulico
 Linóleo
 Vinílico
 Aglomerado de cortiça
 Betonilha
 Outra _____
 Não sabe

MÉTODO DE AVALIAÇÃO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE IMÓVEIS – MAEC

ANOMALIAS DE ELEMENTOS FUNCIONAIS

| | Gravidade da anomalia | | | | | Extensão da anomalia | | | | | Não se aplica | Pond. | Pont. |
|---|--------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------|-------------------------------------|-------|-------|
| | Muito ligeiras | Ligeiras | Médias | Graves | Muito graves | Pontual | Local. | Média | Extensa | Total | | | |
| | (5) | (4) | (3) | (1) | (1) | (1) | (0,95) | (0,85) | (0,75) | (0,65) | | | |
| A. EDIFÍCIO | | | | | | | | | | | | | |
| 1. Estrutura | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 3 = | 12 |
| 1.1. Fundações | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | |
| 1.2 Estrutura elevada | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | |
| 1.3 Muros de suporte | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | |
| 2. Cobertura | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 3 = | 7,65 |
| 2.1 Revestimento da cobertura | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | |
| 2.2 Estrutura de suporte | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | | |
| 2.3 Vãos envidraçados, claraboias e lanternins | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 2.4 Sistema de drenagem de águas pluviais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | |
| 2.5 Outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | | |
| 3. Elementos salientes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 2 = | 5,1 |
| B. OUTRAS PARTES COMUNS | | | | | | | | | | | | | |
| 4. Paredes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 2 = | 4,5 |
| 5. Revestimentos de pavimentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 1 = | 0,85 |
| 6. Tetos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 1 = | 0,85 |
| 7. Escadas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 8. Caixilharia e portas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 1 = | 0,95 |
| 9. Dispositivos de proteção contra queda | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 10. Instalação de distribuição de água | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 11. Instalação de drenagem de águas residuais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 12. Instalação de gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 12.1 Instalação de gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 12.2 Armários onde estão contadores e outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 12.3 Aparelhos a gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 12.4 Outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 13. Instalação elétrica e de iluminação | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 13.1 Instalação de terra | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 13.2 Iluminação de emergência e equipamentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 13.3 Instalação de energia e de equipamentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 14. Instalações de telecomunicações e contra a intrusão | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 15. Instalação de ascensores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 16. Instalação de segurança contra incêndio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 17. Instalação de evacuação de lixo | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| C. UNIDADE | | | | | | | | | | | | | |
| 18. Paredes exteriores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 3 = | 2,25 |
| 19. Paredes interiores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 2 = | 0,85 |
| 20. Revestimentos de pavimentos exteriores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 21. Revestimentos de pavimentos interiores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 2 = | 1,7 |
| 22. Tetos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 2 = | 1,7 |
| 23. Escadas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 24. Caixilharia e portas exteriores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | x 3 = | 8,55 |
| 25. Caixilharia e portas interiores | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 26. Dispositivos de proteção de vãos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 27. Dispositivos de proteção contra queda | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 28. Equipamento sanitário | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 29. Equipamento de cozinha | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 30. Instalação de distribuição de água | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 31. Instalação de drenagem de águas residuais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 32. Instalação de gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 32.1 Instalação de gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 32.2 Armários onde estão contadores e outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 32.3 Aparelhos a gás | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 32.4 Outros elementos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 33. Instalação elétrica | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 2 = | |
| 33.1 Instalação de terra | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 33.2 Iluminação de emergência e equipamentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 33.3 Instalação de energia e de equipamentos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | | |
| 34. Instalações de telecomunicações e contra a intrusão | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 35. Instalação de ventilação | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 36. Instalação de climatização | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |
| 37. Instalação de segurança contra incêndio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input checked="" type="checkbox"/> | x 1 = | |

D. DESCRIÇÃO DAS ANOMALIAS "GRAVES" OU "MUITO GRAVES"

| N.º do elemento funcional | Relato síntese da anomalia | Identificação das fotografias |
|---------------------------|---|-------------------------------|
| _ _ 1 | Revestimento da cobertura _ O revestimento cerâmico deixa passar a água das chuvas em grandes parcelas da cobertura e como se equaciona a colocação do colmo, este adicionará uma nova protecção da cobertura | _____ |
| _ _ 2 | Estrutura de suporte _O vigamento em madeira encontra-se na proximidade das paredes de alvenaria de pedra, em avançado estado de degradação | _____ |
| _ _ 6 | Tectos_ Grande parte do ripado que sustenta o colmo encontra-se parcialmente deteriorado com ataque xilófago | _____ |
| _ _ 8 | Caixilharia e portas_ A porta de entrada do gado bem como a janela do piso superior, viradas a Norte, estão em grave estado de conservação | _____ |
| _ _ 9 | Paredes interiores_ a rocha do afloramento rochoso, e as poucas pedras que cimentam a cobertura desta parede, deixam entrar grandes percentagens de água pela cobertura | _____ |
| _ _ _ | | _____ |
| _ _ _ | | _____ |
| _ _ _ | | _____ |

E. OBSERVAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

The ICOMOS Charter for the Interpretation and Presentation of Cultural Heritage Sites

DEFINITIONS

For the purposes of the present Charter,

Interpretation refers to the full range of potential activities intended to heighten public awareness and enhance understanding of cultural heritage site. These can include print and electronic publications, public lectures, on-site and directly related off-site installations, educational programmes, community activities, and ongoing research, training, and evaluation of the interpretation process itself.

Presentation more specifically denotes the carefully planned communication of interpretive content through the arrangement of interpretive information, physical access, and interpretive infrastructure at a cultural heritage site. It can be conveyed through a variety of technical means, including, yet not requiring, such elements as informational panels, museum-type displays, formalized walking tours, lectures and guided tours, and multimedia applications and websites.

Interpretive infrastructure refers to physical installations, facilities, and areas at, or connected with a cultural heritage site that may be specifically utilised for the purposes of interpretation and presentation including those supporting interpretation via new and existing technologies.

Site interpreters refers to staff or volunteers at a cultural heritage site who are permanently or temporarily engaged in the public communication of information relating to the values and significance of the site.

Cultural Heritage Site refers to a place, locality, natural landscape, settlement area, architectural complex, archaeological site, or standing structure that is recognized and often legally protected as a place of historical and cultural significance.

OBJECTIVES

In recognizing that interpretation and presentation are part of the overall process of cultural heritage conservation and management, this Charter seeks to establish seven cardinal principles, upon which Interpretation and Presentation—in whatever form or medium is deemed appropriate in specific circumstances—should be based.

Principle 1: Access and Understanding

Principle 2: Information Sources

Principle 3: Attention to Setting and Context

Principle 4: Preservation of Authenticity

Principle 5: Planning for Sustainability

Principle 6: Concern for Inclusiveness

Principle 7: Importance of Research, Training, and Evaluation

Following from these seven principles, the objectives of this Charter are to:

- 1. Facilitate understanding and appreciation** of cultural heritage sites and foster public awareness and engagement in the need for their protection and conservation.
- 2. Communicate the meaning** of cultural heritage sites to a range of audiences through careful, documented recognition of significance, through accepted scientific and scholarly methods as well as from living cultural traditions.
- 3. Safeguard the tangible and intangible values** of cultural heritage sites in their natural and cultural settings and social contexts.
- 4. Respect the authenticity** of cultural heritage sites, by communicating the significance of their historic fabric and cultural values and protecting them from the adverse impact of intrusive interpretive infrastructure, visitor pressure, inaccurate or inappropriate interpretation.
- 5. Contribute to the sustainable conservation** of cultural heritage sites, through promoting public understanding of, and participation in, ongoing conservation efforts, ensuring long-term maintenance of the interpretive infrastructure and regular review of its interpretive contents.
- 6. Encourage inclusiveness** in the interpretation of cultural heritage sites, by facilitating the involvement of stakeholders and associated communities in the development and implementation of interpretive programmes.
- 7. Develop technical and professional guidelines** for heritage interpretation and presentation, including technologies, research, and training. Such guidelines must be appropriate and sustainable in their social contexts.



régua de obra-nivelamento de gravilha



utensílios de pedreiro - formão

argamassa de juntas - colocação na parede



batoneira- aprendizagem de dosagem para argamassa





nivelamento de argamassa - retirar águas e impurezas

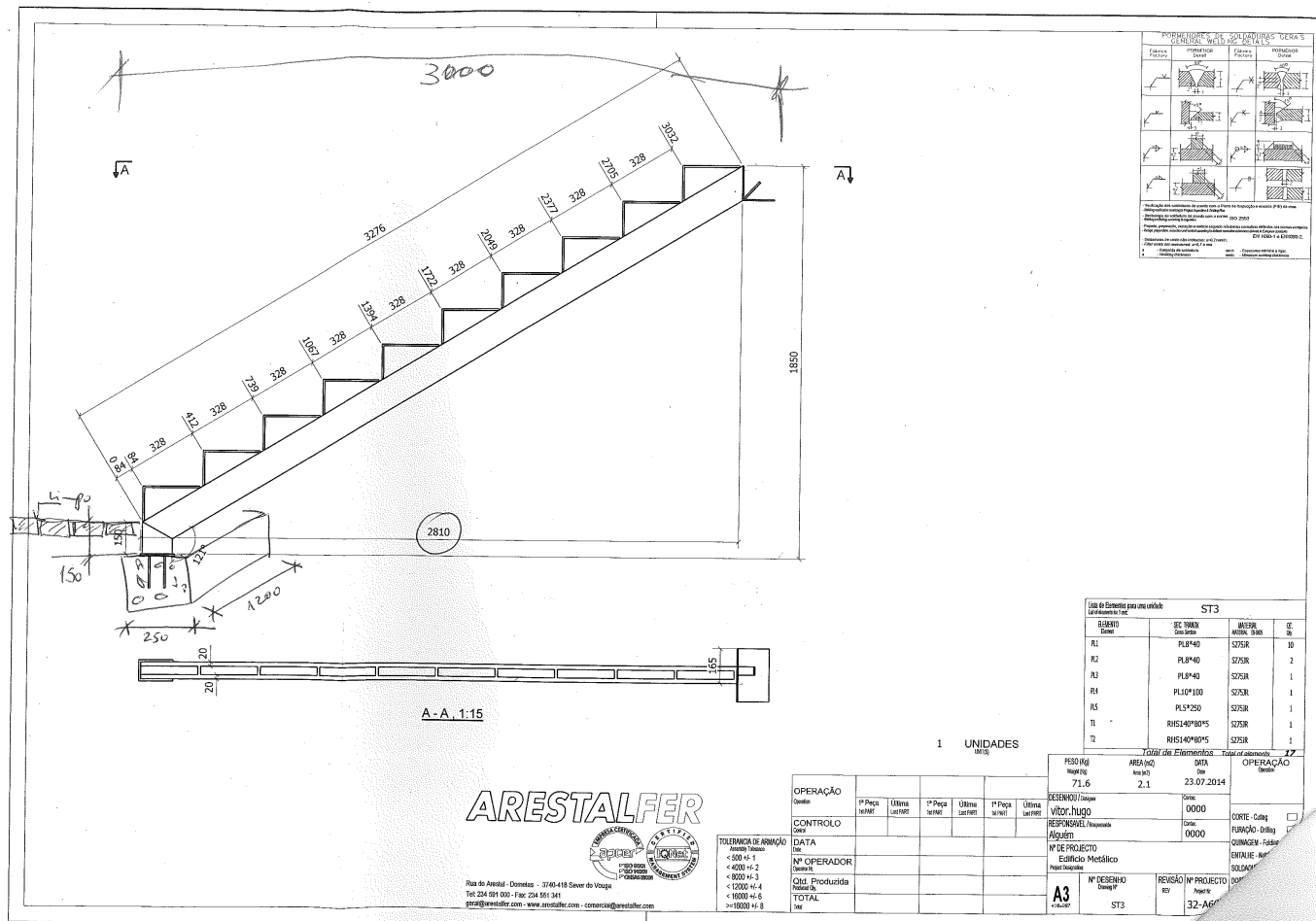
utensílio de pedreiro - martelo pneumático ou "motopico"



níveis com linha - aprendizagem tradicional

"garibalde" - levantamento de pedra - sistema tradicional





POBREZIM E ALI SOLUÇÕES DE CIMA'S

| Coluna | PROTEÇÃO | Coluna | PROTEÇÃO |
|--------|----------|--------|----------|
| 1 | 1 | 2 | 2 |
| 3 | 3 | 4 | 4 |
| 5 | 5 | 6 | 6 |
| 7 | 7 | 8 | 8 |
| 9 | 9 | 10 | 10 |
| 11 | 11 | 12 | 12 |
| 13 | 13 | 14 | 14 |
| 15 | 15 | 16 | 16 |
| 17 | 17 | 18 | 18 |
| 19 | 19 | 20 | 20 |
| 21 | 21 | 22 | 22 |
| 23 | 23 | 24 | 24 |
| 25 | 25 | 26 | 26 |
| 27 | 27 | 28 | 28 |
| 29 | 29 | 30 | 30 |
| 31 | 31 | 32 | 32 |
| 33 | 33 | 34 | 34 |
| 35 | 35 | 36 | 36 |
| 37 | 37 | 38 | 38 |
| 39 | 39 | 40 | 40 |
| 41 | 41 | 42 | 42 |
| 43 | 43 | 44 | 44 |
| 45 | 45 | 46 | 46 |
| 47 | 47 | 48 | 48 |
| 49 | 49 | 50 | 50 |
| 51 | 51 | 52 | 52 |
| 53 | 53 | 54 | 54 |
| 55 | 55 | 56 | 56 |
| 57 | 57 | 58 | 58 |
| 59 | 59 | 60 | 60 |
| 61 | 61 | 62 | 62 |
| 63 | 63 | 64 | 64 |
| 65 | 65 | 66 | 66 |
| 67 | 67 | 68 | 68 |
| 69 | 69 | 70 | 70 |
| 71 | 71 | 72 | 72 |
| 73 | 73 | 74 | 74 |
| 75 | 75 | 76 | 76 |
| 77 | 77 | 78 | 78 |
| 79 | 79 | 80 | 80 |
| 81 | 81 | 82 | 82 |
| 83 | 83 | 84 | 84 |
| 85 | 85 | 86 | 86 |
| 87 | 87 | 88 | 88 |
| 89 | 89 | 90 | 90 |
| 91 | 91 | 92 | 92 |
| 93 | 93 | 94 | 94 |
| 95 | 95 | 96 | 96 |
| 97 | 97 | 98 | 98 |
| 99 | 99 | 100 | 100 |

Lista de Materiais para uma unidade

| QTD | DESCR. MATERIAL | UNID | DE | OP |
|-----|-----------------|------|----|----|
| 10 | PLA 40 | CM | 10 | |
| 2 | PLA 40 | CM | 2 | |
| 1 | PLA 40 | CM | 1 | |
| 1 | PLA 100 | CM | 1 | |
| 1 | PLA 200 | CM | 1 | |
| 1 | RHS 40x80x5 | CM | 1 | |
| 1 | RHS 40x80x5 | CM | 1 | |

TOTAL DE ELEMENTOS: 17

| OPERACAO | DATA | OPERACAO |
|----------|------------|----------|
| 71.6 | 23.07.2014 | 17 |
| 2.1 | | |

RESERVA / Deser: Victor Hugo
RESPONSÁVEL: Alexandre Almeida
Alameda

Nº DE PROJECTO: Engenharia Médica
Projecto: Escadaria

Nº DESENHO: 32-AF
Tamanho: A3

ARESTALFER

Rua do Arco da - Damas - 3740-418 Seiv do Vouga
Tel: 224 591 000 - Fax: 224 591 341
arestalfer.com - www.arestalfer.com - comercial@arestalfer.com

1 UNIDADES

| OPERACAO | QTD | UNID | DE | OP |
|----------|-----|------|----|----|
| 71.6 | 1 | UNID | 1 | |

TOLERANCIA DE ABRIMO

| Dimensão | Tolerância |
|--------------|------------|
| < 500 +1 | |
| < 4000 +1-2 | |
| < 8000 +1-3 | |
| < 12000 +1-4 | |
| < 18000 +1-6 | |
| > 18000 +1-8 | |

IDO 21/1

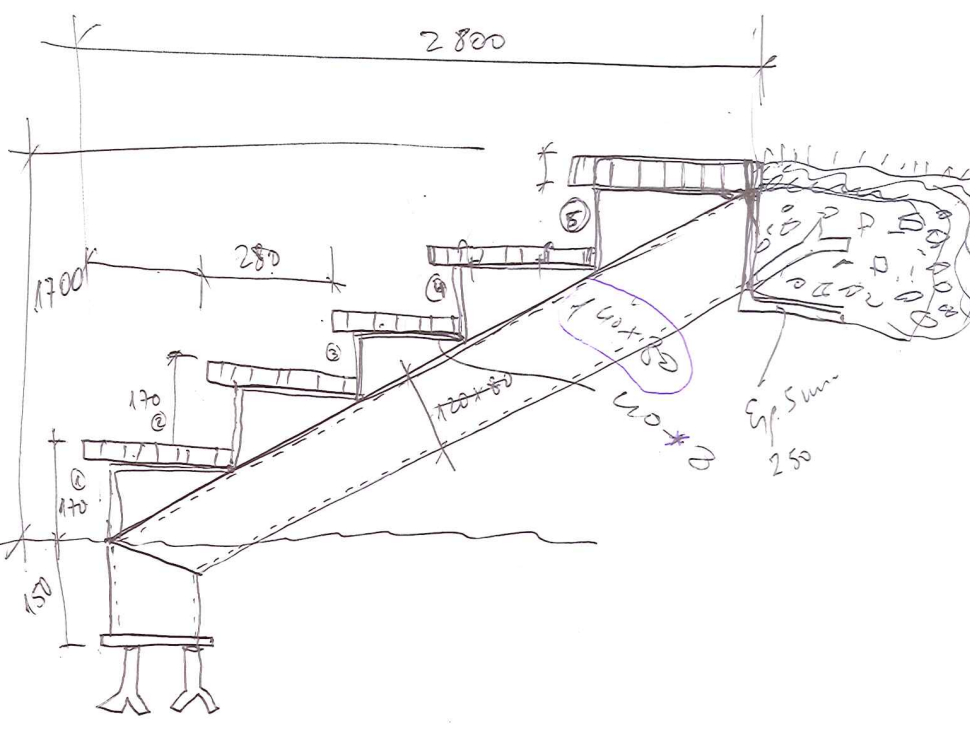
04-08

| OPERACAO | 1ª peça | última | 1ª peça | última | 1ª peça | última | 1ª peça | última | 1ª peça | última |
|-------------------------|---------|--------|---------|--------|---------|--------|---------|--------|---------|--------|
| CONTROLO | | | | | | | | | | |
| DATA | | | | | | | | | | |
| Nº DO OPERADOR | | | | | | | | | | |
| QUANT. FABRICADA | | | | | | | | | | |
| SOBANTORIO | | | | | | | | | | |
| QUANT. | | | | | | | | | | |
| DESIGNACAO DO MATERIAL: | | | | | | | | | | |
| NORMA: | | | | | | | | | | |
| TIPO MATERIAL: | | | | | | | | | | |
| PESO/Kg: | | | | | | | | | | |

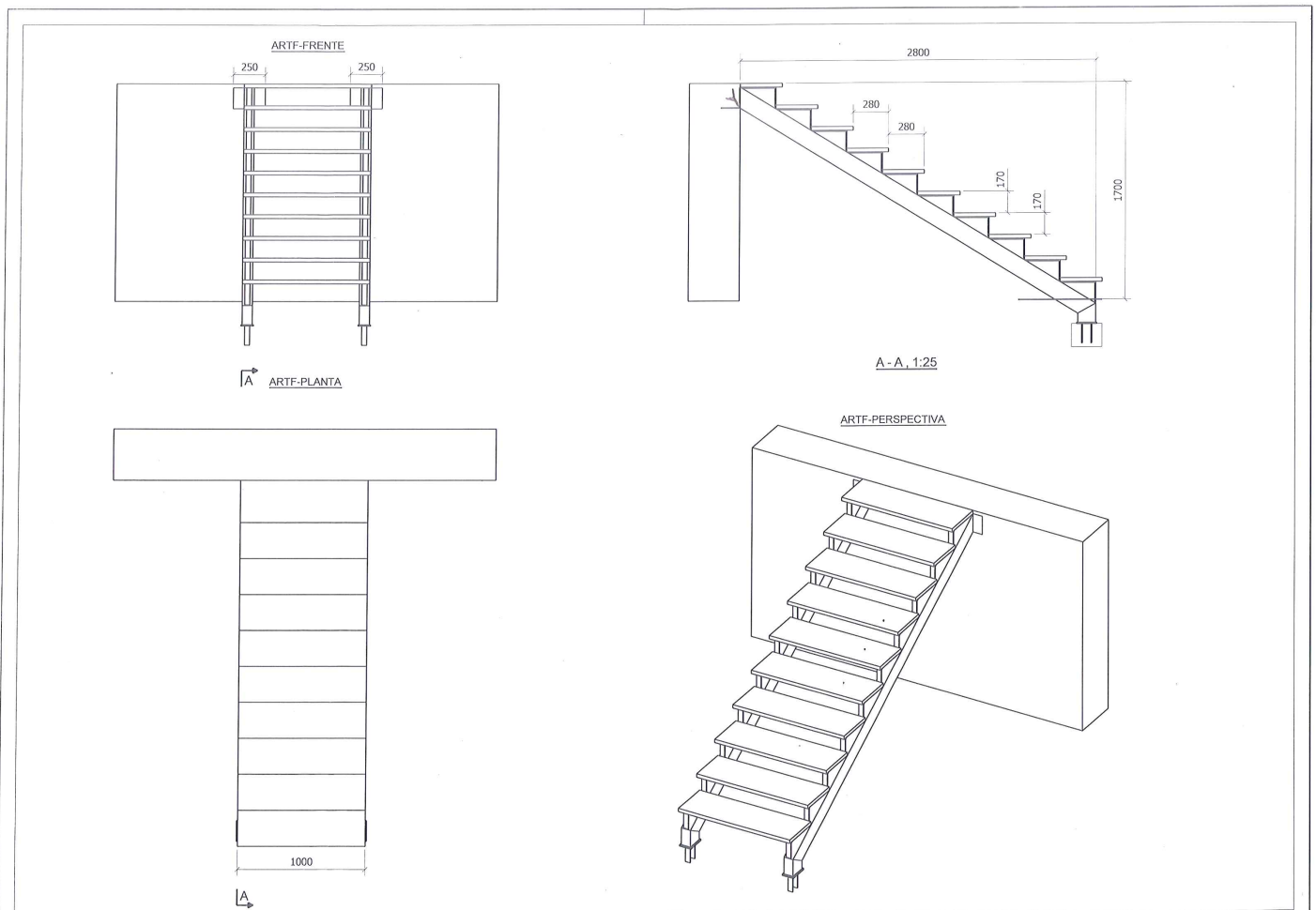
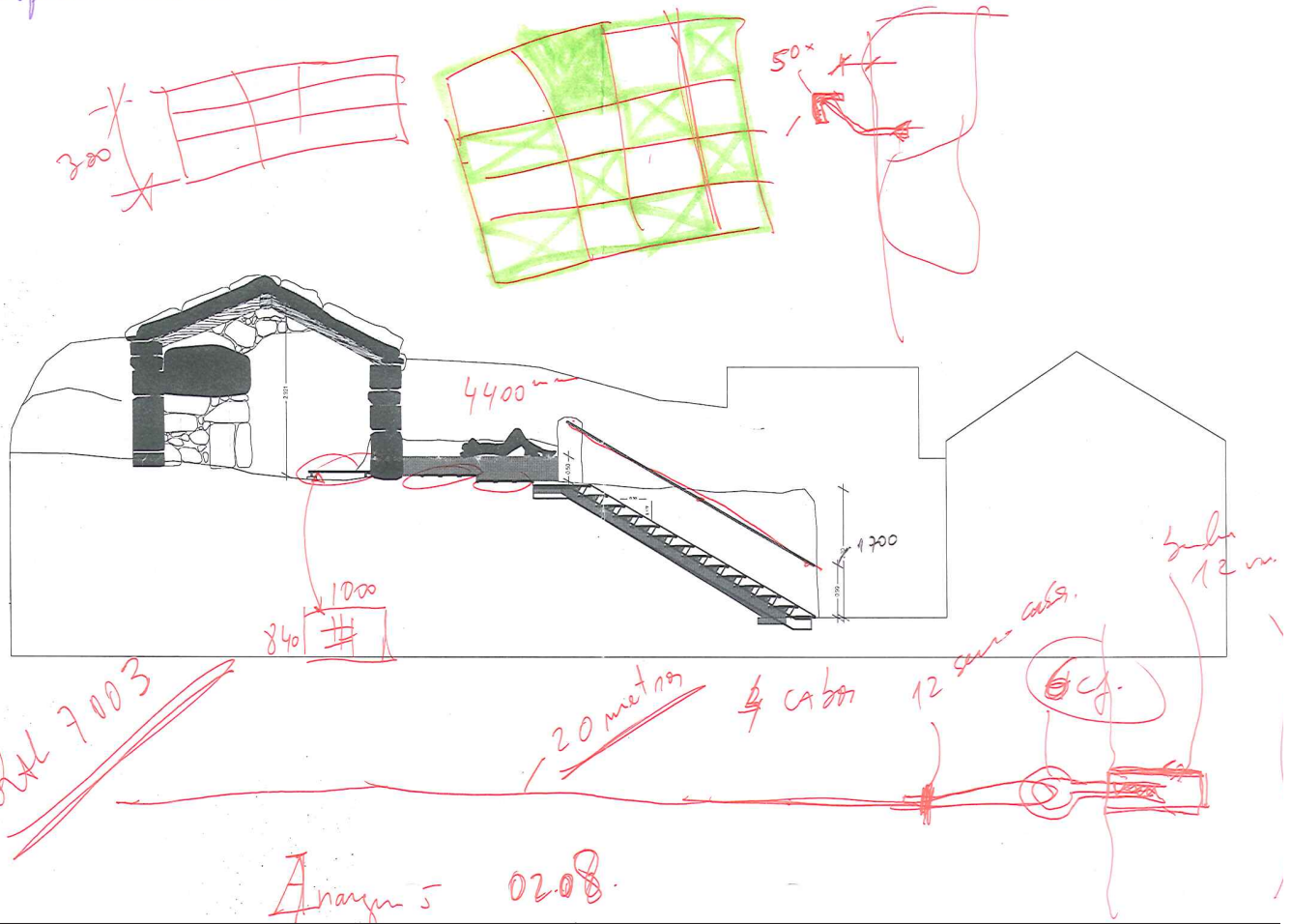
Designação: 32-AF

ARESTALFER

Endereço: Rua do Arco da - Damas - 3740-418 Seiv do Vouga
Tel: 224 591 000 - Fax: 224 591 341
arestalfer.com - www.arestalfer.com - comercial@arestalfer.com



@Sarpereira - arq@gmail.com



César Pereira
Setembro de 2014



